

GABRIELA BARBOZA

**EM BUSCA DO ESPAÇO PERDIDO? UM ESTUDO DO ESTATUTO DA NOÇÃO  
DE ESPAÇO EM ÉMILE BENVENISTE**

Porto Alegre

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO

**EM BUSCA DO ESPAÇO PERDIDO? UM ESTUDO DO ESTATUTO DA NOÇÃO  
DE ESPAÇO EM ÉMILE BENVENISTE**

**GABRIELA BARBOZA**

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. CARMEM LUCI DA COSTA SILVA**

Dissertação de mestrado em Teorias do Texto e do Discurso, apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre

2013

*A meu pai.*

## AGRADEÇO

À CAPES, por ter possibilitado minha atuação como docente no Programa de Apoio à Graduação (PAG) – Português, além do valoroso apoio financeiro, sem o qual teria sido impraticável esta travessia.

Às professoras Dra. Karina Giacomelli, Ms. Maria do Socorro de Almeida Farias-Marques e Dra. Vera Lúcia Pires, por crerem no meu esforço e pelas orientações acadêmicas e de vida. Vocês são meus exemplos, meninas!

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, pela acolhida agradável e pelo suporte necessário para a consecução de meu objetivo. Já me sinto como em casa e espero ser bem-vinda em outros momentos e espaços!

Aos meus pais, Luiz e Linda, por terem entendido, sempre que possível, minhas constantes ausências nos espaços de convivência. Orgulho-me infinitamente de vocês, dos seus esforços, de suas conquistas e de sua dignidade. Tenho-os como exemplo e motivação de vida. Mãe e Pai, obrigada por sempre esperarem por mim e por não me deixarem desistir!

Aos meus irmãos, Graci e Léo, por sempre me lembrarem que “há vida fora dos livros”, por me amarem incondicionalmente, independentemente de nossas diferenças.

Aos meus amigos de Santa Maria, Martina, Rodrigo, Thiago, Guilherme, Mariáh, Daiana, que me fizeram rir, crescer, e que me ajudaram a “virar gente” nos meus cinco anos de vivências no coração do Rio Grande.

Às “shantis” Anna e Gabriela, que tornaram a travessia do deserto menos sufocante e mais leve. Muito obrigada, gurias, pelas risadas, pelas alegrias e pelas palavras de apoio!

À equipe do PAG-Português pela confiança, pelo respeito, pelas alegrias, pelas amizades. A presença de todos e de cada um de vocês foi fundamental para a minha caminhada como professora.

Ao amigo Guilherme pela companhia, pela parceria, pela disposição, pelas discussões, enfim, pela amizade bacana construída em meio à solidão e à cerveja.

Aos “irmãos” Caterine e Igor, pela presença de sempre, pelas risadas de sempre, pela vida mais leve.

À minha amiga ciganinha, Vanessa, pela alegria contagiante e pela disposição que nunca se esgota!

Aos queridos Germana, Renata e Vitor. Através de vocês pude me reconhecer no meio acadêmico e me sentir à vontade para ser eu.

À Aline, pelo olhar especializado, pela paciência para ler meu texto e pelas contribuições para sua qualificação.

Aos professores Dr. Valdir Flores e Dra. Marlene Teixeira, por me terem permitido presenciar suas aulas, participar das discussões e tirar minhas (muitas) dúvidas. Sem a interlocução de vocês meu caminho teria sido traçado com menos aprendizados e com menos humildade. Foi uma honra conhecê-los e estar próxima de vocês, pois, a partir disso, tive a consciência de que muito pouco sei e de que há muito a aprender.

Aos colegas de mestrado, por compartilharem dos mesmos medos e dúvidas, e, em especial, às colegas Bruna, Laura, Luana e Verônica, por me mostrarem sua história e aceitarem fazer parte da minha. É sempre muito valioso conversar com quem entende o que estamos sentindo.

À minha orientadora, Profa. Dra. Carmem Luci da Costa Silva, meu eterno agradecimento pela equilibrada orientação, pelas incansáveis esperas e leituras, pela inestimável compreensão nos diversos momentos difíceis, pelas fortalecedoras e incessantes palavras de incentivo, pela absoluta disponibilidade, pelo exemplo impecável de profissional que é, pelo carinho e amizade que me dedicou... Meu agradecimento, Professora Carmem, está para além, certamente, das páginas desta dissertação: trata-se de agradecer por ter feito parte da minha vida nesse período.

Enfim, a todos que, de algum modo, fizeram parte da construção deste trabalho.

*Os tentáculos da escrita. A escrita é um polvo, um molusco versátil. Tem infinitos recursos. Escapa sempre. Abstractiza-se. Disfarça-se, adensa-se, adelgaça-se, esconde-se. Impele-se rápida. Compreende tudo: ascese, consolo íntimo, entrega; fluxos, refluxos, invasões, esvaziamentos, obstinação feroz. O seu rigor é místico. É uma infinita demanda. Perscruta o inaudito. Sideral Alice atravessa todas as portas, todos os espelhos. Cruza, descobre, inventa universos. A escrita é um fragmento de espanto, já alguém o disse.*

Ana Hatherly

## RESUMO

Esta dissertação se dedica a empreender um estudo sobre a noção de *espaço* nas obras *Problemas de Linguística Geral I e II*, de Émile Benveniste. Devido à constatação de uma lacuna no que diz respeito aos estudos de *espaço* no âmbito enunciativo brasileiro, e pelo fato de Benveniste ser considerado o responsável pelos estudos das noções de pessoa-tempo-espaço, urge abordar a noção que, conforme Fiorin (2008), fora pouco estudada pelo semanticista sírio. Dito de outro modo, há uma falta observada no que tange ao tratamento do *espaço*, cujo espaço pretende-se preencher, em alguma medida, com esta investigação. Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é o de encontrar o *espaço* na teoria enunciativa de Émile Benveniste. Não obstante, há ainda outros cinco objetivos, de caráter mais específico, e que, na medida em que os capítulos são desenvolvidos, são atendidos. São eles: 1) mostrar e descrever como o *espaço* comparece nos estudos linguísticos brasileiros, principalmente nos estudos gramaticais e nos estudos específicos de Linguística da Enunciação, com a observação da teoria linguística que sustenta sua reflexão; 2) verificar em que medida a falta de estudos sobre a noção-categoria de *espaço* é tributária da suposta falta de estudos desenvolvidos na obra de quem é considerado o responsável por delinear as noções de *pessoa-tempo-espaço*, o linguista Émile Benveniste; 3) demonstrar que há a presença de estudos sobre *espaço* na obra do autor; 4) observar e descrever o modo de inserção da reflexão sobre *espaço* em Benveniste; 5) propor um modo de leitura da configuração da noção de *espaço*, de modo a desenvolver operadores de leitura e de análise da noção. Por compreender a necessidade de uma pesquisa mais ampla relativa ao *espaço* do que a busca somente na obra benvenistiana, é desenvolvida uma investigação em gramáticas de língua portuguesa e em periódicos brasileiros no campo dos estudos linguísticos. Após isso, parte-se para a problematização da falta de estudos sobre *espaço* e para a pesquisa propriamente dos textos benvenistianos. Buscando definir os passos da dissertação, são explicitados os critérios de escolha dos textos-base para esta investigação. Com os textos escolhidos, passa-se à leitura de excertos que contenham palavras pertinentes ao estudo e, a partir disso, à análise com os operadores *ideia* e *emprego* para verificar em que medida o *emprego* das palavras encontradas está relacionado ao constructo enunciativo benvenistiano. Constatada a presença da noção de *espaço* na obra do linguista, apresenta-se relações dela com a noção de *tempo*, além do estabelecimento de leituras e deslocamentos de leitura do *espaço*, como a diferenciação de *espaço topológico* e *espaço enunciativo* e a sistematização de *espaço DE* e *DA enunciação*. Por fim, espera-se, com esta investigação, apresentar contribuições para o campo da Linguística da Enunciação, de modo geral, e da teoria da enunciação de Émile Benveniste, de modo específico, na medida em que se traz à baila uma temática por ora pouco abordada pelos estudiosos, mas de grande pertinência para a sedimentação desse campo disciplinar no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço. Enunciação. Benveniste.

## RÉSUMÉ

Cette dissertation est consacrée à entreprendre une étude sur la notion d'espace dans les œuvres Problèmes de Linguistique Générale I et II, d'Émile Benveniste. En raison de la constatation d'une lacune en ce qui concerne les études d'espace dans le champ d'action de l'énonciation au Brésil, et par le fait d'être Benveniste considéré comme responsable des études des notions de personne-temps-espace, il est urgent d'aborder la notion qui, selon Fiorin (2008), avait été peu étudié par le sémanticien syrien. En d'autres termes, il y a une manque observée en ce qui concerne le traitement de l'espace, un espace destiné à être rempli, dans une certaine mesure, avec cette enquête. Dans ce sens, l'objectif général de ce travail est de trouver l'espace de l'espace dans la théorie énonciative d'Émile Benveniste. Néanmoins, il y a encore cinq buts de caractère plus spécifique qui, dans la mesure où les chapitres sont développés, sont atteints. Ils sont les suivants: 1) montrer et décrire comment l'espace apparaît dans les études linguistiques au Brésil, en particulier dans les études grammaticales et les études spécifiques de la Linguistique de l'Énonciation, avec l'observation de la théorie linguistique qui tient sa réflexion, 2) déterminer dans quelle mesure l'absence d'études sur la notion-catégorie d'espace est tributaire de la supposée absence d'études dans l'oeuvre de celui qui est considéré comme responsable de la délimitation des notions de personne-temps-espace, le linguiste Émile Benveniste, 3) démontrer qu'il y a la présence d'études sur espace dans ses œuvres; 4) observer et décrire le mode d'insertion de la réflexion sur l'espace dans le travail de Benveniste, 5) proposer un moyen de lire la configuration de la notion d'espace, de sorte à développer opérateurs de lecture et d'analyse de la notion. Par la compréhension de la nécessité d'une étude plus large sur l'espace que la recherche exclusive dans l'oeuvre benvenistienne, une enquête est développée dans les grammaires de langue portugaise et dans les revues scientifiques brésiliens sur les études linguistiques. À la suite, on part pour la problématisation de l'absence d'études sur l'espace et pour la recherche proprement des textes de Benveniste. À la recherche de la meilleure façon possible de définir les étapes de la dissertation sont explicités les critères pour le choix des documents de référence pour cette enquête. Après avoir choisi les textes, on va à la lecture et l'analyse d'extraits contenant des mots pertinents pour l'étude et, à partir de cela, on vérifie la mesure dans laquelle l'emploi de mots trouvés est liée à la construction énonciative benvenistienne. Une fois constatée la présence de la notion d'espace dans l'oeuvre du linguiste, on présente ses relations avec la notion du temps, au-delà de la mise en place de systématisations et de déplacements de lecture de l'espace. Enfin, on espère, avec cette enquête, présenter des contributions au champ de la Linguistique de l'Énonciation, d'une manière générale, et à la théorie de l'énonciation d'Émile Benveniste, en particulier, dans la mesure où on mentionne un thème pour l'instant rarement abordé par les chercheurs, mais d'une grande importance pour la consolidation de ce champ disciplinaire au Brésil.

Mots-clés: Espace. Énonciation. Benveniste.



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Instituições e disciplinas pesquisadas nos cursos de Letras do Brasil..	23
<b>Quadro 2</b> – Periódicos com seus respectivos conceitos Qualis .....	55
<b>Quadro 3</b> – Relação entre artigos pesquisados e referências à Teoria da Enunciação de Benveniste encontradas nos periódicos .....	56
<b>Quadro 4</b> – Publicações periódicas por temas/eixos .....	58
<b>Quadro 5</b> – Ordem cronológica dos artigos constantes em <i>PLGI</i> .....	76
<b>Quadro 6</b> – Ordem cronológica dos artigos constantes em <i>PLG II</i> .....	77
<b>Quadro 7</b> – Organização dos textos selecionados em 2.2 de acordo com os critérios de Normand (2009b) .....	91
<b>Quadro 8</b> – Excertos e trechos de palavras significativas .....	123

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – <b>Gráfico:</b> Porcentagem de referências a Benveniste nos periódicos pesquisados .....	56
<b>Figura 2</b> – <b>Diagrama:</b> Coordenadas e relações espaço-temporais.....	127
<b>Figura 3</b> – <b>Diagrama:</b> Sistematização da reflexão sobre espaço.....	139
<b>Figura 4</b> – <b>Diagrama:</b> Relações entre espaço DA enunciação marcado e possibilidades de sentidos.....	140

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>11</b>
<b>1 DAS PESQUISAS NO BRASIL: ENTRE GRAMÁTICAS E PERIÓDICOS, QUAL O LUGAR DO ESPAÇO? .....</b>	<b>20</b>
1.1 A PESQUISA NOS PROGRAMAS DE LETRAS DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS.....	23
1.2 O ESPAÇO NAS GRAMÁTICAS BRASILEIRAS .....	25
1.2.1 <i>Gramática de usos do português</i> , de Maria Helena de Moura Neves .....	26
1.2.2 <i>Nova Gramática do português contemporâneo</i> , de Celso Cunha e Luis Felipe Lindley Cintra .....	27
1.2.3 <i>Moderna gramática brasileira</i> , de Celso Pedro Luft .....	29
1.2.4 <i>Moderna gramática brasileira</i> , de Evanildo Bechara .....	31
1.2.5 <i>Gramática do português falado, volume II: níveis de análise linguística</i> , de Rodolfo Ilari .....	32
1.2.6 <i>Gramática do português falado, volume VIII: novos estudos descritivos</i> , de Maria Bernadete Abaurre e Angela Rodrigues.....	33
1.3 SOBRE O ESTUDO DO ESPAÇO NAS GRAMÁTICAS E AS TEORIAS SUBJACENTES A ELAS.....	34
1.4 A PROBLEMÁTICA DA ENTRADA DE ÉMILE BENVENISTE NO BRASIL LIGADA A DIFERENTES PERSPECTIVAS TEÓRICAS .....	37
1.5 A ENTRADA DE ÉMILE BENVENISTE NO BRASIL VIA LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO .....	49
1.6 A DIVULGAÇÃO DE ÉMILE BENVENISTE NO BRASIL: AS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS .....	54
1.7 SOBRE A AUSÊNCIA DE TRABALHOS DEDICADOS À NOÇÃO DE ESPAÇO .....	60
1.8 SOBRE A URGÊNCIA DE TRABALHOS DESTINADOS À NOÇÃO DE ESPAÇO COM BASE EM ÉMILE BENVENISTE.....	62

<b>2 COMO LER O ESPAÇO EM BENVENISTE? UM ESBOÇO DE MÉTODO DE ENTRADA NA OBRA .....</b>	<b>68</b>
2.1 PRIMEIRO CRITÉRIO DE SELEÇÃO: ENCONTRANDO O ESPAÇO .....	74
2.2 SEGUNDO CRITÉRIO DE SELEÇÃO: REFINANDO O ESPAÇO.....	88
2.3 REFLETINDO SOBRE O ESPAÇO: ENCAMINHAMENTOS.....	93
<b>3 DO ESPAÇO BENVENISTIANO A NOVOS ESPAÇOS OU SOBRE COMO A TEORIZAÇÃO DO ESPAÇO PERMITE INÚMERAS RELAÇÕES .....</b>	<b>95</b>
3.1 LEITURA DOS TRECHOS: A <i>IDEIA</i> E O <i>EMPREGO</i> .....	98
3.1.1 <i>Comunicação animal e linguagem humana</i> .....	98
3.1.2 <i>Categorias de pensamento e categorias de língua</i> .....	101
3.1.3 <i>A natureza dos pronomes</i> .....	104
3.1.4 <i>Da subjetividade na linguagem</i> .....	107
3.1.5 <i>A linguagem e a experiência humana</i> .....	108
3.1.6 <i>O aparelho formal da enunciação</i> .....	109
3.1.7 <i>Estrutura da língua e estrutura da sociedade</i> .....	110
3.1.8 <i>A forma e o sentido na linguagem</i> .....	112
3.1.9 <i>Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana</i> .....	115
3.2 REFLETINDO A PRESENÇA DO ESPAÇO .....	116
3.3 DO ESPAÇO A NOVOS ESPAÇOS: O QUE A LEITURA DE BENVENISTE NOS PERMITE CONSTRUIR EM RELAÇÃO AO <i>ESPAÇO</i> ?.....	120
3.3.1 Separados por um hífen? As relações entre tempo e espaço e seus possíveis deslocamentos .....	121
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>142</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>149</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Se me explico, me implico:  
não posso a mim mesmo interpretar.*

Friedrich Nietzsche

Escrever, mesmo que poucas páginas, sobre um autor de pensamento tão grandioso como Émile Benveniste é algo deveras amedrontador. Qualquer palavra escrita a respeito do pensamento benvenistiano é, de alguma forma, redutora, pois seu pensamento não cabe em poucas páginas, tampouco em muitas. Teixeira (2004, p. 7) afirma que “Benveniste não é apenas um autor que não nos cansamos de reler; é também um fundador de discursividade. A extraordinária potência de seu pensamento permite a produção de conhecimentos, em diferentes campos [...]”. De fato, diversas são as áreas e os estudos que se valem das pesquisas benvenistianas para desenvolver suas investigações, e é possível comprová-lo com o simples ato de pesquisar seu nome em um sítio de buscas para verificar a diversidade de relações e enlaces em que o autor figura.

O compromisso e a seriedade com que Benveniste encara, descreve e analisa os fatos de língua que, até então, eram tidos como óbvios e assentes, demonstram, desde nosso ponto de vista, a assunção, por parte do sírio, das tarefas do linguista<sup>1</sup>, conforme propostas pelo mestre genebrino. Podemos, sem titubear, afirmar que *Benveniste é o linguista sonhado por Saussure*, ainda que eles não tenham se conhecido devido às impossibilidades de tempo e de espaço, ou melhor, que Benveniste, por reconhecer-se como linguista, e por reconhecer em Saussure sua maior influência na área, toma para si, mesmo que não declaradamente, as tarefas preditas pelo fundador da linguística moderna.

---

<sup>1</sup> Embora o título dado ao capítulo do *Curso de Linguística Geral (CLG)*, de Ferdinand de Saussure, em que constam tais tarefas, refira-se à “Matéria e tarefa da **Linguística**”, entendemos, por metonímia, que essas são também as tarefas do linguista, uma vez que não há ciência sem seus cientistas.

Benveniste desempenhou, a seu modo, as três tarefas preconizadas por Saussure. O linguista genebrino<sup>2</sup> define, no segundo capítulo da versão brasileira de sua obra póstuma – *Curso de Linguística Geral* –, como tarefas da Linguística:

- a) Fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger [...];
- b) Procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- c) Delimitar-se e definir-se a si própria. (SAUSSURE, 1995, p. 13)

Semelhante às tarefas de Hércules – apesar de, no caso em discussão, serem três e não doze –, Benveniste assumiu para si o árduo desafio de ser um linguista e de “pregar” entre seus pares quais deveriam ser suas incumbências. Em vez de hidras, leões, javalis, gigantes, descer ao mundo dos mortos – caso de Hércules –, línguas as mais diversas, das mais diferentes culturas e das mais distintas origens, tendo por objetivo maior o estudo da significação. No lugar de “penitência” (a que Hércules fora submetido), o estudo das línguas assemelha-se, guardadas as diferenças, ao ouvir – sem nenhum prejuízo – o canto irresistível das sereias, narrado na mais célebre épica da sociedade ocidental, *A Odisseia*, de Homero.

Tendo consciência de toda a complexidade em se abordar o pensamento da monta de Émile Benveniste, e, ainda que não me sinta autorizada a escrever com base nas reflexões linguísticas do autor – já que há tantos estudiosos na área que leem brilhante e impecavelmente a obra do sírio, e, mais, desenvolvem deslocamentos, novas proposições e questionamentos –, insiro-me neste espaço com muito respeito, apreensão e cuidado.

Em primeiro lugar, tenho respeito pela grandiosidade do legado das ideias de Benveniste e, também, pelos seus leitores que têm, árdua e magnificamente, se dedicado a explicar-deslocar-questionar-responder-ouvir com/para/entre/os textos do autor. Em segundo lugar, apreensão, por ser este meu primeiro estudo sistematizado e de grande porte no que diz respeito ao pensamento benvenistiano. Em terceiro, cuidado, para não incorrer no equívoco de distorcer o pensamento do

---

<sup>2</sup> Tenho conhecimento da problemática da autoria do *Curso de Linguística Geral* atribuída a Saussure; no entanto, retiro-me dessa discussão, que não é foco deste estudo, e permaneço considerando o mestre o autor do *Curso*.

mestre, não transformar em categorias de análise questões que eram conceitos filosóficos, e, principalmente, cuidado para não reduzir o pensamento do linguista a uma mera listagem de definições que não se relacionem entre si, bem como para não apontar para leituras superficiais que não condizem com a profundidade de pensamento benvenistiano.

Explicitado os fatores que constituem a leitura da teoria esboçada por Benveniste – um desafio a ser vencido quando se almeja desenvolver um estudo minimamente coerente – e o modo como me insiro na escrita desta dissertação, cabe-me, neste momento, explicitar meus objetivos geral e específico, sendo o primeiro **encontrar o espaço do espaço na teoria enunciativa de Émile Benveniste**.

Por sua vez, os objetivos específicos visam a responder a algumas questões de pesquisa que surgiram quando da prospecção do presente trabalho. São elas: Como o *espaço* comparece nos estudos linguísticos brasileiros? Há a presença de estudos do *espaço* na obra de Benveniste? Caso haja, pressupõe-se que o estudo deva ser bastante tímido, se comparado aos estudos das categorias de *pessoa* e *tempo*, visto haver capítulos intitulados com tais termos. Neste caso, é possível formular alguma sistematização do modo de configuração do *espaço*?

A partir de tais questionamentos, passei a formular os objetivos que, de certo modo, almejei alcançar por meio da divisão dos capítulos, como se observará a seguir. São objetivos específicos deste trabalho: **1) mostrar e descrever como o espaço comparece nos estudos linguísticos brasileiros, principalmente nos estudos gramaticais e nos estudos específicos de linguística da enunciação, com a observação da teoria linguística que sustenta a reflexão (Capítulo 1); 2) verificar em que medida a falta de estudos sobre a noção-categoria de espaço é tributária da suposta falta de estudos desenvolvidos na obra de quem é considerado o responsável por delinear as noções de *pessoa-tempo-espaço*, o linguista Émile Benveniste (Capítulo 2); 3) demonstrar que há a presença de estudos sobre *espaço* na obra do autor (Capítulos 2 e 3); 4) observar e descrever o modo de inserção da reflexão sobre *espaço* em Benveniste (Capítulos 2 e 3); 5) propor nosso modo de leitura da configuração da noção de *espaço*, de modo a desenvolver operadores de leitura e de análise da noção.**

Ora, ao empreender um estudo que tem como eixo central a noção de espaço em uma teoria da enunciação específica, busco deslinearizar, tirar da superficialidade algumas questões de grande importância para a Linguística da Enunciação.

Considero pertinente, agora, trazer à tona as motivações que me inclinaram a desenvolver esta pesquisa. Por isso, passo a relatar brevemente quais foram as condições que me levaram a ter tal interesse.

\*

Todos nós, alunos de cursos de Letras, de algum modo, já ouvimos falar de teorias da enunciação/Linguística da Enunciação. Muitos de nós, também, relacionam aos sintagmas acima mencionados o nome de Émile Benveniste, a subjetividade e as categorias de pessoa-tempo-espaço como sendo o único autor e as únicas questões que dizem respeito ao campo disciplinar da Linguística da Enunciação. Alguns, ainda, imputam ao autor o desenvolvimento de uma “teoria egocentrista do sujeito” na qual o sujeito seria a fonte de seu dizer.

Em circunstâncias bastante semelhantes às acima descritas, licenciiei-me no curso de Letras-Português. À exceção de não relacionar unicamente Émile Benveniste ao campo da Enunciação e de não concordar com as afirmações de o autor ter desenvolvido essa tal “teoria egocentrista do sujeito”, trazia como verdadeiras as demais questões a respeito da Linguística da Enunciação.

No entanto, ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, deparei-me com diversas questões que instabilizaram o que já havia sido por mim tomado como verdadeiro e imutável. Dentre as diversas inquietações, ressalto a que me motivou a desenvolver este trabalho: a noção de *espaço* em textos dos dois volumes de *Problemas de Linguística Geral* de Émile Benveniste.

O interesse por tal temática surgiu em função dos debates desenvolvidos em uma das disciplinas do Programa a respeito das categorias/noções de pessoa-tempo-espaço na obra de Benveniste. A partir disso, busquei, sumariamente, nos dois volumes de *PLG*, termos e noções que se referissem e se relacionassem, direta ou indiretamente, ao estudo do espaço da/na enunciação, e, para minha surpresa, encontrei pouquíssimas ocorrências. Em contrapartida, sequer seria necessário

fazer uma busca muito minuciosa para encontrar, em diversos textos do autor, a explicitação de sua preocupação com as noções de pessoa e tempo. Em muitos deles, como, por exemplo, *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956), *A linguagem e a experiência humana* (1965), entre outros, é possível observar que o autor teoriza a respeito das duas noções. E o espaço do espaço? Este não parecia ser tão longamente desenvolvido quanto os outros.

Não obstante, considerei cuidadosa e apropriada a ampliação de minha investigação, e empreendi uma breve busca em periódicos por textos que abordassem, de algum modo, a noção de espaço. Por saber que o Rio Grande do Sul é celeiro de produção acadêmica no Brasil em relação à Linguística da Enunciação, detive-me em periódicos sul-riograndenses. Porém, nem mesmo no Estado em que mais se produz sobre a área obtive resultados satisfatórios.

A constatação da ausência de estudos – tanto da noção quanto da categoria – de espaço passou a se tornar alvo de minha atenção. Em geral, há trabalhos que afirmam desenvolver análises das categorias de pessoa-tempo-espaço, entretanto, ao lê-los, é facilmente verificável que os estudos são bastante sistematizados e detalhados sobre pessoa e tempo mas quase inexistentes sobre espaço. Ora, se cada noção não trata do mesmo aspecto, se cada uma tem alcances diversos, se são de ordens diferentes, na teoria benvenistiana, é inaceitável que as usemos sem distinção e que sigamos afirmando que temos estudos sobre “pessoa-tempo-espaço” sem que de fato isso ocorra. No entanto, se não há estudos sobre a noção de espaço, como então diferenciá-la das outras? Como saber quais são seus fundamentos?

Diante disso, inclinei-me fortemente a tentar desfazer minhas dúvidas em relação à noção de espaço em Benveniste e a escolhi como meu objeto de estudo. Embora este estudo seja considerado por alguns como inócuo e entediante, minhas motivações pessoais e acadêmicas sobrelevaram-se aos argumentos contrários e mantive-me totalmente interessada em descobrir, tal qual um explorador, por que caminhos andaria a noção de espaço nas terras benvenistianas. Observo que meu trabalho pode contribuir para o campo de dois modos:



- Por ser um campo disciplinar relativamente recente no Brasil, a Linguística da Enunciação carece, todavia, de sistematizações para a consolidação dos estudos enunciativos no cenário nacional. Isso requer que os mais diversos temas sejam abordados pelos estudiosos que se filiam ao campo, para que, assim, seja possível, de alguma maneira, evidenciar o potencial de amplitude teórico-metodológica da teoria enunciativa de Benveniste.

- Além disso, ao dar visibilidade à lacuna encontrada no âmbito dos estudos enunciativos no que diz respeito ao estudo do *espaço*, é necessário preencher tal “espaço” com minhas respostas às indagações – ora feitas por mim, ora por colegas, ora por professores. Colocar em pauta um tema que antes estava, de algum modo, adormecido no meio acadêmico é também possibilitar que novas discussões sejam criadas e que o saber científico seja fortalecido, o que está ligado ao primeiro modo de contribuição de meu estudo.

Cabe ressaltar, desde o início da caminhada, que o estudo que desenvolvi em minha pesquisa e que proponho apresentar nesta dissertação não é apenas uma leitura indicial dos *Índices de subjetividade*. Trata-se bem mais de um estudo que está para além das famigeradas categorias de pessoa-tempo-espaço. Estudá-las foi um importante passo dado pelos investigadores que me antecederam e por meus contemporâneos, mas pondero que, para chegar à noção de espaço, é preciso ir além da descrição de categorias analisáveis a partir de marcas formais. Por isso, esclareço que minha trajetória passa também pelas categorias, mas busca, principalmente, ainda que de maneira modesta, a *noção* de espaço, que está ligada à relação do homem com sua língua, experienciada através da enunciação.

Definido meu objeto de estudo, **a noção de espaço em Benveniste**, algumas perguntas cruciais foram se impondo e se tornando imperativas, as quais chamo de questões norteadoras: Por que e em quais condições podemos nos questionar sobre a noção de espaço na obra de Benveniste? É possível encontrar a presença de algum tipo de sistematização de espaço na obra do linguista? O que significa fazer um estudo que se volta para seu interior, revisitar a teoria? Qual é a natureza da noção de espaço? Quais são suas propriedades? É possível pensar em uma organização da noção de espaço que esteja além da categorização de elementos linguísticos? De que modo tal estudo poderia implicar teórica e metodologicamente

tanto o alicerçamento dos estudos da teoria enunciativa benvenistiana quanto as análises de fatos enunciativos? Essas são algumas das questões que me norteiam ao longo de toda a discussão proposta nesta pesquisa. Minha hipótese inicial é a de que **é possível encontrar, na obra de Émile Benveniste, estudos que nos orientem à constituição da noção de espaço**, ainda que suas reflexões acerca do tema possuam uma presença relativamente tímida.

Entendo que, embora minha investigação esteja eminentemente centrada na obra de Benveniste, para atingir meus objetivos, para responder às minhas questões norteadoras e para tentar comprovar a minha hipótese, não é possível deter-me, em um primeiro momento, tão somente nos textos do mestre. Diante disso, avaliei a pertinência de estender a pesquisa a outros textos em que eu pudesse, de algum modo, encontrar a presença ou a referência a Benveniste e à noção de espaço. Na tentativa (vã) de dar conta da totalidade de textos que abordem a temática por que me interesse, sinto-me mais confortável para tecer comentários e propor reflexões a respeito da noção de espaço em Benveniste.

Assim, tendo claros o objeto, os objetivos, as motivações, as questões norteadoras e a hipótese deste estudo, apresento a sistematização de minha dissertação. Esta apresenta um movimento que parte do geral, passa pelo específico e, ao final, amplia um pouco sua especificidade. Para dar conta desse movimento, a dissertação está disposta em três capítulos, os quais passo a resumir brevemente.

Em nossa primeira parada no percurso, no primeiro capítulo, intitulado **Das pesquisas no Brasil: entre gramáticas e periódicos, qual o lugar do espaço?**, apresento minha pesquisa empreendida em gramáticas de língua portuguesa e em periódicos brasileiros especializados em linguística. Esse capítulo surge da necessidade, explicitada anteriormente, de estender os estudos relativos ao espaço com o objetivo de averiguar as referências a Benveniste quando o assunto é a categoria de espaço. Na medida do possível – e com a devida explicitação dos passos de pesquisa –, verifico, nas gramáticas e nos periódicos, as referências a Benveniste, principalmente no que diz respeito ao espaço, mas também de modo geral. Com base nas constatações a que chego e nas reflexões suscitadas desse capítulo, encaminho-me para os capítulos seguintes.

No andamento de nossa trajetória, o segundo capítulo, que tem por título **Como ler o espaço em Benveniste? Um esboço de método de entrada na obra**, dedica-se a discutir o modo de entrada de leitura na obra do mestre, pois, na medida em que não possuímos, na Teoria da Enunciação, métodos *a priori*, esse torna-se um passo fundamental na produção da pesquisa, uma vez que, a cada leitura, é possível ter um outro modo de ler. Desse modo, apresento, no Capítulo 2, meu modo de seleção e de leitura dos textos dos dois tomos de *Problemas de Linguística Geral*, a partir do qual desenvolvo alguns critérios de seleção dos textos e apresento, ao final, alguns encaminhamentos que dirigem o estudo ao capítulo final.

Por fim, no espaço que o tempo estipulado para minha caminhada permitiu percorrer, o terceiro capítulo, intitulado **Do espaço benvenistiano a novos espaços ou sobre como a teorização do espaço permite inúmeras relações**, explico a leitura realizada a partir dos textos selecionados, baseada em dois termos aos quais chamo de *operadores de leitura: emprego e ideia*. Com base nesses dois operadores, desenvolvo uma espécie de análise de trechos em que há a ocorrência de palavras significativas para o estudo. Além disso, apresento minhas constatações a respeito da presença do espaço na obra de Benveniste e proponho a distinção das palavras significativas selecionadas entre empregos teóricos e não teóricos, ancorada em Normand (2007) e Ono (2009). Por fim, coloco em pauta as possibilidades de estudos que a reflexão encontrada em Benveniste a respeito do espaço me permite realizar e estabeleço suas relações com o tempo, além de elaborar um modo de sistematização da noção de espaço baseada em Benveniste.

Reitero que muitas das ideias e dos questionamentos presentes neste estudo merecem, seguramente, mais atenção e cuidado, talvez para pesquisas futuras (tanto minhas quanto daqueles que possam se interessar pelo assunto). Além disso, é sempre importante reforçar que todas as leituras e os deslocamentos realizados neste trabalho só foram possíveis com a leitura de Benveniste e com o propósito de contribuir para o campo disciplinar da Linguística da Enunciação no que diz respeito a dar minha contribuição para a consolidação do grupo com um trabalho até então de pouco interesse pelos pares.

Este trabalho apresenta-se apenas como o início de um aprofundamento em torno da noção de espaço e requer, sem sombra de dúvidas, reafirmar o princípio

constitutivo do homem e da linguagem: a (inter)subjetividade. Espero, com isso, ter escuta e ser escuta para diversos apontamentos, o que é sempre muito profícuo. Apesar de compreender as limitações de meu trabalho, considero de grande valia demarcar, desde já, meu caminho – seja inicial, seja embrionário, seja pioneiro ou qualquer outro adjetivo que se lhe queira atribuir. É necessário começar de algum modo. Que seja agora. Que seja *aqui*.

## **CAPÍTULO 1**

### **DAS PESQUISAS NO BRASIL: ENTRE GRAMÁTICAS E PERIÓDICOS, QUAL O LUGAR DO ESPAÇO?**

*A sentença já foi proferida. Saia de casa e cruze o tabuleiro pedregoso. Só lhe pertence o que por você for decifrado.*

Ariano Suassuna

Neste capítulo, apresentamos nossa trajetória em busca de sistematizações sobre a noção de espaço. Devido ao fato de que há diversos modos de iniciar uma caminhada, o primeiro passo consistiu em decidir que caminho trilhar para dar consistência ao nosso trabalho. Nesse sentido, optamos por iniciar nosso percurso a partir da busca de estudos relacionados à noção<sup>3</sup> de espaço nos estudos linguísticos do Brasil.

Definido o modo de entrada na pesquisa, restava-nos outra pergunta crucial: como se sabe, a Linguística, de modo geral, no Brasil, é uma ciência com vasta produção, o que é, indubitavelmente, positivo para o desenvolvimento dos estudos na área. No entanto, diante dessa miríade de estudos produzidos e divulgados no Brasil, de que modo organizar a busca pela noção de espaço nesse cenário?

Em resposta à pergunta acima, organizamos o capítulo do modo que nos parece ser, por ora, o mais conveniente. Entretanto, é válido ressaltar, há variados modos de traçar uma trajetória de pesquisa sobre o mesmo objeto. A trajetória aqui traçada é pura e simplesmente nossa leitura sobre a temática.

Na primeira seção, introduzimos a presença de estudos sobre a noção de espaço nas gramáticas brasileiras. Para escolher quais gramáticas pesquisar, já que debruçarmo-nos sobre todas seria um trabalho hercúleo, baseamo-nos na sua recorrência nos programas do curso de licenciatura em Letras-Português e respectivas literaturas em algumas universidades brasileiras. O propósito de investigação das gramáticas se dá no sentido de verificarmos se há alguma teoria linguística mencionada/subjacente quando do tratamento do espaço.

Como é lugar-comum associar o estudo das categorias de pessoa-tempo-espaço à linguística tributária de Émile Benveniste, consideramos pertinente para o avanço de nossa pesquisa apresentar o modo de entrada do linguista no Brasil, uma vez que tal percurso pode nos dar indícios sobre o estudo do espaço. Além de considerarmos ser um passo necessário para este estudo a compreensão desse

---

<sup>3</sup> A distinção entre noção e categoria é de fundamental importância para nosso trabalho. Por isso, consideramos pertinente definir tal diferenciação desde já para que não restem equívocos. Sempre que nos referimos à *categoria*, fazemos alusão ao grupo de palavras ligado a marcas linguísticas; por sua vez, quando nos referimos à *noção*, buscamos algo que está para além da categoria, apesar de englobá-la.

modo de entrada, entendemos que é também necessário abordar a divulgação de estudos baseados no que se costuma intitular de Teoria da Enunciação.

A perquirição sobre a entrada dos estudos do sírio no Brasil está organizada em dois espaços, que parecem dar conta da especificidade da situação. O primeiro espaço diz respeito à introdução de Benveniste no Brasil por meio de estudos não especializados<sup>4</sup>, ou seja, por meio de estudos que não tomam a teoria enunciativa benvenistiana como matriz teórica. O segundo espaço trata da entrada de Émile Benveniste no Brasil via Linguística da Enunciação (o que chamamos, aqui, de leitura especializada). Ora, é sabido que há centros de excelência em pesquisa sobre o autor no Brasil e tal produção não pode ser ignorada, tampouco deve estar alinhada a estudos que pouco ou quase nada investigam sobre as especificidades da teoria do mestre.

Após apresentar e, principalmente, diferenciar os distintos modos de entrada de Benveniste em nosso país, encaminhamo-nos para a verificação da divulgação de estudos enunciativos benvenistianos no Brasil. Este tópico se ocupa de apresentar os estudos até então desenvolvidos com base na teoria benvenistiana. Para melhor sistematizar essa investigação, dividimos o estudo da divulgação por eixos temáticos, que foram criados com base nas observações das recorrências de determinados temas nos estudos.

Por fim, na seção final, retomamos a trajetória até aqui percorrida, além de levantar alguns questionamentos inevitáveis gerados pelo caminho traçado nesta pesquisa. Faz-se necessário ressaltar que a trajetória aqui apresentada se deu em função da busca pela noção de espaço nos estudos linguísticos brasileiros. Para tanto, foram desenvolvidos critérios de seleção, uma vez que é impossível dar conta da totalidade dos estudos produzidos no Brasil. Além disso, cabe apontar que a reflexão sobre a presença/ausência da noção de espaço é uma constante, é o que move este estudo, de modo que o leitor verificará a transversalidade dos questionamentos sobre a presença/ausência de estudos sobre o espaço ao longo do capítulo.

---

<sup>4</sup> “Não especializado”, aqui, significa que os pontos de vista teóricos que introduziram Benveniste no Brasil não são de especialistas em Linguística da Enunciação, área de estudos da linguagem por que é mais conhecido.

## 1.1 A PESQUISA NOS PROGRAMAS DE LETRAS DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

Conforme já explicitamos na parte introdutória do capítulo, apresentamos, nesta seção, os estudos sobre a noção de espaço nas gramáticas brasileiras. Para tanto, o critério de seleção de tais gramáticas foi a sua recorrência nos programas dos cursos de Letras nas universidades brasileiras.

As universidades selecionadas foram aquelas que disponibilizam os programas de suas disciplinas em seus sites e as que os disponibilizaram via solicitação<sup>5</sup>. Dentre as instituições que oferecem os programas para livre consulta e as que os enviaram mediante solicitação, o total de cursos pesquisados é nove. A Tabela 1 ilustra o panorama das instituições investigadas e as respectivas disciplinas.

**Quadro 1** – Instituições e disciplinas pesquisadas nos cursos de Letras do Brasil

INSTITUIÇÃO	DISCIPLINAS PESQUISADAS
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Funcionamento e estrutura da língua portuguesa</li> <li>• Fundamentos dos estudos linguísticos</li> </ul>
Universidade de Brasília (UNB)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Introdução à linguística</li> <li>• Introdução aos estudos gramaticais</li> <li>• Sintaxe geral</li> <li>• Morfologia geral</li> </ul>
Universidade de São Paulo (USP)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Introdução ao estudo da língua portuguesa</li> <li>• Morfologia do Português I</li> <li>• Sintaxe do Português I</li> </ul>
Universidade Federal de Goiás (UFG)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Português I</li> <li>• Português II</li> </ul>

<sup>5</sup> Entramos em contato, via *e-mail*, com diversas instituições para solicitar os programas das disciplinas. No entanto, apenas algumas responderam à solicitação. Tal fato delimitou significativamente esse ponto de nossa pesquisa. Cabe, ainda, ressaltar que os critérios para chegar às universidades foram: 1) pertencer a alguma capital das unidades federativas do Brasil; 2) ser a instituição mais antiga (com mais tradição, pressupõe-se) dessa capital dentre as que se encaixam no primeiro critério.



Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Língua portuguesa I</li> <li>• Introdução aos estudos da linguagem</li> <li>• Morfologia do Português</li> <li>• Sintaxe do Português</li> </ul>
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gramática normativa I</li> <li>• Português I – Introdução</li> <li>• Português II - Morfossintaxe</li> </ul>
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Introdução aos estudos gramaticais</li> <li>• Estudos gramaticais</li> <li>• Português I</li> <li>• Introdução aos estudos da linguagem</li> </ul>
Universidade Federal do Alagoas (UFAL)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Morfologia do português</li> <li>• Sintaxe do português</li> <li>• Gramáticas e ensino de línguas</li> </ul>
Universidade Federal do Ceará (UFC)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tópicos sobre o ensino de gramática</li> <li>• Tópicos em morfologia</li> <li>• Língua portuguesa - frase</li> </ul>

Em virtude da falta de acesso aos documentos das demais<sup>6</sup>, não foi possível pesquisar pelo menos uma instituição por unidade da Federação. No entanto, consideramos que, a partir das universidades contidas na pesquisa, seja possível elencar a recorrência de obras nos programas de suas disciplinas.

A opção por trabalhar apenas com gramáticas de língua portuguesa, em detrimento de obras que abordem os estudos da linguagem de modo amplo, deu-se em função de partirmos do pressuposto de que, nas gramáticas, há um saber organizado e de localização relativamente fácil sobre a noção de espaço. Por sua vez, os livros e compêndios listados nos programas das disciplinas que tratam dos estudos da linguagem que não tocam a gramática não possuem a preocupação a respeito da noção de espaço de modo mais explícito. Nesse sentido, seria necessário ler todas as obras indicadas, o que geraria uma impossibilidade de realização desta pesquisa. Certamente, há autores que possuem por foco principal o estudo específico da noção de espaço, tal como o livro de Eunice Pontes, *Espaço e*

<sup>6</sup> É, no mínimo, curioso verificar a ausência dos programas das disciplinas nos sites das instituições. Em resposta às solicitações efetuadas via *e-mail*, todas afirmaram estar *em atraso* com as exigências do MEC em relação à ampla divulgação das informações dos cursos de graduação.

*tempo na língua portuguesa*<sup>7</sup>, no entanto, tais autores não figuram nos programas das disciplinas pesquisadas, de modo que sua ausência em tais documentos inviabiliza sua presença neste espaço da pesquisa.

A partir do levantamento da recorrência das gramáticas nos programas das disciplinas pesquisadas, as obras mais recorrentes<sup>8</sup> são as seguintes:

- *Gramática de usos do português*, de Maria Helena de Moura Neves.
- *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra.
- *Moderna gramática brasileira*, de Celso Pedro Luft.
- *Moderna gramática brasileira*, de Evanildo Bechara.
- *Gramática do português falado*, volume II: níveis de análise linguística, de Rodolfo Ilari.
- *Moderna gramática do português falado*, volume VIII: novos estudos, de Maria Bernadete Abaurre e Angela Rodrigues<sup>9</sup>.

Com base na recorrência acima descrita, passamos a investigar mais detidamente o lugar da noção de espaço nas gramáticas selecionadas. Esse é o passo dado rumo ao próximo tópico.

## 1.2 O ESPAÇO NAS GRAMÁTICAS BRASILEIRAS

Nesta seção, apresentaremos o modo como o *espaço* é abordado nas obras selecionadas e explicitadas em 1.1. Por isso, a seção está dividida em sete subitens, que correspondem ao número de gramáticas pesquisadas.

---

<sup>7</sup> Para referência completa, vide Referências.

<sup>8</sup> Para fins de clareza, consideramos como *recorrente* as obras que constavam nas referências de pelo menos quatro instituições.

<sup>9</sup> Há outros volumes de *Gramática do Português Falado*, no entanto não havia uma recorrência a todos os volumes nos programas das disciplinas. Geralmente, a referência era feita a apenas alguns deles.

### 1.2.1 *Gramática de usos do português*, de Maria Helena de Moura Neves

Em *Gramática de usos do português*, Moura Neves apresenta um primoroso trabalho de sistematização dos usos da língua portuguesa no Brasil. O próprio modo de organização da obra se dá de forma diferente: a palavra-chave de organização de seu texto é o uso. Tomemos como exemplo a organização das classes gramaticais da nossa língua. É sabido que tais classes são divididas em dez e que, geralmente, cada uma delas é abordada separadamente. No entanto, na gramática de Moura Neves, de acordo com a própria autora, “as partes se codividem segundo os processos que dirigem a organização dos enunciados para obtenção do sentido no texto: a predicação, a referenciação, a quantificação e a indefinição” (MOURA NEVES, 2000, p. 13). Na realidade, toda a sua gramática está pautada de acordo com os processos acima citados. A teoria a que subjaz o estudo desenvolvido pela autora é a funcionalista, em que se dá relevo aos estudos sobre o uso, i. e., sobre a função exercida pelas formas da língua em determinados usos.

Ao consulente, em um primeiro momento, pode parecer diferente do que o hábito teria transformado em regra no que se refere à gramática, entretanto, a organização da obra de Moura Neves é fruto de grupos e projetos de pesquisa desenvolvidos há diversos anos e que respondem, de algum modo, aos anseios dos linguistas por uma gramática que leve em consideração o uso da língua.

A gramática de Moura Neves é a que, dentre as pesquisadas, mais discorre sobre noções de espaço na língua. As classes abarcadas são praticamente as mesmas que as outras obras englobam (advérbio, pronomes demonstrativos, preposições), no entanto a autora sistematiza minuciosamente estudos sobre cada elemento da língua.

Apesar de apresentar bem delineadas as distinções entre tempo e espaço, a autora reconhece que “lugar e tempo de tal maneira se implicam que é fácil o trânsito de uma para outra categoria” (ibid., p. 256). Isso se torna muito evidente, por exemplo, quando Moura Neves aborda os advérbios circunstanciais, nos quais organiza itens em que advérbios de lugar indicam tempo e advérbios de tempo

indicam lugar. Tais relações são perfeitamente observáveis na língua, mas até então não eram previstas nas gramáticas.

A inovação e o brilhantismo da obra da autora são facilmente visíveis. No que diz respeito ao nosso estudo, a autora desenvolve uma atenta reflexão sobre a noção de espaço, trazendo exemplos, problematizando os usos que dela se faz. Entretanto, é necessário fazer alguns questionamentos a partir do trecho que segue e que, de algum modo, intrigou-nos. Trata-se de um trecho que aborda os pronomes demonstrativos.

Quando faz referência à situação, cada uma das três formas de pronomes demonstrativos variáveis – este, esse, aquele –, refere-se em especial a uma das três **peçoas gramaticais**. Essa relação com as **peçoas do discurso** fica bem evidente nas construções em que o demonstrativo co-ocorre com um dos três advérbios pronominais de lugar, como aqui, aí e lá. (MOURA NEVES, 2000, p. 498, grifos nossos)

A partir do trecho supracitado surgiram alguns questionamentos, aos quais não objetivamos, todavia, respondê-los ou esgotá-los, mas somente dá-los a conhecer para fomentar a reflexão sobre o estudo do espaço. Os sintagmas de “peçoas gramaticais” e “peçoas do discurso” parecem ser usados de modo sinônimo no trecho em questão. Seriam, de fato, peçoas gramaticais e do discurso sinônimas? Referem-se à mesma questão? Qual é o fundamento desse alinhamento dos sintagmas? Se admitirmos que não se tratam da mesma coisa, qual é a natureza de “peçoas gramaticais” e de “peçoas do discurso”? O que as diferenciaria?

Embora não tenhamos todas as respostas às perguntas, procuraremos utilizá-las como mote problematizador de nossa reflexão sobre a gramática da autora. Tal problematização se encontra ao fim desta unidade.

### 1.2.2 *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Luis Filipe Lindley Cintra

A gramática de Cunha e Cintra é uma das obras mais citadas nas bibliografias dos programas pesquisados. Diferentemente da obra de Moura Neves, que estuda o português do Brasil, os autores procuraram dar conta tanto do português do Brasil quanto do de Portugal. Eles apresentam ao consulente uma obra que se quer útil “ao ensino de língua portuguesa em Portugal, no Brasil e nas nações lusófonas da África e em todos os países onde se estuda o português” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. XXIII). Além disso, a obra está organizada de acordo com as divisões clássicas – fonética e fonologia, ortografia, classes gramaticais, frase, oração e período etc. –, o que também difere do modo de organização proposto por Moura Neves, baseado em eixos.

No que diz respeito à questão do espaço, ela aparece quando do estudo dos pronomes demonstrativos, advérbios e preposições. Ao abordar os pronomes demonstrativos, Cunha e Cintra não estabelecem reflexões sobre seu uso, ou seja, permanecem no aspecto gramatical. Além disso, não apresentam elaborações sobre o espaço na língua. Certamente, uma vez que não há o compromisso dos autores com a reflexão sobre o uso, sua ausência é facilmente explicável. No entanto, é necessário apontar a falta de uma sistematização a respeito do espaço para evidenciar a urgência de estudos nesse sentido e, principalmente, a urgência de estudos sobre o espaço que levem em consideração sentido e referência.

No tópico em que sistematizam os advérbios, Cunha e Cintra apresentam séries de advérbios que “têm” sentido x. Por exemplo:

ADVÉRBIOS DE LUGAR: abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto, etc.

[...]

LOCUÇÕES ADVERBIAIS DE LUGAR: à direita, à distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto, etc. (ibid., p. 543-544)

Quando passam a descrever as preposições, os autores iniciam o capítulo a elas dedicado explicando a relação estabelecida pela ligação de palavras com intermédio de preposição: “A relação [...] pode implicar movimento ou não movimento [...] Tanto o movimento como a situação podem ser considerados com referência ao espaço, ao tempo e à noção” (ibid., p. 556). Apesar de questões como tempo e espaço figurarem na explicação dos autores, elas não são desenvolvidas ao

longo da descrição de cada preposição ou, ainda, não são problematizadas no que diz respeito ao seu modo de comparecimento, ao funcionamento dessas noções no uso das preposições. Essa nos parece ser a principal falta do trabalho de Cunha e Cintra, pois, ainda que mencionem a existência de relação das preposições com as questões espaço-temporais, não é explicitada qual é a natureza dessa relação ou de que modo ela se dá. Nesse sentido, consideramos insuficiente o fato de referir à relação de tempo e espaço a partir das preposições; seria necessário ir além da superficialidade da constatação da existência dessa relação.

No que diz respeito à teoria linguística subjacente à gramática dos autores, não há indicação de haver alguma em específico, de modo que seus escritores abordam os fenômenos linguísticos do português brasileiro e de Portugal de acordo com o ponto de vista que mais lhes parece conveniente.

### 1.2.3 *Moderna gramática brasileira*, de Celso Pedro Luft

A obra intitulada *Moderna gramática brasileira* (edição revista e atualizada), de autoria de Celso Pedro Luft, é uma gramática que, segundo o próprio autor, “não é para especialistas, e sim para professores, alunos e curiosos em geral” (LUFT, 2002, p. 15), de forma que há uma larga distribuição da obra em formato não consumível nas escolas através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE); ou seja, a gramática a que ora nos referimos é utilizada por alunos de ensino fundamental e médio de escolas públicas. Apesar disso, sabe-se que a obra é também amplamente utilizada no meio acadêmico, haja vista a recorrência de sua referência nos programas das disciplinas pesquisadas que possibilitou sua entrada em nosso material de pesquisa.

Essa gramática está dividida em quatro partes, nesta ordem: sintaxe, morfologia, fonologia e ortografia, o que, de certo modo, subverte a ordem canônica de entrada nas gramáticas. Tal inversão proposta por Luft ocorre em função de que o autor compreende que “a comunicação se faz não por meio de fonemas nem morfemas, mas mediante frases, feitas de locuções e estas de palavras” (ibid., p. 14) e, ao fazê-lo, assume outro ponto de vista em relação ao estudo da língua, o qual

parte da “comunicação” para as unidades menores. Tal mudança de ponto de vista é importante na medida em que demonstra a preocupação e, sobretudo, o reconhecimento de Luft aos estudos linguísticos à época recentes.

Nesse sentido, o autor elenca diversos estudiosos que o teriam influenciado no campo da linguística e que o fizeram reorganizar sua gramática. Além de citar alguns linguistas, Luft afirma que se valeu de estudos como o transformacionalismo chomskiano e o estruturalismo americano para “retocar” alguns pontos de sua gramática. No entanto, ainda que tenha incorporado pontos de alguns estudos linguísticos, assume a posição de não filiar-se a esta ou àquela corrente linguística, uma vez que, segundo ele, não quer estar preso a “nenhuma teoria particular, não vejo proveito em renunciar o que de positivo tenha carreado esta ou aquela escola. [...] Folgo em dizer – parafraseando um linguista americano – que procuro deitar as redes onde me palpita haver peixe” (LUFT, 2002, p. 14). A adoção dessa posição demonstra um estudioso preocupado com o estudo da língua, e não com a comprovação da superioridade de uma teoria em relação à outra. Além disso, cabe ressaltar que, na edição revista e atualizada, os editores acrescentam a seção “Sabendo um pouco mais”, em que fornecem indicações de referências bibliográficas específicas sobre cada assunto tratado na gramática.

No que concerne ao comparecimento do estudo do espaço na obra, a reflexão sobre ele se faz presente na sistematização dos pronomes demonstrativos e dos advérbios, bem como na problematização no trecho em que trata das orações subordinadas. Insistamos neste ponto. Quando passa a apresentar as orações subordinadas adverbiais, Luft acrescenta classificações que não constam da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), mas que, desde seu ponto de vista, são extremamente necessárias para explicar os fatos de língua. Dentre os acréscimos operacionalizados pelo autor, estão as orações subordinadas adverbiais *locativas*. Luft faz uma breve explicação sobre elas, afirmando que derivam de orações adjetivas com o pronome relativo “onde”, apresenta um exemplo e sugere que o consulente leia o tópico três da seção *Notas sobre as orações subordinadas*.

Nesse tópico, Luft questiona a ausência, na NGB, de uma classificação das orações subordinadas adverbiais que contemple as que indicam lugar. Segundo ele, há uma falta que a NGB não abarca, pois, seguindo sua classificação, frases como

“sinto-me bem **onde há ordem**” seriam inclassificáveis. Como uma possível explicação para a ausência de classificação, o autor pondera que “o que sucede é que o *onde* é mais concreto, menos vazio de sentido, menos ‘gramaticalizado’” (LUFT, 2002, p. 91). A reflexão visando a uma possível explicação para a ausência de sistematizações sobre as orações adverbiais que indicam espaço nos parece indicar, de certo modo, a medida que o espaço ocupa nos estudos gramaticais brasileiros. Trata-se de um estudo em falta, de uma ausência que necessita ter seu lugar ocupado para qualificar as reflexões sobre língua. Luft aponta, com a nota em questão, para uma carência considerada até então como pouco relevante para os estudos sobre língua no Brasil. Nesse sentido, a reflexão do autor é ricamente profícua, uma vez que possibilita a abertura para novos estudos.

#### 1.2.4 *Moderna gramática brasileira*, de Evanildo Bechara

A obra intitulada *Moderna Gramática Portuguesa* (edição revista e ampliada), de autoria de Evanildo Bechara, ao mesmo tempo em que apresenta um embasamento da tradição, estabelece um diálogo com perspectivas linguísticas, principalmente com o funcionalismo de Eugênio Coseriu e com a perspectiva de Roman Jakobson, este considerado por Dosse (1993) como o *homem orquestra*, e por isso não o rotularemos dentro de uma perspectiva específica. Esses linguistas figuram bastante, principalmente, quando Bechara descreve o sistema verbal do português.

Quanto à presença do espaço, verificamos que ela comparece quando o autor apresenta os demonstrativos, os quais são concebidos como dêiticos de *espaço* e *lugar*, porque relacionados à primeira pessoa, ou àquela que fala. Do mesmo modo, apresenta as noções de tempo e espaço (lugar) quando do tratamento dos advérbios, mencionando novamente o fato de estes se distribuírem pelo modo como assinalam a posição temporal ou espacial do falante. Na classificação dos advérbios, o autor pontua que ora eles se pautam por valores léxicos (semânticos), nos quais situam os denotadores adverbiais de tempo e lugar, ora por critérios funcionais, quando da apresentação dos pronomes de tempo e lugar (*aqui, agora...*), dos relativos (*onde, quando*) e dos interrogativos (*quando? onde? como?*). Vemos,



na reflexão de Bechara, no estudo das classes de pronome e de advérbio, o tratamento de aspectos semânticos e funcionais, com a consideração das designações de tempo e espaço atreladas à posição do falante. No entanto, não verificamos, no tratamento dessas classes, referência a alguma teoria linguística.

#### 1.2.5 *Gramática do português falado, volume II: níveis de análise linguística*, de Rodolfo Ilari

O volume II da *Gramática do português falado*, sob a organização do professor Rodolfo Ilari, apresenta temas abrangentes, como fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e organização textual-discursiva. Há, na obra, um total de 15 textos assinados por diferentes linguistas que buscam, cada um a seu modo, descrever e refletir o/sobre os fatos da língua falada no Brasil. Dentre as diversas reflexões sobre o português falado presentes no volume II da gramática, destacamos o Capítulo 11, “Os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo)”, de Maria Helena de Moura Neves.

Neste capítulo, Moura Neves parte do seguinte princípio: “de qualquer forma, a descrição do uso dos chamados ‘advérbios de lugar’ e ‘advérbios de tempo’ deve estar abrigada na Gramática, seja qual for a taxionomia consagrada” (MOURA NEVES, 2002, p. 250). A autora desenvolve uma primorosa descrição dos advérbios de tempo e lugar, propondo reflexões a respeito do uso de advérbios de tempo em lugar dos de espaço e vice-versa. Ainda, retoma a discussão iniciada em sua *Gramática de usos do português* ao diferenciar os advérbios fóricos (que referem ao interior do discurso) dos não-fóricos (que remetem para fora do discurso, os dêiticos), o que parece ser bastante profícuo para a problematização do estudo do espaço na língua portuguesa.

Cabe ainda ressaltar que Moura Neves dá continuidade ao estudo de Ilari (1990), no qual o autor desenvolve uma reflexão acerca da posição dos advérbios no português falado. Sobre a teoria linguística subjacente ao que diz respeito ao estudo do espaço, ela não se mostra de forma explícita em nenhuma parte do

capítulo, embora seja conhecido que Moura Neves adota uma perspectiva que estuda a linguagem e suas funções no uso que os falantes dela fazem.

#### 1.2.6 *Gramática do português falado, volume VIII: novos estudos descritivos*, de Maria Bernadete Abaurre e Angela Rodrigues

No volume que encerra o conjunto da *Gramática do português falado*, as linguistas Abaurre e Rodrigues organizam uma obra que procura apresentar o que, em termos de descrição de língua, estava sendo feito quando da publicação da gramática. Nesse sentido, há, como nos demais volumes, 15 textos divididos de acordo com a seguinte “temática”<sup>10</sup>: organização textual-interativa, sintaxe I, sintaxe II, morfologia flexional, fonética e fonologia.

O capítulo que nos interessa para esta pesquisa é de autoria do professor José Luiz Fiorin, intitulado “Adjetivos temporais e espaciais”. Nele, o autor dá início a uma reflexão que será retomada em *As astúcias da enunciação*, livro publicado em 1996 que aborda as categorias de pessoa, tempo e espaço a partir de uma perspectiva greimasiana.

No capítulo da gramática em estudo, Fiorin apresenta uma rica reflexão a respeito do espaço, de modo que elabora distinções como a de espaço linguístico (espaço do *ego*) e espaço tópico (determinado em relação a *ego*), entre outras. Cabe fazer uma breve problematização com relação a apenas um trecho de sua brilhante sistematização. O trecho a que nos referimos trata da recuperação da situação enunciativa.

Para sabermos onde é o *aquí*, é preciso saber onde se dá a enunciação, pois, isolado, esse termo não remete a nenhuma posição do espaço tópico e subsume-as todas. Por isso, é necessário especificar, com uma posição do espaço tópico, o lugar da enunciação, como se faz, por exemplo, nas cartas, em que se indica o lugar de onde se escreve. (FIORIN, apud ILARI, 2003, p. 75, grifo do autor)

---

<sup>10</sup> Na falta de melhor palavra para referir à divisão estabelecida na gramática, utilizamos a palavra “temática”, apesar de saber que ela talvez não seja a mais apropriada.

Ao ler o trecho acima, algumas questões se colocam: em que medida é necessário saber “onde é o *aquí*”? O fato de não ter a identificação do “lugar” impossibilita o estudo dos sentidos? Ainda, uma vez que a realidade fundada pela enunciação é a realidade de discurso – e não a realidade ontológica – não poderíamos prescindir de identificações como local e data em cartas para estudos linguísticos? Tentaremos problematizar essas questões no tópico seguinte.

Cabe ressaltar, ainda, que, diferentemente do outro volume da *Gramática do português falado*, cada capítulo apresenta, ao final, as referências bibliográficas pertinentes ao estudo. Das referências de Fiorin, as que são pertinentes ao estudo do espaço são os dois volumes de *Problemas de Linguística Geral*, de Émile Benveniste, bem como *Les espaces subjectives: Introduction à la sémiotique de l'observateur*, de Jacques Fontanille, e *Enunciação e Pragmática*, de Herman Parret.

### 1.3 SOBRE O ESTUDO DO ESPAÇO NAS GRAMÁTICAS E AS TEORIAS LINGUÍSTICAS SUBJACENTES

Diante da investigação sobre o espaço realizada em algumas gramáticas brasileiras, na qual, na medida do possível, apresentamos o que de produção sobre o espaço existe no Brasil – e em que medida isso é abordado nas gramáticas estudadas – resta-nos tecer algumas breves considerações a respeito da ausência de estudos acerca do tema.

A partir das gramáticas observadas, é possível constatar que todas elas apresentam, de algum modo, uma sistematização sobre o espaço. Algumas apresentam referências específicas relativas à questão, como é o caso de Moura Neves e de Fiorin; outras sistematizam o estudo sem a explicitação de teorias subjacentes a ele, como é o caso de Bechara.

Em relação à *Gramática de usos do português*, de Moura Neves, gostaríamos ainda de tecer alguns (breves) comentários sobre o trecho citado anteriormente o qual nos suscitou alguns questionamentos. Certamente, não objetivamos refutar a perspectiva utilizada pela autora para o estudo do espaço, no entanto consideramos pertinente ao nosso estudo fazer uma breve ressalva. Ou melhor, mais que uma

ressalva, trata-se de um distanciamento do ponto de vista adotado por Moura Neves no trecho citado<sup>11</sup>.

A questão incide sobre o fato de que, ao tratar da relação dos demonstrativos com as pessoas gramaticais, a autora apaga a diferença existente entre pessoa gramatical e pessoa do discurso, distinção estabelecida por Benveniste ao abordar os pronomes desde um outro ponto de vista, o ponto de vista do sentido. De três pessoas gramaticais, passa-se, com a proposição de Benveniste fundamentada na observação de diversas línguas<sup>12</sup>, a ter somente duas, que deixam de ser gramaticais e passam a ser integrantes da enunciação. Dito de outro modo, Benveniste questiona a superficialidade com que a problemática dos pronomes era então tratada, afirmando que “a definição comum dos pronomes pessoais como contendo os três termos *eu*, *tu*, *ele* abole justamente a noção de ‘pessoa’” (BENVENISTE, 1995, p. 277). Diante disso, propõe a diferenciação conhecida como *correlação de pessoalidade*<sup>13</sup>, em que há a separação do par eu-tu (pessoas do discurso<sup>14</sup>) em relação a ele (não pessoa).

Ora, o que observamos, na reflexão de Benveniste, é um deslocamento de ponto de vista: de uma abordagem estritamente gramatical, passa-se a uma visada que considera o uso da língua. A partir de seu uso, é possível afirmar que as únicas pessoas são *eu-tu*, em função de que são os interlocutores da enunciação. *Ele* é sempre referido por *eu*, não designa nada nem ninguém, ou seja, “a terceira pessoa é a única pela qual uma *coisa* é predicada verbalmente” (ibid., p. 253).

A verificação de poucos trabalhos – e, quando de sua existência, são pouco desenvolvidos e com quase ausência de fundamentação linguística na explicação – a respeito da noção de espaço nos faz suspeitar de que poderia haver alguma diferença de tratamento e até de abordagem com relação às noções de pessoa e tempo. No entanto, compreendemos que se nos ancoramos somente no breve

<sup>11</sup> O trecho a que nos referimos encontra-se na página 27 desta dissertação.

<sup>12</sup> Ao todo, de acordo com nossa contagem, são 29 línguas distintas citadas em um mesmo artigo!

<sup>13</sup> Na tradução para o português, a expressão figura como *correlação de personalidade*, no entanto, fazemos coro aos estudiosos do campo no Brasil e consideramos que utilizar “personalidade” no contexto brasileiro possa gerar equívocos de leitura, de modo que optamos pela utilização da palavra “pessoalidade”, que está diretamente relacionada à noção de pessoa.

<sup>14</sup> Embora o sintagma *pessoas do discurso* não seja encontrado textualmente nos dois volumes de *Problemas de Linguística Geral*, consideramos que seja possível depreender essa noção com base na reflexão de Benveniste a respeito de pessoa.

estudo até aqui desenvolvido para sustentar tal afirmação, poderia ser um pouco precipitado do ponto de vista científico. De forma alguma gostaríamos de cometer a falácia de generalização apressada, por isso, consideramos pertinente ir em busca de outros modos de verificação de estudos sobre o espaço, porém, dessa vez, estreitaremos mais o foco da pesquisa: desenvolveremos nossa investigação em busca da presença/ausência de estudos enunciativos – principalmente os ancorados, de algum modo, em Émile Benveniste – que abordem a temática do espaço no Brasil.

Diante do surgimento do nome do linguista sírio, uma pergunta se impõe: por que a escolha, dentre os diversos autores que figuram na Linguística da Enunciação, por Benveniste, e não por outro? Ora, a pergunta parece-nos relativamente simples: porque a ele são imputadas as categorias de pessoa-tempo-espaço como indicadores de subjetividade. De fato, o autor apresenta estudos que se referem aos indicadores de subjetividade, relacionando-os, não só, mas também, às categorias mencionadas. Diante disso, seria, no mínimo, incoerente valer-se de outro ponto de vista teórico que não o de Benveniste.

Justificada a escolha por Benveniste, outra questão se apresenta: por que, diante da gama de assuntos a serem problematizados na teoria da enunciação benvenistiana, a escolha se dá especificamente pela noção de espaço?<sup>15</sup> Como já mencionado, tal interesse pela temática do espaço surgiu em função dos debates desenvolvidos em uma das disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Letras a respeito das noções de pessoa-tempo-espaço na obra de Benveniste. A partir disso, buscamos, sumariamente, nos dois volumes de *PLG*, termos e noções que se referissem e se relacionassem, direta ou indiretamente, ao estudo do espaço da/na enunciação, busca que revelou pouquíssimas ocorrências.

Em contrapartida, sequer seria necessário fazer uma busca muito minuciosa para encontrar, em diversos textos do autor, a explicitação de sua preocupação com as noções de pessoa e tempo. Em muitos deles, como, por exemplo, *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956), *A linguagem e a experiência humana* (1965), entre outros, é possível observar que o autor teoriza

---

<sup>15</sup> Esse questionamento foi-nos feito inúmeras vezes. Por isso, consideramos ser da máxima importância justificar nossa escolha pela noção de espaço em Benveniste.

a respeito das duas noções. E o espaço do *espaço*? Se sobre esta noção não se tem a mesma inclinação teórica quanto sobre as demais, talvez resida aí uma das explicações para o fato da quase total inexistência de estudos que derivem da teoria benvenistiana e que contemplem a noção de espaço.

Embora seja um discurso corrente ler/ouvir que Benveniste desenvolve as noções de pessoa-tempo-espaço em seus *PLG*'s, atrelando-as como as “principais reveladoras da subjetividade”, tal afirmação não é tão óbvia quanto parece. Já está esclarecido que, em um determinado momento de sua teoria, mas não em toda, Benveniste considera que a subjetividade se marca basicamente nas noções de pessoa-tempo-espaço. No entanto, não nos parece suficiente afirmar tal fato, julgamos necessário saber como tais noções se relacionam entre si nos textos e como cada uma se relaciona com a teoria enunciativa benvenistiana.

Explicitada, sumariamente, a escolha pela noção de espaço na obra benvenistiana, passamos de imediato ao próximo tópico, que trata da entrada de Émile Benveniste no Brasil por meio de diferentes perspectivas teóricas.

#### 1.4 A PROBLEMÁTICA DA ENTRADA DE ÉMILE BENVENISTE NO BRASIL LIGADA A DIFERENTES PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Esta seção foi intitulada “A problemática da entrada de Émile Benveniste no Brasil ligada a diferentes perspectivas teóricas” por considerarmos que estamos, de fato – em vista da pouca presença de Benveniste como referência central nos estudos linguísticos atuais –, diante de um sintoma resultante, talvez, do modo através do qual a teoria enunciativa benvenistiana foi inserida nos estudos linguísticos brasileiros. Obviamente, a leitura que desenvolvemos a partir dos dados encontrados e explicitados anteriormente é o nosso ponto de vista frente à situação encontrada, o que não invalida, sob nenhuma hipótese, as leituras que nos antecederam<sup>16</sup> e as que nos sucederão.

---

<sup>16</sup> De algum modo, buscamos apresentar o modo de comparecimento da obra de Benveniste nos estudos linguísticos brasileiros. Conscientes das limitações de nosso trabalho, sabemos que se torna impraticável dar conta da totalidade de referências a Benveniste na ciência brasileira. Para mais informações a respeito deste tema, ver Cremonese (2007), Giacomelli (2007) e Mello (2012).

Cabe pontuar ainda que ao intitularmos esta seção com a palavra “problemática” não almejamos, de modo algum, imputar “culpa” a alguma teoria ou vertente da linguística brasileira. Não é disso que se trata. Queremos, sim, a partir de uma sucinta retomada da inserção dos estudos da enunciação de base benvenistiana no Brasil compreender o atual estado do campo teórico a que nos filiamos para, após isso, projetar encaminhamentos, esboçar soluções, abordagens, enfim, estudos, de modo geral, possíveis com base na teoria de Benveniste.

Ainda que na região sul do país a Linguística da Enunciação esteja fortemente instituída<sup>17</sup> em diversos programas de pós-graduação<sup>18</sup> em Letras, sua inserção em outras regiões é bastante pequena. Diante do exposto, cabem algumas perguntas: teria a Teoria de Enunciação de Benveniste<sup>19</sup> pouca ou nenhuma contribuição relevante/consistente para os estudos linguísticos brasileiros? Qual(is) a(s) dificuldade(s) para que sua teoria se institua em todo o Brasil? Quais as condições para que Benveniste passe a ser utilizado como referência primeira e deixe de ser visto como o “precursor”, o “autor que influenciou teorias”, mas “que está ultrapassado e não dispõe de seu próprio campo teórico”? E de que modo essa situação se configurou no Brasil?

Mesmo que não disponhamos de respostas às questões acima arroladas, consideramos da máxima importância dar a conhecer alguns dos questionamentos que nos movem neste momento da pesquisa, além de compreender que é indispensável que se torne público para a garantia de maior coerência desta dissertação o modo de inserção dos estudos benvenistianos sobre a enunciação no Brasil.

Brait (1994/1995) desenvolve um estudo acerca da recepção de Émile Benveniste no Brasil. Seguindo suas ideias, a inserção do linguista está diretamente relacionada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da

---

<sup>17</sup> Desenvolvemos essa leitura com base no volume de publicações baseadas na Teoria da Enunciação do sírio na região sul do país.

<sup>18</sup> Embora os programas de pós-graduação não sejam o nosso foco nesta pesquisa, eles estão, em nossa área, intimamente ligados às publicações periódicas e editoriais, uma vez que as revistas científicas, em sua maioria, estão a cargo de algum programa de pós-graduação em Letras de alguma instituição de ensino.

<sup>19</sup> Referimo-nos somente à teoria benvenistiana por ser esse o nosso foco de investigação nesta dissertação. Para obter referências mais aprofundadas a respeito da Linguística da Enunciação como um todo, consultar Flores e Teixeira (2005) e Cremonese (2007).

Universidade de São Paulo. Quanto aos diferentes momentos (relacionados a diferentes perspectivas teóricas) de entrada do autor no Brasil, poderíamos dividi-los em três:

1. Relação com os estudos sobre o indoeuropeu: de acordo com Brait, Isidoro Blikstein assume, na FFLCH, o curso de Linguística indoeuropeia e passa a ensinar com base no autor a que recentemente tivera acesso na França. Isso se dá por volta da metade dos anos 60, quando Blikstein retorna de seu curso de doutoramento. Nas palavras da autora, ao trazer esse novo modo de pensar a filologia e os estudos sobre o indoeuropeu faz com que se assista a “uma pequena revolução no campo de estudos da filologia” (tradução nossa)<sup>20</sup>. As principais obras de referência desse momento são *Origines de la formation des noms em Indo-Européen* (1935) e *Noms d’agent et noms d’action em Indo-Européen* (1948).
  
2. Relação com os estudos de linguística geral: por volta da década de 70, Benveniste é estudado em relação com os estudos saussurianos e, também, com os estudos estruturalistas. A divulgação desse tipo de estudo está relacionada ao professor Isaac Nicolau Salum, que passa a incluir na bibliografia básica de seu curso de Linguística Geral alguns textos de Benveniste, a saber: *Natureza do signo linguístico*<sup>21</sup>, *Estrutura em linguística*<sup>22</sup>, *Os níveis da análise linguística*<sup>23</sup>, *A natureza dos pronomes*<sup>24</sup> e *Da subjetividade na linguagem*<sup>25</sup>. O destaque é dado ao primeiro texto, devido ao fato de Benveniste problematizar o caráter arbitrário do signo linguístico tal qual proposto por Ferdinand de Saussure<sup>26</sup> no *Curso de Linguística Geral*.

<sup>20</sup> <<Une petite révolution dans le champ des études de la philology>> (BRAIT, 1994/1995, p. 201).

<sup>21</sup> Texto originalmente publicado em *Acta linguistica*, 1939.

<sup>22</sup> Texto originalmente publicado em *Sens et usages du terme ‘structure’ dans lês sciences humaines et sociales*, 1962.

<sup>23</sup> Texto originalmente publicado em *Proceedings of the 9<sup>th</sup> International Congresso f linguists*, 1964.

<sup>24</sup> Texto originalmente publicado em *For Roman Jakobson*, 1956.

<sup>25</sup> Texto originalmente publicado em *Journal de psychologie*, 1958.

<sup>26</sup> Estamos conscientes da problemática criada a partir da discussão posta em torno dos manuscritos de Saussure. No entanto, retiramo-nos dessa querela a respeito do “verdadeiro” Saussure em oposição ao “falso” e decidimos manter a tradição ao referir a Saussure como autor do *Curso de Linguística Geral*.



3. Relação com os estudos do discurso: nesse momento, Benveniste passa a ser estudado a partir de outros pontos de vista teóricos que tiveram sua inserção em meados da década de 80 no Brasil. O autor figura, aqui, como influência de determinadas teorias, precursor de outras ou, ainda, é citado para que sejam criticadas suas ideias a respeito de determinadas noções, como as de subjetividade, sujeito e enunciação. Os textos de referência são, principalmente, os que estão contidos na seção “O homem na língua” de *Problemas de Linguística Geral*<sup>27</sup>.

Dentre os três momentos elaborados consoante Brait, deter-nos-emos somente no terceiro, pois é a inserção do ponto de vista enunciativo que nos interessa para este estudo, qual seja o de verificar o modo como comparece a noção de espaço na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste no Brasil.

Apesar de os estudos dos momentos 1 e 2 (indoeuropeístas e de linguística geral) terem sido introduzidos com leituras de textos do próprio Benveniste, a situação do momento 3 é um pouco diversa da dos anteriores. Expliquemo-nos. Por volta da década de 80, os estudos que tiveram sua inserção de modo bastante contundente no Brasil são a Análise de Discurso pecheutiana, a Linguística Textual, a Pragmática e a Semiótica greimasiana. Todos os campos teóricos fazem referência a Benveniste, ora para concordar com ele, ora para de suas ideias discordar. O fato é que todas traziam consigo uma leitura dada, engessada dos textos benvenistianos que remetiam à enunciação, se não impossibilitando, ao menos dificultando o acesso ao original e o direito de que cada um fizesse a sua leitura dos textos do mestre.

---

<sup>27</sup> A divisão proposta por Brait (1994:1995) está, de algum modo, em consonância com a divisão elaborada por Normand (2009b):

1º - Leitura comparatista: obras de 1935, 1948 e 1969<sup>27</sup> em que se privilegiam os estudos indoeuropeus. Trata-se de uma leitura de filólogos e linguistas das línguas clássicas;

2º - Leitura estruturalista: é a leitura feita pelos então novos linguistas da década de 70. “Trata-se de textos gerais, ligados à difusão do estruturalismo na França, de alguma forma artigos de vulgarização ou pelo menos que visam uma formação inicial” (NORMAND, 2009b, p.13);

3º - Leitura da “teoria da enunciação”: associada às seções *A comunicação* e *O homem na língua* dos dois volumes do *PLG*. Só se passa a fazer essa leitura a partir de 1970, quando da publicação do artigo *O aparelho formal da enunciação*, a qual torna-se a leitura dominante, praticamente exclusiva.

Diante disso, é possível entender que os estudos benvenistianos a respeito da enunciação são inseridos no Brasil através de uma leitura “de segunda mão”, uma leitura já estabelecida e marcada por outros pontos de vista teóricos que não o da Teoria da Enunciação. Benveniste aparece, principalmente, em referência aos estudos dos pronomes, dos verbos, dos enunciados performativos, à concepção de enunciação etc, ou seja, o que aparece é o ponto de vista da teoria que o apresenta sobre determinado fenômeno por ele estudado e por ela ratificado/refutado/aproximado/criticado.

Com base nisso, desenvolveremos uma breve apresentação da inserção de Benveniste no Brasil via perspectivas teóricas que não a sua. As perspectivas escolhidas são Pragmática, Linguística Textual e Análise de Discurso (pecheutiana<sup>28</sup>). O leitor poderá observar certa disparidade na abordagem da entrada do semanticista via cada perspectiva, por isso, salientamos que tal discrepância ocorre em função do maior ou menor grau de inserção de Benveniste na teoria. Dito de outro modo, há perspectivas em que as críticas à teoria benvenistiana da enunciação são mais contundentes e, por isso, necessitam ser mais problematizadas; por outro lado, há campos em que a inserção dessa teoria é menos conflituosa, de modo que não sejam necessárias muitas problematizações; no entanto, ainda que sua inserção se dê de modo menos conflituoso, nem por isso deixa de ser menos apagada e indefinida.

Podemos observar essa “indefinição” de relações, por exemplo, no volume II – Princípios de Análise do livro *Introdução à Linguística*, organizado por José Luiz Fiorin. Há, no livro, o capítulo intitulado “**Pragmática**”, escrito pelo próprio organizador da obra, em que ele discorre acerca da área. No entanto, constam como seções do capítulo os seguintes títulos: “A enunciação”, “A pessoa”, “O tempo”, “O espaço”<sup>29</sup>. Ora, não haveria problema em utilizar tais termos de empréstimo se se esclarecesse em que sentido eles estão sendo utilizados. O autor define a enunciação se apropriando de um conceito benvenistiano, qual seja o de que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82). Percebemos que o autor faz uso de um

---

<sup>28</sup> Adotamos o ponto de vista da Análise de Discurso pecheutiana para este estudo em função de entendermos que esse viés é um dos mais difundidos no Brasil.

<sup>29</sup> Há outras seções no capítulo, mas essas são as que nos interessam para a discussão aqui proposta.

conceito pertencente a outro ponto de vista teórico sem informar ao leitor sobre isso. Dito de outro modo, Fiorin faz uso de alguns termos da teoria da enunciação benvenistiana, principalmente, termos relacionados à subjetividade e a suas marcas na enunciação, reflexões não desenvolvidas no interior da Pragmática. Em seguida, o autor introduz definições de enunciado, debreagem, embreagem etc, propostas por outro autor, este também não pertencente à Pragmática mas à Semiótica. Referimo-nos, neste caso, a Algirdas-Julien Greimas, semioticista francês.

Parece-nos no mínimo curioso o fato de Fiorin introduzir um tópico relativamente extenso relacionado a Benveniste no capítulo que se dedica à Pragmática. Além disso, o autor remete indistintamente a Benveniste e a Greimas e Courtés como se todos fizessem parte da mesma vertente teórica e, ainda, como se a vertente teórica a que eles se filiam fosse a Pragmática, dado que figuram no capítulo que se dedica a ela.

Ora, ao nos depararmos com um capítulo intitulado “Pragmática” em um livro de introdução à linguística, compreendemos, na ausência de ressalvas, que os autores ali citados pertencem à corrente que dá título ao capítulo. Ao colocar em relação três campos disciplinares distintos – a Linguística da Enunciação, a Pragmática e a Semiótica greimasiana – indistintamente, acaba-se por confundi-las entre si, dificultando, desse modo, ao aluno iniciante em Letras o acesso ao conhecimento das diferentes perspectivas teóricas que compõem os estudos da linguagem. Apresentando as disciplinas desse modo, perde-se na qualidade de ensino e na riqueza de possibilidades de exploração de cada área teórica.

No que tange à **Linguística Textual**, trazemos à baila o livro *Argumentação e Linguagem*, de Ingedore Villaça Koch, obra em que a autora compila diversos textos – alguns já apresentados com alterações, outros inéditos – que dão conta, em alguma medida, da reflexão sobre a relação entre argumentação e linguagem. No primeiro capítulo do livro, “Discurso e Argumentação”, a autora afirma, ao contextualizar os precursores da reflexão sobre argumentação e linguagem, que

Foi com o surgimento da Pragmática que o estudo do discurso e, em decorrência, o da argumentação, passou a ocupar um lugar central nas pesquisas sobre a linguagem [...] Essa preocupação teve início no momento em que se passou a incorporar a enunciação ao estudo dos enunciados linguísticos, o que deu origem à Teoria da Enunciação. (KOCH, 2000, p. 20)

Ao que nos parece, a autora confunde o que é da ordem da Linguística da Enunciação com o que é da ordem da Pragmática. É sabido que cada campo possui pontos de vista bastante distintos e que definem objetos diferentes. Nesse sentido, não caberia desenvolver tal relação de aproximação, pelo menos não em um livro destinado a alunos ingressantes no curso de Letras e a todas as pessoas que se interessem pela temática da argumentação.

Além do texto citado, encontramos, também, no livro *A inter-ação pela linguagem*, de Koch, a inserção da teoria da enunciação benvenistiana como “influência” do modo como hoje se configura a Linguística Textual. Afora o fato de, uma vez mais, dispor a “Teoria da Enunciação” no mesmo capítulo – “Linguagem e ação” – que as teorias pragmáticas, Koch entende por Teoria da Enunciação o que atualmente se denomina a Linguística da Enunciação, ramo disciplinar da Linguística de que diversas teorias fazem parte.

Apesar de citar Bakhtin, a autora dedica mais espaço no tópico à reflexão benvenistiana sobre enunciação e subjetividade. Para ela, Benveniste propõe a tese de que a subjetividade está na linguagem e “tomou como principais pontos de partida os sistemas pronominal e verbal do francês” (KOCH, 2007, p. 12). Ao falar do sistema pronominal, a autora apresenta somente os pronomes pessoais para abordar a distinção feita por Benveniste, em textos de 1946 e 1956, entre pessoa e não-pessoa.

Afirma Koch que

Ao descrever o sistema pronominal, Benveniste distingue os pronomes da pessoa (1ª e 2ª) dos pronomes da não-pessoa (3ª). Os primeiros designam os interlocutores, os sujeitos envolvidos na interlocução (eu, tu, você; nós, vós, vocês); os últimos designam os *referentes* (seres do mundo extralinguístico de que se fala) e, assim, não devem ser colocados na mesma classe dos primeiros. (ibid., p. 12, grifos nossos)

Gostaríamos de apontar uma breve divergência de leitura no que diz respeito ao tratamento da não-pessoa dado por Koch. A realidade de que trata Benveniste não se refere, desde nosso ponto de vista, ao *referente*, ao ser do mundo, ao extralinguístico. Sua reflexão está sempre voltada às questões linguísticas e, por isso, não poderia ser diferente quando de sua reflexão sobre pessoa e não-pessoa.

Ainda que o autor afirme que “cada instância de emprego refere-se a uma noção constante e ‘objetiva’, apta a permanecer virtual ou a atualizar-se” (BENVENISTE, 1995, p. 278), é interessante observar a função que a utilização de aspas quando do emprego da palavra “objetiva”. Diante do uso das aspas, é possível depreender que o autor pretende distanciar-se do que se entende por objetividade, que, por sua vez, está relacionada à realidade dos “objetos”. Por isso, no mesmo texto e algumas linhas abaixo, o autor explica que a realidade de que trata é a “realidade de discurso, que é coisa muito singular” (ibid., p. 278). Ainda, ao falar especificamente sobre a não-pessoa, Benveniste entende que ela é a única possibilidade de enunciação que não remete a si mesma, “mas que predica o processo de *não importa quem* ou *não importa o que*, exceto a própria instância, podendo sempre esse *não importa quem* ou *não importa o que* ser munido de uma referência objetiva” (ibid., p. 282).

O que destacamos do trecho citado é a diferença entre possibilidade e obrigação, pois não está posto que a não-pessoa *deve* ter uma referência objetiva, mas que *pode* tê-la, não cabendo a comprovação de sua existência ao linguista. Vale ressaltar que essa suposta oposição entre “referência objetiva/referência subjetiva” desfaz-se no próprio texto “Da subjetividade na linguagem”, em que Benveniste destaca que a “A forma *ele* [...] tira o seu valor do fato de que faz necessariamente parte de um discurso enunciado por ‘eu’” (ibid., p. 292), que situa o “ele” como não-pessoa do discurso, mas com estatuto de subjetividade porque enunciado pelo próprio sujeito.

Por fim, observemos o modo de inserção de Benveniste a partir dos estudos de Análise de Discurso de vertente pecheutiana (doravante, AD). O que se verifica em relação a Benveniste, a partir dessa vertente, é uma severa crítica principalmente no que diz respeito ao estatuto da subjetividade proposto pelo autor.

De certa forma, pode-se dizer que a linguística tem tido seus tropeços. Neste trabalho, partirei de dois deles, que, no final, são apenas um.

a) O primeiro para o qual apontarei – e do qual já tratei em passagem em outros textos – é o da linguística feita a partir do locutor. É o que se pode ver, por exemplo, em Benveniste (1974 e 1976), em que se trabalha o privilégio do falante, ou seja, a perspectiva pela qual se considera o “eu” e o “outro” dá-se pelo enfoque do “eu”. (ORLANDI, 2006, p. 149)

Na medida em que este campo [o da análise de discurso] trata o sujeito como constituído pela atividade de linguagem, ele se aproxima, em certa medida, da posição de Benveniste. Mas se distancia, por outro lado, de Benveniste, na medida em que para ele este é uno e homogêneo, fonte de si. (GUIMARÃES, 1998, p. 111)<sup>30</sup>.

Como é possível verificar a partir das citações acima, as críticas a Benveniste estão basicamente voltadas ao caráter da noção de sujeito: de acordo com a leitura da AD no Brasil, o sujeito em Benveniste é “homogêneo, psíquico, fonte de si”. Não é nosso propósito desqualificar a leitura dessa vertente teórica, no entanto, consideramos pertinente introduzir alguns apontamentos para cotejar as diferentes leituras.

Ao que nos parece, há uma espécie de “equivoco” de leitura, ou, melhor dito, uma leitura pontual da obra de Benveniste que desconsidera a complexa relação estabelecida entre os termos e as noções constantes dos *Problemas de Linguística Geral*. Se considerarmos, por exemplo, a noção de sujeito, teremos “aquele que enuncia por um ato individual de apropriação da língua”. De fato, vista desse modo, a noção *parece* ser egocêntrica, una, psíquica etc.; contudo, se a pusermos em relação com outras noções, como intersubjetividade, enunciação, instância de discurso, referência, a noção assume outro caráter.

A noção de intersubjetividade diz respeito à impossibilidade de se supor o “eu” sem o “tu” (mesmo que o “tu” seja imaginado). Assim sendo, não há razões para imputar à noção de subjetividade benvenistiana o caráter de “egocêntrica”. Além disso, cabe salientar que desde que se considere a enunciação em seu aspecto evanescente, em sua singularidade, única e irrepetível, e a subjetividade como a emergência do sujeito na enunciação, é impossível pensar em sujeito “uno” no sentido de indivisível. Talvez o mais apropriado seja utilizar a palavra “único”, uma vez que o sujeito será sempre único (assim como o tempo e o espaço), dada a singularidade própria à enunciação.

Ainda, e relacionado a tudo o que já foi dito, considerar o “sujeito” benvenistiano como pertencente à ordem psíquica é desconsiderar as relações que

---

<sup>30</sup> Guimarães (1998) não integra, propriamente, a Análise de Discurso pecheutiana, mas muitos dos conceitos de que se vale o autor para a constituição de seus estudos são delas oriundos. Além disso, na citação por nós referida, o autor trata especificamente do caso da Análise de Discurso pecheutiana e sua relação com a teoria da enunciação benvenistiana.

a (inter)subjetividade mantém com a instância de discurso. Esta, por sua vez, remete-nos à consideração de Benveniste sobre a realidade à qual fazemos referência, conforme postula o autor:

Qual é, portanto, a “realidade” à qual se refere ‘eu’ ou ‘tu’? Unicamente a uma “realidade de discurso”, que é coisa muito singular. ‘Eu’ só pode definir-se em termos de “locução”, não em termos de objetos, como um signo nominal. ‘Eu’ significa “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém ‘eu’”. (BENVENISTE, 1995, p. 278, grifos do autor)

Diante dos dois exemplos de leitura que a AD faz a respeito da enunciação em Benveniste, seria possível pensar que se trata da leitura feita pelos analistas de discurso brasileiros. Entretanto, podemos verificar a recorrência às críticas a Benveniste também em Michel Pêcheux, autor sobre o qual se funda (e fundamenta) a AD:

A dificuldade atual das teorias da enunciação reside no fato de que estas teorias refletem na maioria das vezes a ilusão necessária construtora do sujeito, isto é, que elas se contentam em reproduzir no nível teórico esta ilusão do sujeito, através da ideia de um sujeito enunciador portador de escolha, intenções, decisões etc, na tradição de Bally, Jakobson, Benveniste. (PÊCHEUX, 1997, p.175)

Também é possível encontrar crítica bastante semelhante em Jean-Jacques Courtine, outro grande expoente da AD:

O desenvolvimento no interior da linguística das problemáticas da ‘enunciação’, concebida como a “apropriação subjetiva da língua por um ato individual de utilização” (Benveniste), consiste num sintoma disso [rebaixamento da ordem do discurso]. As concepções linguísticas da enunciação, herdeiras da tradição de uma “linguística da fala”, que tenta caracterizar as modalidades da presença do sujeito falante no discurso a partir da identificação de certas marcas linguísticas (pressupostos, dêiticos, marcas de pessoa, performativos, ‘embrayeurs’...) asseguram, de fato, por intermédio de um sujeito da enunciação pensado como ponto de origem, causa primeira e operador psicológico de seu discurso; a passagem linear e contínua da ordem da língua para a do discurso. Elas impedem, assim, que se pense a especificidade do discurso e a questão do assujeitamento, rebaixando-os a uma problemática instrumental da língua em uso. (COURTINE, 1999, p. 16-17, grifos do autor)<sup>31</sup>

As duas últimas citações atestam que, no caso da AD, os estudos benvenistianos da enunciação são introduzidos no Brasil de forma secundária

<sup>31</sup> Devido ao fato de as críticas incidirem basicamente no mesmo ponto, estendemos a leitura feita às citações de Orlandi e Guimarães às de Pêcheux e Courtine.

porque os fundadores da disciplina já traziam consigo a crítica ao semanticista. Não se pode, portanto, atribuir à leitura brasileira da enunciação benvenistiana o fato de sua entrada ser secundária via AD. Se o legado dos fundadores do campo disciplinar já continha críticas a Benveniste, seus asseclas brasileiros não fariam de outro modo, já que requerem para si a filiação a Pêcheux e a Courtine. Nesse caso, o modo como cada teoria lê os autores, no nosso caso, Benveniste, já demonstra um recorte, o que faz com que determinadas noções sejam consideradas e problematizadas e outras fiquem, de certa forma, “esquecidas”, questão que discutiremos no final desta seção.

É possível observar, com base nas citações destacadas da leitura de Benveniste feita pela AD, que os aspectos mais abordados dos estudos do semanticista são os que dizem respeito à subjetividade e às suas formas de marcação linguística, do mesmo modo que nos pontos de vista da Pragmática e da Linguística Textual.

A respeito da leitura “peculiar” dos trabalhos benvenistianos feita pela AD, Flores e Teixeira afirmam que esse campo é “fortemente ancorado numa visão marxista das relações sociais” e que sob uma perspectiva marxista da linguagem “todos os estudos da linguagem – não apenas os enunciativos – poderiam ser vistos como idealistas”. Os autores ponderam, ainda, que “supor uma implicação entre a linguagem e as relações de classe é algo que apenas a AD faz [...] Aos olhos da AD, toda a linguística contemporânea é idealista” (FLORES; TEIXEIRA, 2011, p. 410-411).

Queremos afirmar, com base no exposto, que a leitura elaborada por Pêcheux e Courtine da Linguística da Enunciação em geral, e da teoria benvenistiana em específico, contribui para um apagamento no modo de recepção da teoria no Brasil. Indubitavelmente, o legado deixado por Michel Pêcheux foi mantido e, a partir disso, explica-se, grosso modo, a forma como se apresenta a leitura da teoria da enunciação benvenistiana pelos analistas de discurso brasileiros.

Flores e Teixeira avaliam que

Durante muito tempo, o que se viu nas salas de aula de linguística, no Brasil, foi apenas o registro da existência da perspectiva enunciativa como se fosse algo que já tivesse perdido o fôlego. Isso impediu que se avaliasse



com justeza o potencial descritivo de teorias muito importantes. Não raras vezes, vemos professores, em palestras e mesmo em artigos, traçando uma espécie de história recente dos estudos linguísticos que supõe uma certa evolução entre eles. Dizem eles que primeiro tem-se os estudos da linguística do texto, que trata da imanência do texto; depois temos os estudos da enunciação, que já se propõe a trazer aspectos contextuais, mas ainda é “excessivamente” descritivista; por fim, temos a AD, que aborda os aspectos sócio-históricos.

Ora, esquecem-se os “historiadores” que essa evolução inexistente, que esses estudos são contemporâneos um do outro, que não há evolução entre um e outro. Portanto, trata-se de uma história falseada (FLORES; TEIXEIRA, 2011, p. 411, grifos dos autores)

Com base na observação de alguns trechos de obras importantes para cada ponto de vista teórico apresentado acima, foi possível observar que a maior parte das referências feitas à teoria enunciativa de Benveniste diz respeito à sua reflexão sobre a enunciação ligada principalmente à subjetividade, à noção de sujeito e, eventualmente, às marcas do sujeito no discurso. Ao observar os principais pontos da obra benvenistiana de que a Pragmática, a Linguística Textual e a Análise de Discurso se valem em seus estudos, buscamos também compreender a falta de estudos mais específicos na linguística brasileira.

Abordado brevemente o modo de inserção dos estudos de enunciação de Émile Benveniste no Brasil, cabe novamente reiterar que não objetivamos, com o tratamento de três áreas dos estudos da linguagem, valorar uma em detrimento da outra, ou afirmar que tais leituras estão erradas e que há uma leitura correta. Não é disso que se trata. Quisemos dar a conhecer, ainda que sucintamente, nossa leitura sobre a entrada dos estudos benvenistianos da enunciação no Brasil. Certamente, ao trazer à baila outros pontos de vista, ocorrem divergências teóricas, mas elas são extremamente salutares e não devem ser vistas negativamente. Sobre as diferentes leituras feitas de Benveniste, Possenti compreende que

O fato de que haja leituras “erradas” não decorre necessariamente de má fé ou de incapacidade intelectual, no sentido corrente dessas expressões. Pode decorrer – estou disposto a admitir – daquilo que Maingueneau (1984) chama de interincompreensão constitutiva. O que quer dizer: dado um espaço discursivo específico, cada um dos discursos que ocupam esse espaço vê necessariamente o(s) outro(s) sob a figura do simulacro, ou seja, não o compreende nunca como o compreendem os que enunciam ou aderem a ele. (POSSENTI, 2001, p. 189, grifo do autor)

Fazemos coro ao ponto de vista de Possenti e salientamos, assim, que não nos cabe avaliar a validade da leitura realizada pelos autores ou áreas apresentados. Cabe-nos apenas descrever e pontuar as diferenças.

Diante dessa breve contextualização sobre o modo de inserção dos estudos de enunciação no Brasil, podemos, de algum modo, explicar a pouca representatividade de estudos que tomam a teoria enunciativa benvenistiana por base. Em função de seu modo de introdução no Brasil, a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste não possui, aqui, fronteiras muito nítidas, ou seja, não há, salvo exceções, espaços claramente delimitados na esfera acadêmica. Isso nos leva a compreender que, se a inserção de Benveniste nos estudos linguísticos brasileiros não possui fronteiras claras, uma das consequências é a “falta” de discussão de problemáticas específicas ligadas ao aspecto enunciativo de seus estudos e de noções vinculadas a essas problemáticas, como é o caso do espaço. O que se tem é um autor que serve a diferentes teorias, “a cavaleiros de diferentes domínios”, mas que, conforme a configuração dada no Brasil, não possui seu próprio campo reconhecido. Assim sendo, são cada vez mais urgentes trabalhos que divulguem a teoria da enunciação benvenistiana e que deem sequência às pesquisas pelo linguista deixadas por fazer.

Para dar continuidade à nossa investigação, passamos ao tópico que trata da entrada de Benveniste via Linguística da Enunciação.

## 1.5 A ENTRADA DE ÉMILE BENVENISTE NO BRASIL VIA LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO

Neste tópico, dedicamo-nos brevemente a descrever nossa pesquisa sobre o modo de inserção de Émile Benveniste a partir de uma leitura especializada na área de Linguística da Enunciação. Para tanto, apresentaremos três livros publicados a partir de 2005 que, minimamente, parecem demonstrar o interesse pela inserção de Benveniste como um linguista da enunciação, diferentemente do ponto de vista dos autores que inseriram o semanticista via outras vertentes teóricas, que ora o viam como precursor, ora como teórico a ser rechaçado mas nunca como um linguista

que possui uma teoria (embora não a tenha formulado com esse caráter) pertencente a uma área de estudos da linguagem que não está “ultrapassada” ou “defasada” – como se houvesse uma evolução nas teorias linguísticas em que só os mais fortes permanecessem (nada mais positivista).

Um dos primeiros, e poucos, livros brasileiros que se dedicam à Linguística da Enunciação, *Introdução à Linguística da Enunciação*, de Flores e Teixeira (2005), é uma obra que se propõe a apresentar, de um modo extremamente claro e didático, para iniciantes no curso de Letras, alguns autores que fazem parte da Linguística da Enunciação.

Observando a ausência de trabalhos que, de algum modo, sistematizassem o campo – e reconhecendo que a leitura de uma obra introdutória não substitui o acesso às obras originais –, os autores apresentam a obra como “uma interpretação das teorias que consideram [...] mais representativas do estudo enunciativo da linguagem, indicando algumas fontes bibliográficas e dando alguma informação sobre seus autores” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 7).

No capítulo que nos interessa para este estudo, “A linguística comporta a enunciação: Émile Benveniste”, os autores apresentam alguns eixos temáticos da obra do linguista. Cabe ressaltar que, embora Flores e Teixeira tenham desenvolvido sua leitura da teoria da enunciação benvenistiana a partir de dois eixos, eles não são opostos, tampouco incomunicáveis. São, na verdade, interdependentes, pois, na medida em que se valem de determinada noção/conceito, faz-se necessário lançar mão de outras tantas noções/conceitos contidas na obra benvenistiana.

O primeiro eixo diz respeito à (inter)subjetividade na linguagem. Nele, os autores trazem à baila conceitos como os modos de significação semiótico e semântico, as correlações de pessoalidade e subjetividade e a noção de intersubjetividade. No segundo eixo, o enfoque é dado à “concepção de aparelho formal da enunciação” (ibid., p. 35). Nesse contexto, apresentam questões como referência, linguística das formas e da enunciação, dêixis etc.

Apesar de ser uma obra de introdução aos estudos enunciativos, os autores nos brindam com explicações e reflexões ao mesmo tempo concisas e instigantes: concisas na medida necessária da clareza de uma obra de iniciação; instigante, ao

evidenciar o infinito potencial de cada teoria, nos incitando a investigar sobre cada tópico apresentado no texto. Como uma obra introdutória de apresentação das diferentes teorias enunciativas, seria impraticável na parte dedicada a Benveniste que os autores tivessem como desenvolver todas as problemáticas específicas da obra do sírio. Nesse caso, sendo o capítulo do livro uma introdução à Linguística da Enunciação, de modo geral, e à enunciação benvenistiana, de modo específico, apontamos para o fato de que não há espaço para o espaço, por questões de prioridades conceituais em uma obra para iniciantes na área, o que nos instiga cada vez mais a continuar nosso percurso de pesquisa.

Por sua vez, o livro *Enunciação e Gramática*, escrito por Valdir do Nascimento Flores, Silvana Silva, Sônia Lichtenberg e Thaís Weigert, publicado em 2008 pela Editora Contexto, é uma obra que possui como objetivos “apresentar a um público maior, e em linguagem simples, alguns aspectos da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste e sua consequente aplicação à língua portuguesa [...] e divulgar o conjunto de trabalhos de pesquisa desenvolvido pelo GEEL<sup>32</sup>” (FLORES et al., 2008, p. 9-10).

O livro – destinado a professores dos ensinos médio e superior, bem como a alunos de graduação e pós-graduação na área de Letras – é dividido em duas grandes partes, que se subdividem. A primeira parte é destinada à apresentação do estado da arte da Linguística da Enunciação, além de localizar a teoria de Émile Benveniste “no interior dos estudos da enunciação”. Nessa parte, está contido o primeiro capítulo, intitulado “A perspectiva enunciativa do estudo da linguagem”.

Por seu turno, a segunda parte diz respeito aos “aspectos teórico-metodológicos referentes à perspectiva linguística benvenistiana” (ibid., p. 11). Dito de outro modo, há, além de um maior aprofundamento teórico da Linguística da Enunciação, análises linguísticas da subjetividade como um deslocamento/leitura a partir dos estudos benvenistianos. Incorporam a segunda parte os capítulos “Uma Linguística da Enunciação”, “Análises da subjetividade na língua”, “A frase nominal na Teoria da Enunciação”, “Os indefinidos submetidos à Enunciação”, “As

---

<sup>32</sup> Grupo de Estudos Enunciativos da Linguagem, sediado na UFRGS, mas com pesquisadores de diferentes instituições.

preposições: um estudo enunciativo”, “Enunciação e aspecto verbal”, e, por fim, “Enunciação e o ensino de língua portuguesa”.

Destacamos na obra dois capítulos específicos que, de alguma maneira, possuem relação com nosso estudo<sup>33</sup>. O primeiro deles é “Análises da subjetividade na língua”, em que os autores apresentam os estudos linguísticos de Benveniste sobre os pronomes e os verbos, categorias que estão profundamente relacionadas. Após explicitarem diferentes análises feitas pelo sírio em torno dos verbos e dos pronomes, Flores et al. desenvolvem alguns “Apontamentos para a análise de outras categorias linguísticas”. Nesse tópico, esclarecem que Benveniste desenvolveu também “breves apontamentos de análise de outras categorias linguísticas” (FLORES et al., 2008, p. 90) e apontam as categorias de advérbio e adjetivo.

De algum modo, é possível observar a presença dos estudos sobre pessoa e tempo contidos – não só, mas também – nas análises sobre pronomes e verbos. Obviamente, não estamos atrelando uma classe gramatical a esta ou àquela categoria (principalmente porque o verbo é capaz de comportar mais de uma, talvez todas?), mas consideramos relevante ressaltar que há, nos estudos sobre pronomes e verbos, a abordagem das categorias de pessoa e tempo. Em contrapartida, há apenas menções, sugestões para o estudo da noção de espaço.

Em outro capítulo importante para nossa investigação, intitulado “As preposições: estudo enunciativo”, os autores propõem que se passe a pensar a preposição como portadora de “uma diversidade de sentidos oriunda das condições de enunciação” (ibid., p. 133). Após explicitarem a metodologia de sua análise, Flores et al. procedem às análises das preposições, retiradas de textos constantes da versão online do jornal Zero Hora, nas quais são apresentadas análises de nove preposições de modo individual e duas análises comparativas com a mesma preposição.

Ao longo das análises, é possível observar a presença da categoria de espaço, o que era minimamente esperado, em função da especificidade da classe gramatical. As análises são bastante minuciosas, no entanto apontamos a ausência

---

<sup>33</sup> Isso não significa que os outros capítulos não possuam qualquer relação com esta dissertação. Trata-se somente da eleição de capítulos que se aproximem mais de nossos objetivos.

de reflexão sobre o que seria próprio da categoria de espaço, uma vez que a classe das preposições está intimamente ligada a ela.

Diferentemente dos outros textos descritos, o *Dicionário de Linguística da Enunciação* não é um livro que deva ser lido do início ao fim, pois é uma obra lexicográfica que visa “contribuir para a construção de um conhecimento compartilhado do campo, assegurando-lhe um mínimo de unidade” (FLORES et al. 2009, p. 12). Dito de outro modo, trata-se de um material de consulta em que conceitos de diversos autores (mas não todos – tarefa da ordem do impossível) figuram em uma mesma obra, de modo que o consulente que se interesse pela área ou tenha dificuldades com determinados termos possa buscar e encontrar um ponto de apoio teórico. É unidade na diversidade. Reconhece-se, com isso, a diversidade teórica (Teorias da Enunciação) que é própria da área de estudos da linguagem (Linguística da Enunciação).

Prefaciado magnificamente por José Luiz Fiorin, há, no *Dicionário*, uma profunda preocupação com seu possível leitor a julgar pelas seções “Palavras ao leitor”, “Guia do usuário” etc. Não obstante, a organização dos próprios verbetes também demonstra tal preocupação com aquele que lê, haja vista as notas explicativas constantes de cada verbete e, ainda, a referência à fonte da nota (textos que fundamentaram a sua elaboração) e a referência à fonte da definição (obra do autor na qual a equipe responsável pelo verbete se baseou para formular a definição).

Para o consulente que deseja aprofundar seus conhecimentos em relação ao termo, há ainda um rol de *leituras recomendadas* abaixo de cada verbete e, também, uma série de *termos relacionados* que acabam por formar uma rede de inter-relações entre eles. Há, parece-nos, um profundo compromisso com o rigor científico e, principalmente, um largo trabalho no sentido de que se investigue mais na área, além de um inegável reconhecimento de que a consulta ao *Dicionário* não dispensa a leitura da obra original.

No livro, há um total de 55 termos e 59 verbetes referentes a Benveniste. Dentre eles, a referência à noção de espaço se dá de modo indireto, ou seja, não há uma entrada específica para o espaço, como o há para pessoa (uma entrada) e para

tempo (três entradas). O espaço figura em verbetes como dêixis, índices de subjetividade, instância de discurso etc, mas inexistente uma reflexão específica sobre a questão. Tal ausência poderia apontar para uma possível dificuldade de sistematização na obra de Benveniste?

Descritas as obras de leitura especializada de Benveniste, faz-se necessário ressaltar que, ao verificar a ausência de teorização sobre o espaço nas obras em questão, sob nenhuma hipótese estamos desqualificando o magnífico trabalho empreendido por seus autores. Estamos apenas apontando para um aspecto lacunar dos estudos enunciativos brasileiros em Benveniste, que é o que, de fato, move esta dissertação.

## 1.6 A DIVULGAÇÃO DE ÉMILE BENVENISTE NO BRASIL: AS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

Nesta seção, apresentaremos de modo sucinto as publicações periódicas referentes à Teoria da Enunciação de Émile Benveniste.

A base de dados Qualis<sup>34</sup>, disponível no site da Comissão de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (doravante, CAPES), registra na área de Letras e Linguística o total de 2.260 periódicos cadastrados e avaliados<sup>35</sup>. Diante dessa imensidão de periódicos, e tendo conhecimento das limitações de um trabalho de dissertação, seria impossível contemplar a pesquisa de sua totalidade, por isso tivemos de elaborar critérios de seleção para a utilização do *corpus*. Esses critérios de seleção dos periódicos consistem em:

- A. Possuir bom indicador na base de dados Qualis (de A1 a B3).
- B. Possuir publicações relacionadas aos estudos de Linguística da Enunciação no Brasil, em geral, e à Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, em específico.

---

<sup>34</sup> A base de dados Qualis é o modo através do qual a CAPES avalia os periódicos com indexação no Brasil. Dessa forma, o modo de avaliação se dá por meio de conceitos que vão de A1 (padrão internacional) a C (não recomendado para publicação). Os critérios de avaliação por conceitos estão disponíveis no site da CAPES: <http://www.capes.gov.br>.

<sup>35</sup> A última atualização é de 2012.

Para ser selecionado, importava que um ou outro critério fosse atendido, pois, caso tivéssemos estabelecido ambos como critérios obrigatórios, teríamos pouco material para consulta dadas as proporções dos estudos em Linguística da Enunciação no Brasil. Além disso, somente publicações a partir do ano de 1995 foram levadas em consideração para este estudo. Diante de tais critérios, as seguintes revistas foram selecionadas:

**Quadro 2** – Lista dos periódicos com seus respectivos conceitos Qualis

<b>PERIÓDICO E INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL</b>	<b>QUALIS</b>
<b>Alfa (UNESP)</b>	A1
<b>Anpoll (ANPOLL)</b>	A1
<b>Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)</b>	A1
<b>Cadernos do IL (UFRGS)</b>	B1
<b>Calidoscópico (UNISINOS)</b>	A2
<b>Desenredo (UPF)</b>	A2
<b>Letras (UFSM)</b>	A2
<b>Letras de Hoje (PUC – RS)</b>	A2
<b>Letrônica (PUC – RS)</b>	B3
<b>Organon (UFRGS)</b>	A2
<b>ReVEL <sup>36</sup></b>	B2

A partir da seleção dos periódicos, tornou-se possível elaborar um mapeamento – ainda que não geral – das referências a Benveniste presentes nesses materiais. Embora não seja objetivo deste trabalho simplesmente quantificar as referências ao semanticista, trazemos alguns números que nos parecem elucidar algumas questões importantes para uma melhor compreensão da problemática.

<sup>36</sup> Geralmente, os periódicos estão sob responsabilidade de alguma instituição de ensino superior. A revista ReVEL, no entanto e em princípio, não está sob a guarda de nenhuma universidade, por isso deixamos em aberto o espaço referente à instituição nesse periódico.



**Quadro 3** – Relação entre artigos pesquisados e referências à Teoria da Enunciação de Benveniste encontradas nos periódicos

PERIÓDICO E INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL	ARTIGOS PESQUISADOS	ARTIGOS QUE FAZEM REFERÊNCIA À TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE BENVENISTE
Alfa (UNESP)	390	12
Anpoll (ANPOLL)	175	4
Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)	176	8
Cadernos do IL (UFRGS)	183	4
Calidoscópico (UNISINOS)	150	10
Desenredo (UPF)	88	6
Letras (UFSM)	119	9
Letras de Hoje (PUC – RS)	114	37
Letrônica (PUC – RS)	77	4
Organon (UFRGS)	175	14
ReVEL	153	15
<b>TOTAL</b>	<b>1800</b>	<b>123</b>



**Figura 1** – Gráfico: Porcentagem de referências a Benveniste nos periódicos pesquisados.

Os dados descritos acima revelam uma realidade já evidenciada por outros autores: a pouca frequência de referências a Émile Benveniste, um dos mais importantes linguistas do século XX, assunto sumariamente tematizado anteriormente (vide 1.3). Ainda que a Linguística da Enunciação seja uma área em franco desenvolvimento no Brasil, com obras traduzidas e publicadas para/em português, os estudos que a ela se dedicam são, ainda, relativamente poucos. Flores e Teixeira (2005) observam duas atitudes dos pesquisadores brasileiros em relação ao tratamento enunciativo da linguagem:

a) O simples registro,

em que é reconhecida a importância desses trabalhos como passagem da análise imanente para a análise de aspectos mais amplos de produção do discurso. No entanto, tais autores apressam-se em dizer que os estudos da enunciação são apenas uma “fase” da história [...] (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 11, grifo dos autores)

b) “Apropriação” dos dispositivos metodológicos das diferentes teorias da enunciação

sem incorporar a teoria subjacente aos modelos. Em outras palavras, têm-se visto muitos estudos – especialmente teses e dissertações – que repudiam os princípios das teorias da enunciação, mas no momento de efetivar suas análises recorrem aos modelos dessas teorias. (ibid., p. 11)

Tais atitudes apontadas pelos autores nos parecem explicar, de algum modo, o fato de muitos conhecerem e respeitarem Benveniste, mas poucos o utilizarem como referência em seus estudos.

Definidos os periódicos e as publicações editoriais a serem investigados, além da breve explicitação do atual estado das publicações brasileiras que tomam a teoria da enunciação benvenistiana, passamos a apresentar o mapeamento por nós desenvolvido a respeito da questão proposta. Ainda sobre o mapeamento, cabe ressaltar que, em um primeiro momento, objetivávamos apresentar os estudos que faziam referência somente à noção de espaço baseada na obra de Benveniste. No entanto, diante da quase total inexistência de estudos com esse foco – sintoma da falta de investigações que tomem a teoria benvenistiana por eixo central –, impôs-se a necessidade de indagar sobre o modo de comparecimento da teoria da enunciação benvenistiana no Brasil. Nesse sentido, foi imperiosa a necessidade de

ampliar o foco para artigos científicos que trouxessem a teoria benvenistiana em seu bojo.

Com essa ampliação investigativa, a quantidade de artigos aumentou consideravelmente, e tivemos de adotar um método de organização para todos eles. Desse modo, optamos pela criação de grandes temas/eixos sobre os quais versavam os artigos, de modo que construímos uma tabela-síntese constituída da seguinte forma:

**Tabela 4 – Publicações periódicas por temas/eixos**

Periódicos	Temas/eixos																	
	Semiótica (Inter)subjetividade	Pessoa	Tempo	Espaço	Referenciação	enunciação	Enunciação	Sentido	Não-pessoa	Sujeito	Dêixis	análise linguística	Língua	Discurso	Semiótico- Semântico	Aquisição	Sintoma de linguagem	Saussure
Alfa (UNESP)	X	X	X	X	X	X												
Anpoll (ANPOLL)			X		X	X		X	X									
Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)	X	X				X	X				X				X			
Cadernos do IL (UFRGS)			X	X		X	X				X	X						
Calidoscópio (UNISINOS)		X		X	X	X	X					X	X				X	
Desenredo (UPF)		X				X	X											
Letras (UFSM)	X	X				X	X				X	X			X		X	X
Letras de Hoje (PUC – RS)	X	X	X	X	X	X	X	X			X	X	X		X	X	X	X
Letrônica (PUC – RS)					X		X											
		X																
Organon (UFRGS)		X		X	X	X	X					X		X		X	X	X
ReVEL		X	X	X	X	X	X		X		X			X	X		X	X

Embora a quantidade de artigos pesquisados em cada periódico não tenha sido a mesma, o que demonstra uma impossibilidade de comparação, é possível verificar, com base nos dados fornecidos pelo Quadro 3, que há uma maior diversidade temática em algumas instituições, principalmente as do Rio Grande do Sul, local onde se concentra, de fato, grande parte das pesquisas brasileiras em Enunciação.

Além disso, é possível observar na última tabela que a noção de espaço, do total dos artigos pesquisados em todos os periódicos, é tematizada em apenas um texto. O único dentre os 123 artigos pesquisados e com relação a Benveniste é de autoria de Ernani Cesar de Freitas e tem por título *A enunciação em texto jornalístico: o uso das categorias de tempo, espaço e pessoa*. No artigo, Freitas estudou o gênero editorial com foco na teoria enunciativa de base benvenistiana e, principalmente, nas categorias de tempo, espaço e pessoa. O autor apresenta uma breve contextualização de alguns conceitos-chave da teoria benvenistiana de que se valerá para o estudo. No entanto, Freitas esclarece que, embora figurem no título as três categorias, dedicar-se-á a apenas à categoria do tempo, conforme o autor: “Para fins dessa abordagem [do gênero editorial], analisamos mais detidamente a categoria de tempo, que traz consigo as outras categorias – espaço e pessoa” (FREITAS, 2011, p. 1, acréscimo nosso).

A afirmação de que a categoria de tempo “traz consigo” as demais categorias perpassa todo o texto, sem, no entanto, haver uma explicação do que isso, em termos teóricos e metodológicos, significa. Há, de fato, a predominância da análise da categoria de tempo e quase nenhuma sistematização das categorias de espaço e pessoa. Diante da afirmação de Freitas sobre a categoria de tempo, algumas questões se colocam: De que modo a categoria de tempo “traz consigo” as de espaço e pessoa? Estas são marcadas formalmente do mesmo modo? Não há diferença entre elas? E se a categoria de tempo carrega as demais, o reverso também ocorre?

De fato – e contrariamente ao que o título do artigo propõe – não há uma tematização a respeito do espaço, ou seja, embora o espaço figure no título do trabalho do autor, ele não é abordado em seu estudo, de modo que o que temos,

diante de todos os artigos investigados, é o fato de que não há trabalhos sobre o espaço relativos à Teoria da Enunciação de Émile Benveniste.

Diante da descrição de alguns periódicos em que constam publicações com referências à Teoria da Enunciação, podemos ratificar o que já vínhamos apontando anteriormente no que diz respeito ao pequeno volume de publicações que referem ao autor e, principalmente, à quase inexistência de publicações que se dediquem a estudar a noção de espaço. Além disso, cabe salientar que não queremos, de modo algum, sugerir ou afirmar que todas as publicações devem apresentar em seus números esta ou aquela teoria, mas queremos, sim, observar a situação em que se encontra a teoria em que nos inserimos para a produção desta dissertação. Avaliamos que tomar conhecimento das publicações que tocam diretamente a teoria a qual nos propomos estudar pode nos auxiliar para a construção de nosso estudo.

Explicitadas, a nosso modo, as circunstâncias das publicações na área no Brasil, encaminhamo-nos para a próxima seção.

## 1.7 SOBRE A AUSÊNCIA DE TRABALHOS DEDICADOS À NOÇÃO DE ESPAÇO

Nosso objetivo principal, quando do início desta pesquisa, era o de encontrar trabalhos que se referissem à noção de espaço segundo a teoria benvenistiana. No entanto, dada a quase total inexistência de trabalhos nesse sentido, tivemos de traçar um caminho mais longo para nos certificarmos da ausência de estudos sobre essa temática.

Assim sendo, empreendemos, primeiramente, uma busca por estudos gramaticais brasileiros relacionados à categoria de espaço aliada a uma pesquisa sobre a teoria linguística que estaria subjacente à sua sistematização. Para tanto, investigamos quais eram as gramáticas mais utilizadas nos cursos de graduação em Letras no Brasil. Como nem todas as instituições pesquisadas disponibilizaram o acesso aos programas das disciplinas, restringimos a pesquisa às universidades com cursos pioneiros em seus respectivos(as) estados/capitais que a)

disponibilizavam as ementas em seus sites ou b) enviaram os programas mediante solicitação por *e-mail*.

Após isso, passamos para um segundo momento, em que abordamos o modo de inserção da teoria da enunciação benvenistiana no Brasil, diferenciando-a em dois modos: a inserção via outros pontos de vista teóricos e a inserção via Linguística da Enunciação. Por fim, procedemos à investigação em periódicos brasileiros sobre estudos que abordassem, de algum modo, a teoria a que nos referimos aqui a fim de vislumbrar estudos que já tivessem dado conta, mesmo que superficialmente, da noção de espaço.

A tarefa foi evidentemente longa e, ao final dos exames de periódicos e livros, somos capazes de afirmar que diversos são os trabalhos que fazem referência às categorias de pessoa-tempo-espaço e a outras tantas noções caras à teoria da enunciação benvenistiana. Contudo, não há um trabalho que se dedique a questionar ou, pelo menos, a suspeitar da possibilidade de tais categorias não serem idênticas e não poderem ser linearizadas.

Tal constatação está, parece-nos, ligada à constatação anterior que diz respeito à pouca representatividade de publicações que tomem a teoria benvenistiana por base. Ora, se há poucos trabalhos que se fundamentam nessa teoria, é compreensível que inexistam trabalhos relacionados à noção de espaço.

Em grande parte dos textos pesquisados em que encontramos referências a Benveniste, o que vemos é uma aplicação de alguns conceitos do mestre como se este dispusesse de um modelo de análise *a priori*, anterior aos fatos enunciativos. Se podemos dizer que há um *a priori* na teoria da enunciação benvenistiana, esse seria a impossibilidade de existência de modelos anteriores aos fatos linguísticos, anteriores à enunciação. Esquecem-se muitos dos estudiosos que buscam aplicar modelos baseados em Benveniste que o autor deixara sua teoria (que tampouco fora por ele concebida como tal) em aberto.

Poucos são os trabalhos que se dispõem a questionar as evidências, a pesquisar profundamente a própria teoria do autor<sup>37</sup>. Dentre os trabalhos que o fazem, encontramos profícuas discussões e pontos de vista que contribuem para a projeção de novos rumos para o campo disciplinar, aspectos até então não abordados. No entanto, ainda que as categorias de pessoa-tempo-espaço sejam apresentadas brevemente nesses estudos, não há reflexões em profundidade acerca da noção de espaço. Sobre a pessoa e o tempo, encontramos diversos trabalhos, como já o constatamos. Tais noções são, inclusive, objeto central de alguns estudos (conforme 1.2). À noção de espaço, entretanto, é relegado um papel menos importante, ou melhor, menos intrigante.

É justamente a ausência de trabalhos, aliada à crença de que pessoa-tempo-espaço não podem ser entendidos como alinhados e idênticos, que nos move a desenvolver um estudo sobre a noção de espaço. Em decorrência disso, passamos, na próxima seção, a argumentar sobre a necessidade de uma pesquisa que contemple a noção de espaço na teoria benvenistiana.

## 1.8 SOBRE A URGÊNCIA DE TRABALHOS DESTINADOS À NOÇÃO DE ESPAÇO COM BASE EM ÉMILE BENVENISTE

Nesta seção, tratamos da urgência em desenvolver estudos sobre a noção de espaço com base na teoria da enunciação de base benvenistiana para, assim, justificarmos nosso estudo na área. Certamente, a leitura a que nos propomos fazer sobre essa noção não será a verdade última e absoluta no tocante à questão. Cabe salientar que será tão somente nosso ponto de vista, nossos vislumbres, os passos que nossa trajetória (anterior e atual) nos permite dar. Assim sendo, ressaltamos que este estudo não se pretende definitivo, tampouco dogmático, uma vez que, em se tratando de ciência, o dogma inexistente. Propomos apenas nossa leitura a respeito

---

<sup>37</sup> Queremos dizer com isso que as publicações encontradas e que se dispõem a desenvolver um trabalho que se voltem para o interior da teoria são poucos. Isso não significa que não existam dissertações e teses que assim o façam. Talvez a dificuldade de divulgação de trabalhos com cunho mais teórico-epistemológico se deva ao fato de grande parte dos periódicos possuírem a exigência de que o artigo contenha uma “aplicação” da teoria.

da noção de espaço e esperamos poder contribuir para as pesquisas no campo disciplinar da Linguística da Enunciação.

O interesse pela temática do espaço surgiu em função dos debates desenvolvidos em uma das disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Letras a respeito das noções de pessoa-tempo-espaço na obra de Benveniste. A partir disso, buscamos, superficialmente, nos dois volumes de *PLG*, termos e noções que se referissem e relacionassem, direta ou indiretamente, ao estudo do espaço da/na enunciação e, para nossa surpresa, encontramos pouquíssimos. Em contrapartida, sequer seria necessário fazer uma busca muito minuciosa para encontrar, em diversos textos do autor, a explicitação de sua preocupação com as noções de pessoa e tempo. Em muitos deles, como, por exemplo, *Estrutura das relações de pessoa no verbo (PLG I, 1946)*, *A natureza dos pronomes (PLG I, 1956)*, *A linguagem e a experiência humana (PLG II, 1965)*, entre outros, é possível observar que o autor teoriza a respeito das duas noções. E o espaço do espaço? Não é tão longamente desenvolvido quanto os outros. Talvez essa seja uma das explicações para o fato da quase total inexistência de estudos que derivem da teoria benvenistiana e que contemplem a noção de espaço.

Embora seja um discurso corrente ler/ouvir que Benveniste desenvolve as noções de pessoa-tempo-espaço em seus *PLG*'s, atrelando-as como as “principais reveladoras da subjetividade”, tal afirmação não é tão óbvia quanto parece. Já está esclarecido que, em um determinado momento de sua teoria, mas não em toda, Benveniste considera que a subjetividade se marca basicamente nas noções de pessoa-tempo-espaço. No entanto, não nos parece suficiente afirmar tal fato; julgamos necessário saber como tais noções se relacionam entre si nos textos e como cada uma se relaciona com a teoria enunciativa benvenistiana.

Com base na constatação de que a abordagem das noções de pessoa-tempo-espaço não é evidenciada do mesmo modo, tampouco com a mesma relevância na obra<sup>38</sup> de Benveniste, buscamos construir nossa pesquisa. Nosso propósito, não obstante, é bem mais modesto que o de abordar as três noções:

---

<sup>38</sup> Chamo de obra, neste caso, o conjunto de textos selecionados para esta pesquisa.



como já se sabe, buscamos com esta investigação estudar à exaustão<sup>39</sup> a noção de espaço. Diante da investigação empreendida anteriormente (conforme 1.1 e 1.2), é possível verificar a quase total inexistência de estudos nesse sentido, em oposição a alguns estudos que se dedicam à pessoa e ao tempo.

Diversos autores (LACEY, 1962; VANDELOISE, 1986; FILINICH, 1998; FIORIN, 2008 etc.) já desenvolveram pesquisas a respeito das noções de pessoa-tempo-espaço, seja abordando todas elas seja estudando uma ou outra. Embora todas as noções sejam extremamente valiosas e tenham contribuído consideravelmente para o progresso da área, nenhum dos estudos de que temos conhecimento desenvolvem tal investigação tomando por base a teoria de Benveniste. Na área da Linguística, os estudos se centram principalmente na semiótica greimasiana, em função de Algirdas Julien Greimas – um dos fundadores da vertente semiótica – ter desenvolvido profundamente a pesquisa a respeito de tais noções. Já os trabalhos que remetem a Benveniste tratam ou dos estudos sobre a pessoa, abundante e profundamente presente em sua obra, ou do tempo, igualmente presente em abundância e profundidade. Por que não encontramos trabalhos que desenvolvam estudos sobre o espaço na obra de Benveniste?

Fiorin observa que

das três categorias da enunciação, a menos estudada tem sido o espaço. Benveniste [...] diz que a enunciação é a instância do *ego-hic-nunc*, e estuda detidamente as categorias de pessoa e tempo em *Problèmes de Linguistique Générale I et II*, mas dedica sempre poucas linhas à questão do espaço. (FIORIN, 2008, p. 258)

Diante disso, a resposta pareceria simples: não há trabalhos sobre a noção de espaço na teoria benvenistiana porque o autor não desenvolveu maiores estudos sobre ela. Nossas dúvidas se esgotariam aqui e este estudo perderia sua razão de ser. Mas, ao nos depararmos com tal situação, outros questionamentos surgiram e nos inspiraram a continuar: Por que a noção de espaço não é teorizada por Benveniste? Ainda, se, de acordo com as observações de Fiorin, Benveniste “dedica sempre poucas linhas à questão do espaço”, de que modo ele aparece na obra do

---

<sup>39</sup> Não do assunto, mas do tempo e do espaço que nos foram concedidos para desenvolver este estudo.

linguista sírio? É possível derivar uma noção de espaço com base em sua relação com outras noções na obra de Benveniste?

Não almejamos, sob nenhuma hipótese, incorrer no erro de buscar as “intenções” do autor, tampouco afirmar que é relegado à noção de espaço um papel secundário ou inferior. Parece-nos urgente deixar de buscar somente os motivos pelos quais o autor não se detém na noção (perquirição vã), para passar a tentar compreender qual o fundamento da noção de espaço a fim de, mesmo que com poucas pistas, apontar para alguma possibilidade de compreensão. Em outras palavras, tentamos definir sobre que base está calcada a noção de espaço no interior da teoria benvenistiana e, ainda, que relações é possível estabelecer entre a ela e outras noções e conceitos na obra do mestre para, talvez assim, vislumbrar respostas.

Avaliamos ser de fundamental importância desenvolver um estudo acerca da noção de espaço na obra de Benveniste em função de esta ser a única sob a qual quase não há pesquisas e, mesmo assim, permanecemos afirmando que Benveniste desenvolve estudos sobre as noções de pessoa-tempo-espaço indistintamente, como se se tratassem/remettessem às mesmas questões. Ora, se cada noção não trata do mesmo aspecto, portanto são de ordens diferentes, é inaceitável que as usemos sem distinção. No entanto, se não há estudos sobre a noção de espaço, então como diferenciá-la das outras? Como saber qual a sua natureza e sobre quais fundamentos se constitui? Consideramos, desse modo, que seja urgente que nos detenhamos sobre essa noção.

Devido ao fato de a Linguística da Enunciação ser um campo disciplinar relativamente jovem no Brasil em busca de consolidação, há muito estudo a ser feito, muitos pontos nevrálgicos que ainda não foram tocados. Apesar de diversos estudiosos brasileiros, de algum modo, filiarem-se ao campo – seja através de estudos que dizem respeito somente à Linguística da Enunciação, seja através de pesquisas que estabeleçam relações com outras áreas do conhecimento –, a área ainda carece de pesquisadores que deem conta da heterogeneidade do campo e que possibilitem aos cursos de graduação em Letras o conhecimento sobre o que seja a Linguística da Enunciação. Nesse sentido, consideramos que desenvolver uma pesquisa que tem como eixo principal a noção de espaço seja, de algum modo,

contribuir para o aprofundamento e a solidificação de estudos no campo em que este trabalho se insere.

Posto isso, cabe ainda salientar que, ao nos determos minuciosamente sobre apenas uma noção, avaliamos ser capazes de trazer algumas respostas aos nossos questionamentos e, também, vislumbrar algumas respostas para o próprio campo disciplinar da Linguística da Enunciação, uma vez que este ainda carece de estudos que tenham a noção de espaço como objeto central.

Ao trazer à baila a noção de espaço, avaliamos desenvolver não um estudo que toma por base a Teoria da Enunciação para aplicá-la ou fazer deslocamentos, mas antes desenvolver um estudo que faz o caminho de volta: de retorno às origens dos postulados benvenistianos. Muitas vezes, é necessário que se empreenda um retorno para poder seguir caminhando. Julgamos que esse seja o caso desta investigação: é imperativo retornar às bases para solidificá-las e, a partir delas, prosseguir em estudos posteriores. Ou seja, propomos nesta dissertação um estudo retrospectivo a respeito da noção de espaço com o objetivo de que possamos qualificar nossos estudos prospectivos.

Em suma, esperamos contribuir, com este estudo, para o campo da Linguística da Enunciação através de questionamentos acerca da noção de espaço em Benveniste e, com isso, talvez, propor uma mudança de postura em nossa prática (docente, de pesquisa) ao abordar a teoria da enunciação benvenistiana. Melhor dito, ponderamos que, mais que uma mudança de postura, é necessário um movimento anterior: o de mudança de questionamentos, de forma que passemos a procurar os fundamentos do que nos é dado como verdade, pois, de acordo com nosso mestre fundador da ciência linguística, “às vezes, é mais fácil descobrir uma verdade do que lhe assinalar o lugar que lhe cabe” (SAUSSURE, 1995, p. 82). E nesse mesmo sentido, Benveniste também nos alerta: “A pergunta pode surpreender, como tudo o que parece questionar a evidência, mas às vezes é útil pedir à evidência que se justifique” (1995, p. 284). É a partir desta trilha que pretendemos traçar nossa trajetória: questionando a evidência, a obviedade, conferindo-lhe seu lugar.

Este capítulo, enfim, comprova que há uma lacuna no que diz respeito aos estudos sobre o espaço e isso nos leva a um outro questionamento fundamental: a ausência de estudos sobre o espaço, principalmente a ausência nos estudos da área especializada, poderia dizer algo sobre a ausência de estudos nesse sentido nos trabalhos de Benveniste? Essa ausência poderia apontar para uma dificuldade de sistematização presente já nos *Problemas de Linguística Geral*? Com essas perguntas e com o espírito de questionamento à obriedade encaminhamo-nos ao próximo capítulo, no qual organizamos e apresentamos a seleção de critérios dos modos de entrada na obra de Benveniste, para, assim, dedicarmo-nos, posteriormente, a uma reflexão mais aprofundada a respeito da noção de espaço na teoria enunciativa do mestre.

## CAPÍTULO 2

### COMO LER O ESPAÇO EM BENVENISTE? UM ESBOÇO DE MÉTODO DE ENTRADA NA OBRA

- *Os pássaros não pensam. Migram para o sul no inverno, diz Sofia.*

- *São muito inteligentes.*

- *É instinto, Jorunn. Só as pessoas pensam.*

- *Adoraria viver como um pássaro e nos ver lá de cima.*

- *Já imaginou o tamanho que é o espaço? É infinito, Jorunn. Ninguém sabe o quanto é grande. Há muitas coisas que nunca saberemos, completa Sofia.*

Jostein Gaarder

Com o objetivo de auxiliar a leitura do presente capítulo, retomamos, de modo breve, o caminho percorrido até aqui.

No capítulo anterior, apresentamos um estudo relativo à presença de sistematizações sobre o espaço no campo da linguística brasileira. Para tanto, adotamos um percurso talvez mais longo, mas indubitavelmente produtivo. No primeiro momento, verificamos os estudos linguísticos e gramaticais a respeito do espaço e apresentamos nossa leitura sobre o modo de abordagem do espaço. Entretanto, necessitávamos de critérios de seleção das obras, que se deu pela quantidade de suas ocorrências encontradas nas disciplinas de alguns cursos de Letras do país. Com base em tal critério central, foram selecionadas 28 disciplinas de cursos de Letras a partir das quais chegamos às seis obras apresentadas no estudo. O interesse pelo estudo das gramáticas ocorreu com o objetivo de verificar se haveria alguma teoria linguística identificável subjacente ao tratamento do espaço e, em caso positivo, que ponto de vista teórico seria.

Selecionadas as obras, empreendemos a busca por estudos relativos e relacionados ao espaço no interior dos textos. A partir do exame das gramáticas, observamos que todas elas desenvolvem, a seu modo, estudos voltados ao espaço; algumas apresentam referências específicas relativas à questão, como é o caso de Moura Neves (2000) e Fiorin (2008); outras sistematizam o estudo sem a explicitação de teorias subjacentes a ele. Apesar de haver a sistematização, ela é consideravelmente menor que os estudos relacionados<sup>40</sup> à pessoa e ao tempo. Obviamente, é sabido que a escolha da pertinência, do maior ou menor espaço destinado a determinado fato de língua, é feita pelos autores das gramáticas e cada qual a desenvolve do modo que melhor lhe apraza. No entanto, não podemos ignorar o fato de que em todas as gramáticas revisadas há um espaço relativamente pequeno destinado ao estudo do espaço. Tal fato não pode nos parecer comum; deve, em absoluto, permitir-nos inquietações em relações aos estudos científicos já produzidos até então.

---

<sup>40</sup> Afirmamos que os estudos estão “relacionados” a pessoa e a tempo, pois tais categorias não pertencem à gramática e, em função disso, podem não receber o mesmo nome e, ainda, podem ser vistas sobre as mais diversas perspectivas.

Após a perquirição feita nas gramáticas, passamos ao estudo dos modos de entrada de Émile Benveniste no Brasil, pois consideramos que a compreensão do modo de inserção dos estudos enunciativos benvenistianos pode ser, de alguma maneira, representativa, e talvez indicativa dos caminhos até aqui trilhados na área da Enunciação, de modo geral, e no estudo do espaço, de modo específico. Nossa investigação sobre a entrada dos estudos do sírio no Brasil dividiu-se em dois tópicos. O primeiro trata da introdução de Benveniste no Brasil por meio de estudos não especializados; o segundo, da sua entrada no Brasil via leitura especializada (Linguística da Enunciação).

Dando continuidade ao capítulo, tratamos de apresentar os estudos até então desenvolvidos com base na teoria benvenistiana. Essa parte da investigação pautou-se nas produções realizadas no Brasil que adotavam, explicitamente, o ponto de vista teórico da perspectiva enunciativa de Benveniste. Dividimos as publicações encontradas em temas/eixos, que totalizaram 19 subdivisões. Com base nessa divisão, apenas um artigo do total de 123 abordava, em princípio, a categoria de espaço, o que já é bastante significativo. No entanto, ao ler o texto, a categoria de espaço parece ter sido ignorada quando da feitura do trabalho. Dito de outro modo, a palavra *espaço* figurava apenas no título e no resumo do autor, mas não era desenvolvida ao longo do texto.

Com base na pesquisa apresentada no primeiro capítulo, é possível comprovar a existência de um nicho ainda não preenchido ou pouco ocupado pelos pares no campo da teoria da enunciação benvenistiana: o estudo sobre o espaço. Como almejamos preencher, a nosso modo, tal lacuna encontrada, consideramos apropriado colocar em exame a obra de Benveniste, a qual será nosso foco neste e no próximo capítulo.

Como já foi demonstrado, há variados estudos linguísticos relativos ao espaço no Brasil, cada um abordando o objeto espaço desde o ponto de vista teórico que lhe convém. Tais investigações estão presentes principalmente em gramáticas de língua portuguesa de forma que, cada uma a seu modo e com sua extensão, apresenta categorias, fenômenos, enfim, fatos de língua que dizem respeito ao espaço. No entanto, embora haja valiosas investigações que tomam o espaço como objeto central, verificamos que poucos desses estudos se valem de uma perspectiva

linguística e, quando alguma delas se faz presente, há praticamente ausência de referência àquele a quem é, geralmente, tributada a sistematização da categoria de espaço: Émile Benveniste. Por isso, operamos a adoção de um caminho um pouco diverso do que se tem adotado nas gramáticas estudadas e assumimos como perspectiva para este estudo a teoria linguística proposta pelo linguista sírio. Na medida em que é pouco abordado inclusive nas gramáticas – e que elas normalmente apresentam uma teoria linguística subjacente –, o estudo do espaço torna-se, mais que pertinente, necessário para o aprofundamento na área de estudos enunciativos e também para a sua consideração como um operador de análises linguístico-enunciativas em termos de ensino de língua.

O fato de a Teoria da Enunciação ser largamente difundida por meio das categorias de pessoa-tempo-espaço, e de haver, no Brasil, alguns estudos acerca de pessoa e tempo dentre os estudiosos dessa perspectiva – e pouca ou nenhuma reflexão sobre a terceira categoria – encaminhou-nos a verificar como, na obra do linguista, o *espaço* ocupava seu “espaço” e como se constituía em relação às outras categorias e no interior da reflexão enunciativa.

Ao alinharmos nossa investigação à perspectiva benvenistiana, propomos uma nova visada não somente para os estudos que procuram observar as relações entre espaço e língua, mas também apresentamos novas questões ao campo da Linguística da Enunciação – em particular, aos leitores e estudiosos de Benveniste – uma vez que os estudos sobre *espaço* estão à margem do espaço central daqueles que se dedicam a estudar as reflexões do autor.

Para aquele que se detém a ler a obra de Benveniste sem nenhum critério de abordagem pré-estabelecido, seu conjunto de textos apresenta-se como uma infinidade de conceitos, um emaranhado de termos e possibilidades de estudos que se torna impossível de apreender sequer em sua mínima potência. Indubitavelmente, a riqueza proporcionada pelos textos do semanticista é algo amplamente produtivo, pois a extensão de abordagens dos fenômenos da linguagem nos possibilita desenvolver os mais diversos estudos tomando-o por base. No entanto, quando o estudioso possui uma pergunta bem definida a responder, o modo de leitura da obra passa a ser outro, pois os sentidos estarão atentos a determinadas questões e não a outras.



Desse modo, tomando a questão principal que norteia nosso estudo – De que modo a noção de espaço é abordada na obra de Émile Benveniste? –, uma dúvida se impunha: como selecionar, dentre os 48 textos pertencentes aos dois volumes de *Problemas de Linguística Geral*, os textos-objeto de nossa pesquisa? Diante disso, foi necessário estabelecer alguns critérios de leitura – ou *método de entrada* – da obra do mestre.

Sob essa perspectiva, o cerne deste capítulo está no estabelecimento de um caminho para a busca de conceitos, termos e noções que estejam relacionados à noção de espaço nos dois tomos de *PLG*, para, no capítulo seguinte, determo-nos na noção de espaço relacionada ao construto teórico-enunciativo. Dito de outro modo, explicitamos, aqui, o método de escolha dos textos analisados para esta investigação.

Para demonstrar o caminho traçado, indagamo-nos, neste capítulo, sobre algumas questões que nos cercam, algumas das quais já explicitadas no capítulo anterior, outras formuladas especificamente neste capítulo. Tais questões são: A noção de espaço é teorizada em Benveniste? Ainda, se, de acordo com as observações de Fiorin (2008), Benveniste “dedica sempre poucas linhas à questão do espaço”, de que modo ele aparece na obra do linguista sírio? Mesmo que dedicadas poucas linhas ao estudo do *espaço*, defendemos que, a seu modo, ele está presente na obra do autor. Assim, cabe questionar: De que natureza são as abordagens em que figura o estudo do espaço? É possível derivar uma noção de espaço com base em sua relação com outras noções na obra de Benveniste? Uma vez que consigamos apreender uma noção de espaço em Benveniste, quais são as propriedades dessa noção? De que modo ela poderia ser organizada? Há princípios que a regem?

Para tentar responder às indagações acima apresentadas, sistematizamos o capítulo de modo a dar conta da pesquisa feita. A partir de uma primeira investigação, encontramos inúmeros textos benvenistianos que poderiam ser alvo deste estudo. Ora, por dizerem respeito à linguagem, todos os textos de Benveniste, obviamente, seriam relevantes neste caso. No entanto, por inserirmo-nos na perspectiva enunciativa, há textos que deixam de ser essenciais para que possamos deslindar os caminhos traçados por Benveniste no que diz respeito à noção de

espaço. Por isso, a divisão do capítulo diz respeito aos critérios desenvolvidos para a seleção dos textos.

Na primeira parte, explicitamos o método da primeira seleção dos textos de Benveniste. Nela, encontram-se os critérios para escolha e eliminação deste ou daquele texto, que estão baseados na ocorrência de determinadas *palavras significativas*<sup>41</sup> ao longo dos textos de *PLG I e II*. Para chegarmos a esse ponto, apresentamos, anteriormente, uma breve discussão de palavras como *termo*, *palavra*, *conceito*, etc. Desse modo, serão escolhidos, de modo mais geral, os primeiros textos da obra de Benveniste. Esse movimento é o que chamamos de *refinamento não especializado*, uma vez que diz respeito a todo e qualquer texto, independentemente de ser considerado ou não integrante dos “textos da enunciação”, presente na obra do semanticista.

Definidos os primeiros textos a partir de palavras significativas para a consecução desta pesquisa, na segunda parte do capítulo apresentamos o segundo método de seleção dos textos benvenistianos, o qual está baseado no que Normand (2009b) propôs a respeito da divisão da obra do sírio e que é também o critério que possibilita a seleção final dos textos para este estudo. Com base no caminho traçado e no método de escolha utilizado, chegamos a esse ponto e devemos finalizar a seleção dos textos, pois consideramos suficientes os critérios de refinamento.

Após a seleção de textos baseados em Normand, partimos para a terceira parte do capítulo, em que o encerramos verificando em que medida conseguimos responder às questões inicialmente propostas. Além disso, verificamos brevemente o contexto de emprego das palavras escolhidas para a seleção dos textos e nos questionamos sobre a maior ou a menor incidência de palavras em determinados textos. Uma vez que os textos selecionados são somente os que dizem respeito à teoria da enunciação benvenistiana, faremos uma breve problematização do uso das palavras para que sejamos minimamente capazes de, no capítulo seguinte, dedicarmo-nos mais a cada contexto de emprego.

---

<sup>41</sup> Chamamos *palavra significativa* a toda palavra que estiver, de algum modo, relacionada a nosso estudo, com base nas definições apresentadas nos dicionários (vide 2.1).

## 2.1 PRIMEIRO CRITÉRIO DE SELEÇÃO: ENCONTRANDO O ESPAÇO

Para dissertar sobre a noção de espaço na obra de Benveniste, torna-se necessário, obviamente, lê-la. No entanto, não se trata de uma leitura desavisada e descomprometida, como a leitura do horóscopo diário no jornal da manhã. A leitura aqui empreendida tem foco bem definido – a *noção*<sup>42</sup> de espaço na obra de Benveniste.

Para chegar a tal noção, entendemos que o primeiro passo a ser dado é o de ler a obra completa atentando principalmente – mas não somente – para palavras que pudessem estabelecer alguma relação com o espaço. Uma vez que é necessário percorrer uma trajetória que esteja de acordo com o rigor científico requerido por uma pesquisa de pós-graduação, de que modo estabelecer quais palavras poderiam ou não estar relacionadas à noção-foco de nossa investigação?

Partindo dessa dúvida, consideramos que a palavra-chave para iniciar nossa revisão é “espaço”. Para ter alguma noção de o que poderia estar relacionado à palavra em questão, examinamos alguns dicionários gerais e de sinônimos em língua portuguesa a fim de orientar nossas escolhas quando da leitura dos textos.

O primeiro alvo de nossa procura foi o *Dicionário de Linguística da Enunciação*, de Flores et al. (2009), que é a obra de consulta especializada na área de Linguística da Enunciação. No entanto, não há a entrada do verbete espaço, há apenas entradas como “espacialização” (Greimas)<sup>43</sup>, “espaço de realização do sujeito” (Flahault), “espaço-tempo” (Bakhtin). Dito de outro modo, quando se trata do espaço em uma das maiores obras brasileiras sobre a Linguística da Enunciação não há referências a Benveniste, o que, de algum modo, testemunha em nosso favor sobre a razão e em que condições podemos nos questionar sobre a noção de espaço na obra do sírio. Como não obtivemos resultado em nossa primeira investida, dirigimo-nos a dicionários não específicos, ou seja, dicionários gerais da língua portuguesa.

---

<sup>42</sup> Nossa concepção de *noção* está alinhada ao ponto de vista proposto por Aya Ono na obra *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste* (2007).

<sup>43</sup> Como o *Dicionário de Linguística da Enunciação* (2009) congrega diversas teorias da enunciação, e como não há consenso teórico-terminológico entre os autores das teorias, marcamos entre parênteses a que autor pertence cada termo citado.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009) apresenta a seguinte definição:

**Espaço** *s.m.* **1** extensão ideal sem limites, que contém todas as extensões finitas e todos os corpos ou objetos existentes ou possíveis **2** medida que separa duas linhas ou dois pontos **3** extensão limitada em uma, duas ou três dimensões; distância, área ou volume **4** a extensão que compreende o sistema solar, as galáxias, as estrelas **5** região situada além da atmosfera terrestre, ou além do sistema solar **6** *fig.* Extensão abstrata, indefinida, de significado subjetivo **7** capacidade, acomodação (havia e. para todos naquele auditório) **8** cabimento, oportunidade (não há espaço para esse tipo de conversa) **9** período ou intervalo de tempo **10** demora, delonga (precisava de mais e. para terminar sua tese) **11** campo abrangido idealmente por determinada área dos conhecimentos e fazeres humanos (e. cultural, e. psicológico) **12** *EDIT* o claro que constitui a separação entre as palavras de uma linha em texto impresso ou manuscrito **13** *FIL* no *Kantismo*, forma intuitiva e apriorística a partir da qual a sensibilidade humana organiza a experiência sensorial, estabelecendo relações e distâncias entre os objetos percebidos simultaneamente. (HOUAISS, 2009)

O *Dicionário Houaiss de antônimos e sinônimos* traz, por sua vez, as seguintes palavras:

**Espaço** **1** **área**: campo, esfera, setor **2** **cabimento** conveniência, oportunidade **3** **capacidade** lugar **4** **claro** branco, lacuna, vazio **5** **cosmo** atmosfera, céu, firmamento, infinito, universo **6** **demora**: adiamento, delonga, prorrogação, tempo **7** **distância** intervalo **entrelinha** branco, claro **9** **extensão** área, dimensão, superfície **10** **intervalo** decurso, duração, lapso, período, tempo **11** **lacuna** vácuo, vão, vazio **12** **recinto** ambiente, local, lugar, sítio. (HOUAISS, 2008)

Com base nas diversas definições e na listagem de sinônimos para a palavra espaço, é possível verificar que nem todas as definições e palavras sinônimas são pertinentes para nossa pesquisa, assim como a gama de relações não nos parece suficientemente estabelecida para nossa leitura. Flores (2012, p. 152) compreende que, quando se estuda Benveniste, é difícil “estudar-se um elemento isolado de outro. Logo, o viés de leitura assumido deve sempre levar em conta que tal teoria estrutura-se como uma rede de primitivos teóricos”. Alinhando nosso ponto de vista ao do autor, e a partir da limitação imposta pelas definições dos dicionários, julgamos pertinente acrescentar as palavras “espacial” e “aqui” às palavras significativas porque acreditamos, ainda que intuitivamente devido a uma leitura de ordem geral da obra de Benveniste, que possam ser válidas para nosso estudo.

Amparados nas definições e escolhas por nós estabelecidas, partimos para a leitura dos textos de *PLG I* e *II* em busca de textos que pudessem fomentar nossa investigação. Embora os *PLG*'s possuam uma ordem estabelecida pela sequência de páginas e de artigos – organização autorizada por Benveniste em ambos os volumes –, a leitura linear da obra do mestre é desaconselhada por expertos na teoria do mestre. Portanto, adotamos o ponto de vista sustentado por Flores, de que “não se pode ler na sincronia o que foi escrito em uma diacronia. Não cabe ler os textos de Benveniste como se fossem contemporâneos um do outro. Respeitar a cronologia dos textos é fundamental” (FLORES, 2012, p. 155). A partir da indicação do autor, ordenamos cronologicamente nossa leitura dos 48 artigos constantes nos dois volumes de *PLG*, que foi organizada do seguinte modo:

**Quadro 5 – Ordem cronológica dos artigos constantes em *PLG I***

<b>TEXTO</b>	<b>ANO DE PUBLICAÇÃO</b>
<i>Natureza do signo linguístico</i>	1939
<i>Estrutura das relações de pessoa no verbo</i>	1946
<i>Eufemismos antigos e modernos</i>	1949
<i>O sistema sublógico das preposições em latim</i>	1949
<i>A frase nominal</i>	1950
<i>Ativo e médio no verbo</i>	1950
<i>Dom e troca no vocabulário indoeuropeu</i>	1951
<i>A noção de “ritmo” na sua expressão linguística</i>	1951
<i>Comunicação animal e linguagem humana</i>	1952
<i>A construção passiva do perfeito transitivo</i>	1952
<i>A classificação das línguas</i>	1952
<i>Tendências recentes em linguística geral</i>	1954
<i>Civilização: contribuição à história da palavra</i>	1954
<i>Problemas semânticos de reconstrução</i>	1954
<i>A natureza dos pronomes</i>	1956

<i>Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana</i>	1956
<i>A frase relativa, problema de sintaxe geral</i>	1957
<i>Categorias de pensamento e categorias de língua</i>	1958
<i>Da subjetividade na linguagem</i>	1958
<i>Os verbos delocutivos</i>	1958
<i>As relações de tempo no verbo francês</i>	1959
<i>“Ser” e “ter” nas suas funções linguísticas</i>	1960
<i>“Estrutura” em linguística</i>	1962
<i>Para a análise das funções casuais: o genitivo latino</i>	1962
<i>Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da lingüística</i>	1963
<i>Saussure após meio século</i>	1963
<i>A filosofia analítica e a linguagem</i>	1964
<i>Os níveis da análise linguística</i>	1964

Quadro 6 – Ordem cronológica dos artigos constantes em *PLG II*

<b>TEXTO</b>	<b>ANO DE PUBLICAÇÃO</b>
<i>A linguagem e a experiência humana</i>	1965
<i>Estrutura das relações de auxiliaridade</i>	1965
<i>O antônimo e o pronome em francês moderno</i>	1965
<i>A forma e o sentido na linguagem</i>	1965
<i>Como se formou uma diferenciação lexical em francês</i>	1966
<i>Convergências tipológicas</i>	1966
<i>Formas novas da composição nominal</i>	1966
<i>Fundamentos sintáticos da composição nominal</i>	1967
<i>Essa linguagem que faz a história</i>	1968
<i>Estruturalismo em linguística</i>	1968

<b><i>As transformações das categorias linguísticas</i></b>	1968
<b><i>A blasfemia e a eufemia</i></b>	1969
<b><i>Difusão de um termo de cultura: o latim orarium</i></b>	1969
<b><i>Gênese do termo “scientificque”</i></b>	1969
<b><i>Mecanismos de transposição</i></b>	1969
<b><i>Semiologia da língua</i></b>	1969
<b><i>Dois modelos linguísticos da cidade</i></b>	1970
<b><i>O aparelho formal da enunciação</i></b>	1970
<b><i>Para uma semântica da preposição alemã vor</i></b>	1972

Após a primeira leitura, foram selecionados, com base no critério que considera a ocorrência das palavras significativas elencadas anteriormente, 12 textos em que elas, de algum modo, figuravam:

1. *O sistema sublógico das preposições em latim – I*, 1949, Travaux du Cercle linguistique de Copenhague, 1995<sup>44</sup>.
2. *A noção de “ritmo” na sua expressão linguística – I*, 1951, Journal de psychologie, 1995.
3. *Comunicação animal e linguagem humana – I*, 1952, Diogène, 1995.
4. *A natureza dos pronomes – I*, 1956, For Roman Jakobson, 1995.
5. *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana – I*, 1956, La psychanalyse, 1995.
6. *Categorias de pensamento e categorias de língua – I*, 1958, Les études philosophiques, 1995.
7. *Da subjetividade na linguagem – I*, 1958, Journal de psychologie, 1995.
8. *Para a análise das funções casuais: o genitivo latino – I*, 1962, Língua, 1995.
9. *A linguagem e a experiência humana – II*, 1965, Diogène, 2006.

<sup>44</sup> As informações referentes aos textos estão dispostas do seguinte modo: título do artigo, número do volume de *Problemas de Linguística Geral*, ano e local de publicação original, ano da edição da obra consultada.

10. *A forma e o sentido na linguagem* – II, 1967, Le Langage II, 2006.
11. *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* – II, 1968, Linguaggi nella società e nella técnica, 2006.
12. *O aparelho formal da enunciação* – II, 1970, Langages, 2006.

Uma vez que nosso objetivo não é o de sermos repetitivos ao resenharmos textos que já são de conhecimento dos estudiosos da perspectiva benvenistiana, apresentamos, a seguir, uma breve síntese da temática abordada em cada artigo selecionado, tendo, certamente, a consciência da impossibilidade de resumir textos tão complexos de modo qualitativo. Além disso, também indicaremos o modo como comparece o *espaço* na temática de cada um dos textos para depois fazermos um estudo mais detalhado dessa presença.

No primeiro texto de nossa seleção, como o título já anuncia, há um estudo sobre *O sistema sublógico das preposições em latim*, em que o autor parte do trabalho desenvolvido por Hjelmslev sobre o sistema sublógico para desenvolver seu estudo sobre algumas preposições latinas. Para Benveniste, cada preposição de cada língua delinea, nos seus mais distintos usos, “uma certa figura na qual se coordenam seu sentido e suas funções e que precisamos reconstituir se queremos dar uma definição coerente do conjunto das suas particularidades semânticas e gramaticais” (BENVENISTE, 1995, p. 141). Apesar de reconhecer que seria necessário dar conta da totalidade das preposições em relação com a totalidade das relações casuais, o autor entende que é possível realizar um esboço do estudo com base em alguns fatos de língua particulares. O fato escolhido por Benveniste diz respeito às preposições *prae* e *pro*, que são usadas, em latim, para indicar a posição “diante de”. No entanto, o semanticista compreende que a aproximação de *prae* e *pro* como significando *mais ou menos* a mesma coisa é superficial e “dissimula sua verdadeira relação linguística. A diferença *profunda* que as separa encontra-se apagada” (BENVENISTE, 1995, p. 142). Desse modo, justifica seu estudo e passa a estabelecer diferenças de uso e de origem, sempre baseadas na descrição de fatos de língua. Nesse texto, como é de se supor, o *espaço* comparece como indicação de posição (com sentidos diferentes) na medida em que as preposições são estudadas, e, nesse caso, ambas as preposições visitadas por Benveniste estão intimamente relacionadas ao objeto de nosso estudo neste trabalho.



Por considerar a noção de *ritmo* algo que é de interesse a “uma ampla porção das atividades humanas” e, dada sua importância, por julgar insatisfatória sua definição – relacionada aos movimentos regulares das ondas –, apresentada nos primeiros estudos filosóficos e de gramática comparada, definição repetida até então, Benveniste propõe, em *A noção de “ritmo” na sua expressão linguística*, a “restauração” histórica da palavra *ritmo* a fim de descrevê-la desde seus primeiros empregos. Ainda que interessado pelas ciências do homem de modo geral, Benveniste reconhece sua função de linguista e dá sua contribuição de modo linguístico a um estudo que possui interesses de diversas áreas: descreve os usos da palavra *ritmo* para contestar a explicação oferecida pelos dicionários para uma noção que está além dos limites da linguística. Dito de outro modo, o mestre propõe uma visada linguística sobre um assunto que é de amplo interesse, ao mesmo tempo, reconhecendo os limites e a importância de sua ciência para os estudos relativos ao homem de modo geral.

Ao analisar as formas morfológicas e o semantismo das formas da palavra “ritmo” em vários momentos e contextos (Heródoto, poetas líricos, autores trágicos, Aristóteles, Platão...), Benveniste mostra como o sentido de “ritmo” foi fixado, destacando, a partir de uma lista de exemplos: 1) que houve alterações de sentido desde a origem até o período ático; 2) que não se aplica ao movimento regular das ondas; 3) que o sentido constante é “forma distintiva, figura proporcionada, disposição”, nas mais variadas condições de emprego. Retoma os contextos para precisá-los e observa que, segundo os contextos onde aparece, o termo “ritmo” “designa a forma no instante em que é assumida por aquilo que é movediço, móvel, fluido [...] É a forma improvisada, momentânea, modificável” (ibid., p. 367-368). Nessa ideia filosófica de um “arranjo sempre sujeito à mudança”, Benveniste questiona: “Como, então, nessa coerente e constante semântica da “forma” se insere a noção de “ritmo”? (BENVENISTE, 1995, p. 368), e chama a atenção para o fato de que o “ritmo” está ligado às distintas atividades humanas: ritmo de uma dança, de uma marcha, de um trabalho, de uma dicção, de um canto... Disso resulta que o “ritmo” está vinculado a “tudo o que supõe uma atividade contínua decomposta por tempos alternados” (ibid., p. 369). Nesse caso, aponta que se atinge o “ritmo” por uma “*configuração espacial* definida pelo arranjo e pela proporção distintivos dos elementos” (ibid., p. 370, grifo nosso), complementando:

“configuração dos elementos ordenados na duração”. Por relacionar o “ritmo” a uma “configuração espacial”, conforme grifo nosso na citação, é que incluímos esse texto em nosso primeiro critério de seleção.

Em *Comunicação animal e linguagem humana*, o mestre relata, de modo sumário, o importante estudo de Karl Von Frisch sobre a linguagem das abelhas. De acordo com o estudo, as abelhas se comunicam através da dança para indicarem o lugar exato onde se encontra o mel encontrado por alguma delas. Com o estudo de Frisch, Benveniste afirma que à comunicação entre as abelhas não pode ser conferido o status de língua, uma vez que sua dança é utilizada com um propósito bem definido, e nada além desse propósito é feito com a dança: a dança provoca uma conduta por parte das outras abelhas, qual seja, a de buscar o mel indicado pela abelha que o encontrou. A abelha não simboliza, não cria referência, mas permanece em um nível em que o referente é bastante localizado: a comida. Em outras palavras, a linguagem da abelha é totalmente dependente da realidade empírica para se realizar, o que é muito diferente da linguagem humana, em que a relação entre referência objetiva e simbolização pode ou não ocorrer. A relação com o espaço se dá quando o autor trata especificamente da dança das abelhas, pois estas não desenvolvem sua dança senão para localizar espacialmente o objeto em que se encontra o mel ou o pólen.

Em *A natureza dos pronomes*, Benveniste questiona-se a respeito do pertencimento ou não dos pronomes a uma mesma classe, seja no que diz respeito à forma, seja no que diz respeito à função. Por entender os pronomes como fatos de linguagem, retira, da classe dos pronomes, o caráter unitário, de modo que alguns fazem parte do que denomina “sintaxe da língua” e outros integram as “instâncias de discurso”. Além disso, retoma a ideia, iniciada no texto de 1946, sobre a diferenciação entre pessoa e não-pessoa e acrescenta uma reflexão que, muitas vezes, pode confundir-se com os estudos pragmáticos da linguagem, ao afirmar que “o enunciado que contém *eu* pertence a esse nível ou tipo de linguagem a que Charles Morris chama pragmático, o que inclui, com os signos, aqueles que o empregam” (BENVENISTE, 1995, p. 278). O linguista esclarece que “aqueles que o empregam” não são os sujeitos empíricos, mas os seres de discurso que se referem sempre a uma realidade de discurso. Ou seja, ainda que haja um esforço para atrelar a reflexão de Benveniste aos estudos pragmáticos, eles são bastante

distantes, uma vez que, de um lado, tem-se uma realidade que prescinde da referência “objetiva” – estudos de Benveniste –, e, de outro, há um construto teórico que associa diretamente a referência do discurso à referência empírica – estudos pragmáticos. Ao falar dos “indicadores” no texto em questão, Benveniste faz menção e desenvolve brevemente sua sistematização sobre o espaço, de modo que este artigo se encaixa ao que estamos buscando em nossa pesquisa: a noção de espaço ligada ao construto enunciativo.

O artigo *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*, texto direcionado a psicanalistas, aponta um equívoco cometido pelo pai da psicanálise em um de seus textos<sup>45</sup>. De acordo com Benveniste, Freud viu na hipótese de Karl Abel – que propunha que diversas palavras das línguas “primitivas” poderiam apresentar em seu significado um determinado conceito junto de seu oposto, o que configuraria uma espécie de palavra “antitética” – a possibilidade de desenvolver pesquisas comparativas entre a lógica das línguas “primitivas” e a lógica do sonho, uma vez que este desfruta da possibilidade de agrupar dois elementos no mesmo lugar do sistema. No entanto, o mestre se opõe a essa possibilidade, obviamente, com fundamentos linguísticos e afirma que a palavra antitética é uma ilusão decorrente do equívoco de atribuir a uma língua (específica) uma categoria que supomos ser das línguas (universal) e, por isso, da linguagem. Para isso, Benveniste demonstra a impossibilidade de existência de uma palavra que contenha seu conteúdo conceitual e seu contrário tomando como exemplo o termo latino *altus*, palavra que, supostamente, seria empregada para designar algo ao mesmo tempo como alto e profundo. Essa relação, em que consta a palavra *altus*, torna o texto em resumo apto a fazer parte de nosso primeiro grupo de *corpus* teórico, uma vez que a palavra selecionada faz parte do conjunto de palavras significativas escolhidas anteriormente.

Em *Categorias de pensamento e categorias da língua*, texto escrito para filósofos, Benveniste apresenta inicialmente o problema da relação pensamento-linguagem. Para ultrapassar a ideia de que pensamento e linguagem seriam coisas distintas e facilmente separáveis, o autor propõe uma análise para que se verifique o que seria próprio das línguas e o que seria próprio do pensamento. Para tanto,

---

<sup>45</sup> O texto a que nos referimos é *A significação das palavras antitéticas nas línguas primitivas*.

recorre ao texto de Aristóteles que diz respeito às categorias, pois essas seriam, segundo o filósofo grego, “mediadoras” da relação pensamento-linguagem. Em seu exame dos possíveis atributos ao ser, Aristóteles lista dez categorias, as quais seriam, para o filósofo, categorias de pensamento: a *substância*, o *quanto*, o *qual*, o *relativamente a que*, o *onde*, o *quando*, o *estar em posição a*, o *estar em estado*, o *fazer* e o *sofrer*.

Benveniste argumenta, no entanto, que “essas distinções são em primeiro lugar categorias de língua e que de fato Aristóteles, raciocinando de maneira absoluta, reconhece simplesmente certas categorias fundamentais na língua na qual pensa” (BENVENISTE, 1995, p. 71). Para provar seu argumento, Benveniste passa em exame todas as categorias listadas e, ao final de seu estudo, afirma que “a possibilidade do pensamento liga-se à faculdade de linguagem, pois a língua é uma estrutura enformada de significação e pensar é manejar os símbolos da língua” (ibid., p. 80). Devido ao fato de o autor revisitar todas as categorias aristotélicas, a categoria de nosso interesse – *espaço* – inclui o texto em nosso primeiro rol de investigações na obra de Benveniste, uma vez que ela comparece por meio da forma “onde”.

No texto de 1958, *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste opõe-se à concepção de linguagem como instrumento e, para isso, faz analogias com instrumentos fabricados pelo homem, como a picareta, a flecha e a roda. Em oposição, como diz o autor, “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (ibid., p. 285). Ao adentrar na discussão sobre a linguagem, Benveniste desenvolve suas reflexões, destinadas a um público não especializado em linguística, sobre a relação entre linguagem e subjetividade. Para o semanticista, “é na linguagem e pela língua que o homem se constitui como sujeito, porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade, que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 1995, p. 286). Para demonstrar o modo como o locutor se apropria da língua e se constitui como sujeito, o autor apresenta alguns dos caracteres linguísticos, como pronomes pessoais, demonstrativos, advérbios, adjetivos etc., em que se apoiam os locutores quando enunciam e os quais revelam a subjetividade na linguagem. Em seguida, o semanticista encaminha a reflexão para as consequências da instalação da subjetividade na linguagem através da categoria de pessoa.

Nessa perspectiva, apresenta um estudo sobre a mudança de sentido na forma verbal conjugada conforme seja alterada a “pessoa” gramatical. Essa reflexão, inclusive, será atrelada ao ponto de vista pragmático da linguagem, equívoco que é desfeito no texto *A filosofia analítica e a linguagem*, em que Benveniste esclarece os mal-entendidos a respeito de sua filiação à Pragmática e de seu pioneirismo na reflexão sobre os verbos performativos. Por apresentar, dentre os caracteres linguísticos através dos quais o locutor se constitui como sujeito, os que organizam as “relações espaciais [...] em torno do ‘sujeito’ tomado como ponto de referência” (ibid., p. 288), esse artigo é importante para nosso estudo porque, desde nossa visada, integra a reflexão relacionada ao construto enunciativo benvenistiano.

No artigo *Para a análise das funções casuais: o genitivo latino*, Benveniste apresenta o estudo de Groot sobre os empregos do genitivo latino e classifica-o como “um dos mais notáveis” do período, pois entende que sua pesquisa teria contribuído, dentre outras coisas, para mostrar “como a própria descrição sintática pode reformar-se” (ibid., p. 150). Segundo a pesquisa desenvolvida por Groot, há oito empregos gramaticais regulares do genitivo da língua latina, divisão a que Benveniste se opõe e, por isso, passa-os em exame para verificar se todos os critérios são válidos, “se não deveríamos propor certos outros e se, em consequência, não se poderia obter uma simplificação na classificação desses empregos. Uma redução de seu número é seguramente realizável” (ibid., p. 152). Dentre os casos de genitivo estudados, há o “genitivo de localidade”, o qual está relacionado a questões concernentes ao estudo do espaço associado a “lugar” (nomes de cidades etc.).

Em *A linguagem e a experiência humana*, Benveniste apresenta um estudo sobre as categorias de expressão da experiência subjetiva dos sujeitos. As categorias de expressão a que se refere o autor são entendidas como um sistema de referências “pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira” (BENVENISTE, 2006, p. 68). Fazem parte desse sistema de referências as formas que exprimem a *pessoa*, o *tempo* e o *espaço*. Dentre essas formas, o autor destaca como mais “ricas” para exploração as formas que marcam o *tempo*. Embora aborde também as categorias de espaço e pessoa, é à última categoria a que se dedica o

mestre no artigo publicado na revista *Diogenes*. Benveniste faz, nesse texto, a distinção entre tempo físico, crônico e linguístico. O estudo sobre o *tempo* desenvolvido pelo autor é primoroso na medida em que observa a distinção entre três modos de concepção do tempo, verificando que há um tempo específico da fala e que, ainda, a experiência humana do tempo só possui manifestação através do tempo do discurso.

Antes de tratar do tempo como forma linguística reveladora da experiência subjetiva, Benveniste pontua que a experiência humana inscrita na linguagem ocorre por determinados indicadores, entre os quais situa os demonstrativos como os que “organizam o espaço a partir de um ponto central, que é Ego” (ibid., p. 69). Chama a atenção para o fato de que “o sistema de coordenadas espaciais se presta para localizar qualquer objeto em relação àquele que o organiza” (ibid., p.70) e é designado como centro e ponto de referência. Por tratar do espaço e das coordenadas espaciais como ligadas à experiência subjetiva do homem na linguagem via produção de discurso, esse texto integra o *corpus* de reflexão para o desenvolvimento da noção de espaço por se vincular à problematização vinculada ao constructo enunciativo.

Já o artigo *A forma e o sentido na linguagem*, resultante das atas do XIII Congresso da Sociedade de Filosofia de língua francesa, fornece-nos elementos para que consideremos *signo* e *palavra* como portadores de forma e sentido e pertencentes a diferentes dimensões de significância. Embora Benveniste afirme que o tema *forma e sentido* pareça ser mais pertinente a um filósofo que a um linguista, apresenta seu ponto de vista linguístico sobre a questão. O autor propõe que se pense *forma* e *sentido* como noções gêmeas e define *sentido* como “a noção implicada pelo mesmo termo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores” e a *forma* é, “do ponto de vista linguístico,[...] ou a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos ao nível linguístico relevante” (BENVENISTE, 2006, p. 222).

Diante da reflexão sobre forma e sentido na linguagem, a questão referente à significação se impõe e, desse modo, o autor compreende que há duas maneiras de *ser língua* no semiótico e no semântico: na primeira, estamos no mundo do signo; na

segunda, no mundo da língua em emprego (da palavra, da frase, do discurso). A noção de *semântica* (palavra/frase) insere, no domínio da língua, o emprego e a ação, como o lugar da relação do homem com o mundo, ou seja, é o modo de significação engendrado pelo discurso. O que integra os níveis é o signo que, quando transformado em palavra, passa do semiótico para o semântico. Ao abordar a questão do *sentido*, Benveniste faz distinção entre o sentido da palavra e o sentido da frase. O sentido daquela é o seu emprego; o sentido desta, sua ideia, que está relacionada ao agenciamento de palavras e, além disso, participa sempre do “aqui e agora”, o que, por sua vez, remete-nos ao espaço.

Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, Benveniste propõe estudar as relações entre linguagem e sociedade para demonstrar a dependência entre uma e outra. No entanto, apesar de implicarem-se mutuamente, suas estruturas são bastante distintas, o que significa que é impossível encontrar relações de correspondência entre elas. O autor define a estrutura linguística como formada por unidades distintivas e definida pelos seguintes caracteres: “são unidades discretas, são em número finito, são combináveis e são hierarquizadas” (ibid., 95). A estrutura da sociedade, por seu turno, não pode ser reduzida ao mesmo esquema da estrutura linguística. Para o autor, “não existe correspondência nem de natureza nem de estrutura entre os elementos constitutivos da língua e os elementos constitutivos da sociedade” (ibid., p. 95).

Dito de outro modo, a organização da língua e do homem é algo que não é comparável. Diante disso, o autor pergunta-se como se poderia supor a relação da língua e da sociedade para “esclarecer pela análise de uma (a língua), a análise de outra (a sociedade)” (BENVENISTE, 2006, p. 97). Ao apresentar os caracteres próprios à língua e sua relação (seja de aproximação, seja de afastamento) com a sociedade, traz à baila o fato de o locutor assumir a língua para si, constituindo-se, assim, como sujeito. A partir disso, há uma nova configuração da língua, que “desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos da enunciação” (ibid., p. 101). Com base nessa “nova configuração”, instaurada a partir da assunção da subjetividade, o sábio apresenta sua reflexão sobre linguagem e sociedade de modo a demonstrar a necessidade de estabelecer, ao mesmo tempo, distinções e relações entre uma e outra e, principalmente, a defender o ponto de vista de que a língua é o sistema interpretante da sociedade,

sistema interpretado. Por tratar, na configuração da língua, das relações espaço-temporais, esse texto está ligado ao constructo enunciativo e está diretamente vinculado ao nosso objeto de estudo.

Por fim, o artigo *O aparelho formal da enunciação*, ocupa um espaço crucial na produção do linguista, pois além de marcar o encerramento de suas reflexões devido à doença que lhe acometeu, é um texto de abertura, uma vez que pode ser lido como ponto de partida para os mais diversos estudos na área. No texto, Benveniste afirma que há duas formas de descrever as línguas. A primeira delas seria a descrição do “emprego das formas”, ou seja, “um conjunto de regras fixando as condições *sintáticas* nas quais as formas podem ou devem normalmente aparecer, uma vez que elas pertencem a um paradigma que arrola as escolhas possíveis” (ibid., p. 81). Tal modo de abordar a língua culminaria em um inventário de regras teoricamente semelhantes da língua em uso.

A segunda forma, o “emprego da língua”, proporia uma descrição das condições de seu emprego. Diferentemente do emprego das formas, que proporia modelos específicos de condicionamento de emprego de determinadas estruturas de um sistema, o emprego da língua buscaria compreender o mecanismo *total e constante* que afeta o emprego da língua como um todo. Chama-se a tal mecanismo *enunciação*, que, de acordo com a definição mais célebre do mestre, é “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (ibid., p. 82). O espaço comparece nesse texto, desde nosso ponto de vista, a partir da reflexão sobre índices específicos, em que Benveniste aborda a referência ao “aqui” da enunciação.

Diante dessa breve exposição da seleção feita, é possível verificar que são diversas as *problemáticas* abordadas por Benveniste em seus artigos. É possível, também, observar uma característica comum em seus textos que, parece-nos, singulariza a reflexão do mestre na esteira de linguistas de sua época e, talvez, na reflexão de linguistas também de nossa época: trata-se do exercício constante de questionar-se, de problematizar, de desestabilizar os saberes até então vistos como sedimentados. Tal exercício parece ser reflexo de uma postura profundamente comprometida com a ciência linguística e com o papel do linguista diante dos fatos de linguagem. Certamente, é um agir exemplar para os dias atuais em que poucas



discussões de fôlego são estabelecidas, em que pouco que se questiona, ou pior, em que pouco ou nada se conhece a respeito das investigações de seus pares.

Ainda que diversas das temáticas encontradas nos artigos assemelhem-se entre si, o modo com que o mestre as aborda em cada texto é ímpar, o que singulariza cada uma de suas produções. Dada a diversidade de temáticas nos textos selecionados, foi necessário restringir mais detidamente os critérios, pois, dentre eles, muitos não diziam respeito ao espaço ligado à teoria enunciativa benvenistiana. Diante disso, desenvolvemos um critério de seleção o qual passamos a descrever na seguinte seção.

## 2.2 SEGUNDO CRITÉRIO DE SELEÇÃO: REFINANDO O ESPAÇO

Como se verificou a partir da breve síntese dos textos selecionados na seção anterior, suas temáticas giram em torno dos mais diferentes fatos de linguagem, muitos dos quais, talvez, não sejam pertinentes para esta pesquisa. Por isso, consideramos válido estabelecer um novo critério de seleção dos artigos já escolhidos pelo crivo anterior. Por considerarmos valorosas as leituras de Claudine Normand a respeito da obra de Benveniste, inclinamo-nos fortemente a adotar seus critérios de “entrada”<sup>46</sup> na leitura dos textos do mestre.

Normand (2009b), no artigo *Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado*<sup>47</sup>, publicado, no Brasil, em *Letras de Hoje*<sup>48</sup>, conta-nos sobre seu percurso de descoberta e de diferentes modos de leitura que fez da obra de Benveniste, conforme o tempo e o interesse. Ao longo de sua trajetória relatada no texto, a autora sistematiza três modos de divisão da obra de Benveniste<sup>49</sup>. A primeira divisão diz respeito às diferentes leituras feitas de seus textos: “leitura

<sup>46</sup> Referimo-nos aos diversos caminhos possíveis – mas não os únicos – pelos quais se pode percorrer a obra de determinado autor. Entrada, portanto, diz respeito à entrada nos textos, ao “como começar”, ao *unde exoriar*.

<sup>47</sup> Artigo originalmente publicado em *LINX*, 26, 1992, sob o título “*Lectures d’Émile Benveniste*”.

<sup>48</sup> Publicação periódica sob responsabilidade da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Publicação volume 44, n.1, jan-mar. 2009.

<sup>49</sup> Normand, quando se refere à obra de Benveniste, engloba, além dos dois tomos de *Problemas de Linguística Geral*, os livros *Origine de la formation des noms em indo-européen* (1935), *Noms d’agent et noms d’action em indo-européen* (1948) e *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* (1969).

comparatista”, “leitura estruturalista” e “leitura da ‘teoria da enunciação’”. A segunda divisão, por seu turno, está relacionada aos tipos de texto, que ora apresentam análises de fenômenos linguísticos particulares, com descrições minuciosas de alguma estrutura particular, ora discorrem de modo eminentemente teórico, com tom “geralmente dogmático”, em que é enunciada uma série de afirmações do âmbito da linguística geral. A terceira divisão parte da concepção de “textos de fechamento” e de “textos de abertura”, estes encerrando as análises e os programas, “concluindo a teoria com uma totalização de forma filosófica” (NORMAND, 2009b, p. 15); aqueles ampliando as análises concretas, que podem gerar análises posteriores, uma vez que a descrição linguística é inacabável.

Diante das três possibilidades de leitura apresentadas por Normand – todas consideravelmente produtivas em termos de pesquisa –, consideramos ser de maior pertinência para este momento de nossa pesquisa a utilização do primeiro modo de leitura proposto pela autora, ou seja, valemo-nos do ponto de vista que divide a obra benvenistiana em três grandes momentos para que, seguindo os trilhos de uma das maiores comentadoras do semanticista, possamos escolher a que Benveniste nos referimos, uma vez que sua obra não se encerra neste ou naquele ponto de vista sobre a linguagem. Tal divisão se dá da seguinte forma:

- Leitura comparatista: obras de 1935, 1948 e 1969 em que se privilegiam os estudos indoeuropeus. Trata-se de uma leitura de filólogos e linguistas das línguas clássicas. A essa leitura a autora atrela os livros *Origine de la formation des noms em indo-européen* (1935), *Noms d'agent et noms d'action em indo-européen* (1948) e *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* (1969).

- Leitura estruturalista: é a leitura feita pelos então novos linguistas da década de 70. “Trata-se de textos gerais, ligados à difusão do estruturalismo na França, de alguma forma artigos de vulgarização ou pelo menos que visam uma formação inicial” (NORMAND, 2009b, p.13).

- Leitura da “teoria da enunciação”: associada às seções *A comunicação* e *O homem na língua* dos dois volumes de *PLG*. Só se passa a fazer essa leitura a partir de 1970, quando da publicação do artigo *O aparelho formal da enunciação*, e torna-se a leitura dominante, praticamente exclusiva.

Linguística comparatista, estruturalismo e enunciação são, enfim, os centros de interesse da obra benvenistiana, ainda que o autor seja lembrado timidamente pelas duas primeiras e muito mais vigorosamente pela última, já que é geralmente concebido como o “linguista da subjetividade”.

Normand afirma ainda que Benveniste foi lido de forma fragmentada e de acordo com o objetivo e as necessidades de cada momento. Nesse sentido, algum aspecto particular de sua obra pode ter sido enfatizado, como se resumisse todo seu conjunto. Seus textos de linguística geral, por exemplo, sobre Saussure – ora para concordar, ora para discordar de seus pontos de vista, mas, sobretudo, para difundir as ideias de seu mestre – e suas reflexões sobre língua no *Curso de Linguística Geral*, prestavam-se a uma demanda acadêmica da época que, no auge do estruturalismo, não contava com obras de referência para o estudo da corrente. Nesse momento, não havia muito interesse em seus escritos de linguística histórica, tampouco em seus estudos sobre a significação que teimavam em esbarrar no *sujeito* que “surgia” através de uma tal *enunciação*.

Em razão de não termos adotado como *corpus* teórico deste estudo os livros *Origine de la formation des noms em indo-européen* (1935), *Noms d’agent et noms d’action em indo-européen* (1948) e *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* (1969), não nos valeremos na reflexão ora posta da leitura intitulada por Normand como “leitura comparatista”. Utilizaremos, para fins deste estudo, somente a segunda e a terceira divisões acima explicitadas, quais sejam, as leituras “estruturalista” e da “teoria da enunciação”.

Fundamentados no modo de leitura proposto por Normand, podemos dividir os textos primeiramente selecionados em dois grandes grupos que, certamente, não dão conta da riqueza que cada um encerra, mas que, por uma decisão metodológica, apresentam certa *predominância* de determinada abordagem em detrimento de outra:

**Quadro 7** – Organização dos textos selecionados em 2.2 de acordo com os critérios de Normand (2009b)

<b>Leitura da “teoria da enunciação”<sup>50</sup></b>	<b>Leitura estruturalista</b>
<i>Comunicação animal e linguagem humana</i>	<i>O sistema sublógico das preposições em latim</i>
<i>Categorias de pensamento e categorias de língua</i>	<i>Para a análise das funções casuais em latim</i>
<i>A natureza dos pronomes</i>	<i>A noção de “ritmo” na sua expressão lingüística</i>
<i>Da subjetividade na linguagem</i>	
<i>A linguagem e a experiência humana</i>	
<i>Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana</i>	
<i>O aparelho formal da enunciação</i>	
<i>Estrutura da língua e estrutura da sociedade</i>	
<i>A forma e o sentido na linguagem</i>	

Nos textos que dizem respeito à “leitura estruturalista”, Benveniste dedica-se à observação e à descrição de fatos das línguas grega e latina. O autor parte também de estudos já desenvolvidos e passa, em certa medida, a problematizá-los, seja para aprofundá-los seja para simplificá-los ou para propor outro tipo de abordagem do fenômeno.

Por seu turno, nos textos relacionados à “leitura da ‘teoria da enunciação’” – título conferido a um conjunto de textos sem que o autor tenha tomado conhecimento, já que tal construto teórico fora assim concebido *post mortem* –, encontramos, de acordo com Normand, a reflexão sobre a significação, a qual passa necessariamente pela questão do sujeito na linguagem, mas que não é seu ponto de *parada*.

<sup>50</sup> Mesmo que alguns textos que integram o que se convencionou chamar de “teoria da enunciação” de Benveniste não figurem entre os artigos acima selecionados, alguns deles poderão surgir a *posteriori* como referência teórica para nossas reflexões.

Com base na divisão proposta por Normand (2009b), os textos selecionados para nossa pesquisa são os que se encontram na primeira coluna do Quadro 7, agrupados sobre o modo de leitura “teoria da enunciação”. Após essa restrição dos critérios de seleção dos textos benvenistianos (de 12 restaram apenas 09), chegamos, de fato, ao *corpus* teórico ao qual nos dedicaremos com mais vagar no Capítulo 3. O espaço especificamente destinado aos textos selecionados se justifica pela necessidade de leitura dos contextos de uso das *palavras* significativas encontradas a partir de *dois* elementos, os quais serão descritos no capítulo seguinte.

Ao finalizar este item, consideramos importante pontuar que, ao revisitarmos nos textos eleitos para exame neste capítulo as *palavras significativas* ligadas ao nosso objeto de estudo, verificamos que somente a maioria dos usos que comparece nos textos apontados por Normand (2009b) como ligados à Teoria da Enunciação é que essas *palavras significativas* vinculadas a *espaço* adquirem um estatuto teórico<sup>51</sup>. Nos demais textos em que ilustramos a presença de ocorrências de *palavras significativas* vinculadas a *espaço*, estas ocorrem com um uso desvinculado de uma problematização teórica. Esse “olhar”, respaldado pelo critério da autora, constitui, neste momento, um critério metodológico de “afunilamento” importante para examinarmos os excertos dos textos selecionados em que comparecem as *palavras significativas* ligadas ao nosso objeto de estudo.

### 2.3 REFLETINDO SOBRE O ESPAÇO: ENCAMINHAMENTOS

Selecionados os textos que dão seguimento a nosso trabalho e após ter sido constatada a lacuna no que tange ao estudo do *espaço* na perspectiva enunciativa benvenistiana, passamos a discutir a presença/ausência de palavras relacionadas

---

<sup>51</sup> Neste momento da pesquisa, a consideração de “estatuto teórico” das *palavras significativas* ainda se constitui como “embrionário”, pois consideraremos como um critério necessário, no capítulo seguinte, para o exame dos contextos de uso dessas palavras significativas no *corpus* eleito a partir do critério de Normand (2009b).

ao *espaço*. Cabe, neste momento de nossa reflexão, fazer um esclarecimento. O fato de não haver a tematização do *espaço*, dentre o rol de temas abordados pelos estudiosos de Benveniste, não significa, sob nenhuma hipótese, que esse estudo inexistia na obra do linguista sírio. O que talvez haja é uma *predominância* de estudos de outros fenômenos em detrimento do *espaço*.

Com base nos critérios selecionados e descritos em 2.1 e 2.2, foi possível, ainda que sumariamente, obter uma prévia do tratamento dado por Benveniste ao *espaço*. Ancorados nessa prévia, pouco esclarecedora, confirmamos nossa hipótese de que, embora não seja tão evidente, o *espaço* é abordado na obra do semanticista. Em um universo de 48 textos (totalidade de artigos de *PLG I e II*), 12 deles abordam, de alguma forma, o *espaço*. Em termos percentuais, isso se traduz em aproximadamente 30% dos textos. Ora, essa quantidade não pode ser considerada irrisória, ainda que em termos de volume de estudo ela seja bastante baixa. Talvez o eixo da questão esteja no modo como o *espaço* é abordado em relação à *pessoa* e ao *tempo*, uma vez que estas categorias possuem textos inteiros dedicados à sua descrição, estudo e proposição de novos pontos de vista.

E no que diz respeito ao modo de aparecimento do *espaço* na obra de Benveniste, embora seja demasiadamente prematuro fazer afirmações muito contundentes sobre isso, há aspectos que já podem ser evidenciados a partir da própria seleção de textos. Algo importante a ser ressaltado é o fato de que 09 dos 12 textos primeiramente selecionados integram o que se convencionou chamar de “teoria da enunciação”. Isso, por si só, já nos permitiria afirmar que nosso objeto de estudo está bastante próximo de *pessoa* e de *tempo*, termos que costumam aparecer juntamente quando se fala de *espaço*. O aprofundamento dessa questão faz parte do capítulo seguinte.

Em virtude do caráter mais metodológico deste capítulo, não logramos responder a todas as questões apresentadas em seu início. Para respondê-las, é necessário nos determos mais nos textos e passá-los novamente em exame. Por esse motivo, nossas indagações, que dizem respeito à natureza, às propriedades, ao seu modo de organização, aos princípios regentes etc., são o que nos impele a dar início a um novo capítulo, no qual tentaremos não só responder às perguntas suspensas até o momento como empreenderemos novos movimentos de

operacionalização do espaço através de relações analógicas, associações de noções e proposições de outra configuração para o estudo dessa temática. Encaminhem-nos ao próximo e último capítulo.

## CAPÍTULO 3

### DO ESPAÇO BENVENISTIANO A NOVOS ESPAÇOS OU SOBRE COMO A TEORIZAÇÃO DO ESPAÇO PERMITE INÚMERAS RELAÇÕES

*São, os espaços, descontínuos,  
seus regaços, nada formais,  
em figuras que se alargam  
se esfregam, se embargam  
sob formas desiguais.*

*O espaço é testemunha  
dos tempos complexos e banais  
que se aproximam, se definem, se afetam,  
se alinham nas fronteiras relacionais.*

Luiz Carlos Flávio



Estabelecida a seleção de textos da obra de Émile Benveniste no capítulo anterior, é chegado o momento de explicitarmos os contextos de uso das palavras significativas para nosso estudo. Uma vez que o fato de encontrar palavras relacionadas, de algum modo, à temática de nossa investigação não é suficiente para defender a existência de um estudo sobre o espaço em Benveniste, consideramos adequado apresentar os contextos de ocorrência das palavras e, a partir deles, apresentar nossa leitura a respeito do sentido que seu uso adquire em cada contexto. Como nos textos apresentados no capítulo anterior, muitas *palavras significativas* figuravam em textos considerados não vinculados ao constructo enunciativo (cf. Normand, 2009b), neste capítulo, os excertos com as *palavras significativas* foram retirados dos textos considerados vinculados à problemática enunciativa proposta por Benveniste.

O ponto inicial de organização de nossa leitura para esta seção toma, ao mesmo tempo, a obra de Benveniste como referência e objeto de estudo, pois além de foco de leitura para nossa investigação, a reflexão sobre a relação língua e sentido apresentada por Benveniste ao longo de sua obra é extremamente prolífica para esta dissertação.

Ao desenvolver sua reflexão sobre forma e sentido na linguagem, em texto de mesmo nome, o linguista postula que há dois modos de ser língua, na forma e no sentido. A partir disso, traz à tona a distinção entre modo semiótico e modo semântico, sendo que o primeiro responde à pergunta do *significar* (“tem sentido?”), enquanto o segundo, à do *comunicar* (“qual é o sentido?”). Quando se detém sobre a semântica, Benveniste aprofunda suas considerações sobre o sentido – alvo de toda sua obra – e estabelece a distinção entre sentido da palavra e sentido da frase. Para o autor,

O sentido da frase é de fato a ideia que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras [...] O sentido de uma frase é outra coisa diferente do sentido das palavras que a compõem. O sentido de uma frase é sua ideia, o sentido de uma palavra é seu emprego. A partir da ideia, a cada vez particular, o locutor agencia palavras que neste emprego tem um “sentido” particular [...] Ainda que se compreenda o sentido individual das palavras, pode-se muito bem, fora da circunstância, não compreender o sentido que resulta da junção das palavras [...] A frase é então cada vez um acontecimento diferente; ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece. Ela não pode, sem contradição de termos, comportar emprego; ao contrário, as palavras que

estão dispostas na cadeia e cujo sentido resulta precisamente da maneira em que são combinadas não têm senão empregos. (BENVENISTE, 2006, p. 230-231, grifo do autor)

A partir dessa citação, podemos observar que o sentido não é o mesmo quando levamos em consideração a palavra ou a frase. Diante disso, compreendemos que o estudo da *ideia* da frase (sentido global) e o estudo do *emprego* da palavra (sentido como resultado da ação de uma palavra sobre outras) poderiam transformar-se em *operadores* de nossa leitura dos excertos dos textos selecionados, a fim de que observemos mais atentamente os diferentes contextos de emprego das *palavras* significativas, além de relacionarmos seu emprego com o sentido da frase e de refletirmos sobre suas relações com outras palavras.

Posto isso, resta-nos explicitar o modo como a leitura, a partir dos operadores, será sistematizada na primeira seção, intitulada *A leitura dos trechos: a ideia e o emprego*. Esta está subdividida de acordo com os artigos selecionados de *PLG I e II*, apresentando, em cada um, o excerto no qual há a presença de uma ou mais palavras significativas (vide 2.1), destacando-as em negrito. Após, passamos a desenvolver, na medida do possível, o que chamamos de *ideia* da frase<sup>52</sup>, ou seja, o sentido global do trecho em que a palavra ocorre e sua relação com o todo do artigo. Por fim, apresentamos nossa interpretação do *emprego* das palavras que estão em negrito e a sua relação com as demais palavras que a circundam.

Na segunda seção do capítulo, intitulada *Refletindo a presença do espaço*, apresentamos as constatações a que chegamos a partir da leitura dos trechos selecionados e dos critérios adotados para a análise. Dividimos os empregos encontrados entre usos teóricos e usos não teóricos das palavras significativas, baseados em Normand (1996) e Ono (2007), entendendo por teórico o uso

---

<sup>52</sup> Compreendemos o termo *frase* no sentido definido por Benveniste (1996, 2006): “a frase é a unidade do discurso”, “a expressão semântica por excelência é a frase.[...] A frase é cada vez um acontecimento diferente”. No que diz respeito à sua extensão, compreendemos que deve balizar-se pelo sentido, portanto, é necessário que os trechos, quando segmentados os textos, sejam dotados de sentido para que sejam considerados frase. Não se trata, aqui, claramente, da definição de frase preconizada pela gramática tradicional; a noção adotada para esta pesquisa – definida por Benveniste – é mais ampla que a definição gramatical e, portanto, definir quantitativamente seus limites torna-se atividade improdutiva. Por isso, a frase, neste caso, pode ter quantas palavras forem necessárias para que seja garantida a *ideia (sentido global)* de cada trecho do discurso de cada artigo estudado da obra de Benveniste, caso de nossa pesquisa.

relacionado ao campo conceitual da Enunciação, ao metalinguístico; e não teórico o que está ligado ao emprego comum das palavras.

Na terceira e última seção, *Do espaço a novos espaços: o que a leitura de Benveniste nos permite construir em relação ao espaço?*, sistematizamos nossa leitura do *espaço* em Benveniste com base em suas proposições acerca do tempo em *A linguagem e a experiência humana*, em que o semanticista apresenta diferenciações conceituais entre tempo linguístico, crônico e físico. Ancorados nessa leitura, ousamos, com bastante cuidado, propor deslocamentos para trazer outro ponto de vista sobre o *espaço* em Enunciação, cujo estudo e análise devem levar em conta a complexidade que a palavra *espaço* apresenta quando empregada no construto teórico ao qual nos filiamos, de modo que esta pode ser subdividida de acordo com aquilo que representa *espaço* em cada enunciação.

### 3.1. LEITURA DOS TRECHOS: A IDEIA E O EMPREGO

#### 3.1.1. Comunicação animal e linguagem humana

##### **Excerto 01**<sup>53</sup>

Uma abelha operária colhedora, encontrando, por exemplo, durante o voo uma solução açucarada por meio da qual cai numa armadilha, imediatamente se alimenta. Enquanto se alimenta, o experimentador cuida em marcá-la. A abelha volta depois à sua colmeia. Alguns instantes mais tarde, vê-se chegar ao mesmo **lugar** um grupo de abelhas entre as quais não se encontra a abelha marcada e que vêm todas da mesma colmeia. Esta deve haver prevenido as companheiras. É realmente necessário que estas hajam sido informadas com precisão, pois chegam sem guia ao **local**, que se encontra, frequentemente, a grande **distância** da colmeia e sempre fora da sua vista. Não há erro nem hesitação na **localização**: se a primeira escolheu uma flor entre outras que poderiam igualmente atraí-la, as abelhas que vêm

<sup>53</sup> BENVENISTE, Émile. Comunicação animal e linguagem humana. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995, p. 61.

após a sua volta se atirarão a essa e abandonarão as outras. Aparentemente, a abelha exploradora indicou às companheiras o **lugar** de onde veio. Mas de que modo?

Nesse excerto de *Comunicação animal e linguagem humana*, Benveniste descreve brevemente a experiência de Karl Von Frisch a respeito de seu estudo sobre as abelhas, relatando a que constatação o estudioso chegou com base na observação desses animais. É o momento em que o linguista apresenta o cerne da investigação sobre os insetos em questão, uma vez que, a partir da constatação da “aparente” indicação da abelha exploradora do local em que encontrou mel ou pólen, o estudioso alemão desenvolveu sua pesquisa sobre a comunicação entre tais insetos. A *ideia* do texto parece-nos ser a que acabamos de explicitar, pois ela dá conta do sentido global do emprego da frase, ou seja, do contexto em que ela se encontra inserida.

No que diz respeito ao operador *emprego* no excerto em estudo, devemos observar a utilização de cada palavra em destaque. A primeira, **lugar**, está relacionada à “solução açucarada”, mais precisamente ao local em que tal solução se encontra, de modo que a palavra **local**, segunda a ser destacada em nossa seleção, também integra a referência à “solução açucarada”. Ambas relacionam-se entre si e com o primeiro referente do texto e podem, grosso modo, ser consideradas sinônimas nesse contexto de uso. Do mesmo modo que os anteriores, o *emprego* de **localização** faz referência à mesma solução açucarada. Temos diferentes nomeações para o mesmo “referente” nesse trecho do texto.

A palavra **distância**, por sua vez, integra o sintagma “a grande distância da colmeia”, de modo que podemos compreender que a palavra em destaque possui o sentido de “espaço entre a colmeia das abelhas e o ponto em que se encontra o alvo de sua busca”. Já o sentido da palavra **lugar**, última ocorrência do excerto, está relacionado a “de onde veio”, o que, do nosso ponto de vista, parece-nos significar “espaço físico localizado, determinado e distintivo em relação aos demais”, uma vez que se trata da indicação exata de uma flor ou outra planta em que tenha sido encontrado mel ou pólen.

**Excerto 2**<sup>54</sup>

Após milhares de experiências de uma paciência e de uma engenhosidade verdadeiramente admiráveis, [Frisch] conseguiu determinar a significação das danças. A novidade fundamental consiste em que se reportam, não como ele o havia inicialmente pensado, à natureza do achado, mas à **distância** que separa esse achado da colmeia.

Seguindo as observações do mesmo texto e fazendo uso dos mesmos operadores de leitura, compreendemos que, no excerto em questão, a *ideia* diz respeito ao primeiro ponto de chegada da investigação de Frisch, demonstrando que sua primeira hipótese – qual seja, a de que as danças efetuadas pelas abelhas não informavam sobre o achado ser isto ou aquilo – fora refutada e o professor de Zoologia compreendeu que as danças se referiam à localização exata do “objeto” em questão.

No que concerne ao operador *emprego*, ao encontrarmos a ocorrência da palavra **distância**, avaliamos que, nesse caso, ela é empregada em relação à “dança” e a “achado”, possuindo, do nosso ponto de vista, o sentido de “espaço que separa dois corpos”, que, no caso em questão, é o espaço que separa a colmeia da flor em que há pólen ou néctar.

**Excerto 3**<sup>55</sup>

A abelha não constrói uma mensagem a partir de outra mensagem. Cada uma das que, alertadas pela dança da primeira, saem e vão alimentar-se no ponto indicado, reproduz quando volta a mesma informação, não a partir da primeira mensagem, mas a partir da realidade que acaba de comprovar. Ora, o caráter da linguagem é o de propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no tempo e no **espaço**, o que é o típico do nosso simbolismo e o fundamento da tradição linguística.

<sup>54</sup> BENVENISTE, Émile. *Comunicação animal e linguagem humana*. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995, p. 62.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 62.

Ainda no texto *Comunicação animal e linguagem humana*, há, no excerto em estudo, uma clara oposição entre a limitação da comunicação das abelhas e as infinitas e imprevistas possibilidades da linguagem humana. Para fazer tal comparação, Benveniste traz à tona o caráter simbólico da linguagem, com o qual se pode ou não prescindir da experiência humana, ou seja, não é exatamente imprescindível que o homem necessite comprovar a realidade para poder falar dela. O ser humano é capaz de (re)criar realidades a partir de discursos já dados, diferentemente da capacidade das abelhas, infinitamente mais limitada, uma vez que sua relação com o real é necessária e condição *sine quae non* para a existência de sua comunicação. Enquanto as abelhas entendem sinais, portanto não possuem linguagem, o homem *entende, cria e interpreta* símbolos, uma vez que a natureza da linguagem é simbolizar. Explicitado o que, em princípio, parece-nos ser a *ideia* do excerto em estudo, dirigimo-nos de imediato para o estudo do emprego da palavra em destaque.

Diferentemente dos outros contextos de utilização encontrados no texto, **espaço**, neste caso, parece não significar “lugar”, tampouco parece remeter à categoria de análise. Trata-se, aqui, de um sentido mais genérico, que conduz à ideia de “campo de alcance indefinido”. Ainda que o sentido ora encontrado já esteja relacionado com a linguagem, ele ainda não possui ligação com o campo da Enunciação.

Necessário se faz salientar a proximidade da palavra “tempo” em relação a “espaço”, aquele utilizado também no sentido de “a todo e qualquer momento”, o que corrobora nossa leitura do emprego de “espaço”. Tem-se, então, com o emprego de “no tempo e no espaço” o sentido de “infinitas possibilidades de emprego da linguagem humana, independentemente de local ou momento”.

### 3.1.2 *Categorias de pensamento e categorias de língua*

#### **Excerto 4**<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> BENVENISTE, Émile. Categorias de pensamento e categorias de língua. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995, p. 72-73.

Quanto a *ποῦ*<sup>57</sup>, “**onde**”, e *ποτέ*, “quando”, implicam respectivamente as classes das denominações **espaciais** e temporais, e ainda aqui os conceitos são modelados sobre caracteres dessas denominações em grego: não só *ποῦ* e *ποτέ* se mantêm pela simetria da sua formação reproduzida em *οὐ ὅτε, τοῦ τότε*, mas fazem parte de uma classe que compreende ainda outros advérbios (do tipo *ἐχθές, πέρυσιν*) ou expressões casuais que utilizam a forma do locativo (como *ἐν Λυχεῖῳ, ἐν ἀγορά*).

No excerto em revisão do texto *Categorias de pensamento e categorias de língua*, Benveniste apresenta conjuntamente duas das classes propostas por Aristóteles – **onde** e “quando” – e demonstra que o que as une às categorias de “substância”, “quanto”, “qual”, “relativamente a que” é a natureza de tais categorias: como linguista, por reconhecer que a língua possui uma realidade que lhe é própria, Benveniste afirma que tais categorias correspondem “não a atributos descobertos nas coisas, mas a uma classificação que emana da própria língua” (BENVENISTE, 2005, p. 72). As categorias nominais, às quais pertencem as classes citadas acima, só possuem caráter de categorias definidas em função da grande relevância que “ser” tem para a língua grega. “Ser” é condição para toda predicação, logo, as seis primeiras categorias derivam de ser.

Diante do que nos parece ser a *ideia* do excerto em estudo, consideramos que, em relação ao *emprego*, nesse caso, as palavras em destaque possuem sentido de “categoria de língua” em que se congregam palavras geralmente utilizadas para localizar/designar/referir linguisticamente no espaço os seres e objetos. É pertinente ressaltar que o excerto se refere à divisão de categorias feita por Aristóteles e não por Benveniste.

<sup>57</sup> As marcas “xxx” do excerto referem-se ao uso de palavras gregas por Benveniste, que, devido às dificuldades de transcrição, adotamos tais símbolos. Acreditamos que tais símbolos não prejudicam a discussão das palavras que estamos destacando e a ideia do excerto. Como Benveniste não traduziu para o francês e os tradutores brasileiros também deixaram as formas em grego, preferimos não trazer a tradução. Para maiores esclarecimentos, sugerimos a leitura do texto de Benveniste a que estamos nos referindo.

### Excerto 5<sup>58</sup>

Um segundo verbo é *le*, que exprime propriamente a “existência”: Mawu *le*, “Deus existe”. Mas tem também um emprego predicativo; *le* emprega-se com predicados de situação, de localização, “estar num lugar, num estado, num tempo, numa qualidade”: *e-le nyuie*, “ele está bem”; *e-le a fi*, “ele está aqui”; *e-le ho me*, “ele está em casa”. Toda determinação **espacial** e temporal exprime-se assim por *le*.

Seguindo nossa leitura no mesmo texto, podemos afirmar que Benveniste apresenta, nesse excerto, a complexidade e a fragilidade da reflexão linguística sobre “ser”, que, segundo suas próprias palavras, “sem ser ele mesmo um predicado, o ‘ser’ é a condição de todos os predicados” (BENVENISTE, 2005, p. 76). Para isso, o autor estabelece um cotejo entre os diferentes modos de comportamento de “ser” em duas línguas diametralmente distintas: a língua grega e a língua *ewe*, originária do Togo.

Sob essa perspectiva, o linguista apresenta o verbo *le*, que exprime a existência, mas que possui, também, outros empregos, como predicado de localização. Nessa língua, as classes “quando” e “onde” estão contidas no verbo *le*, o que é algo bastante diferente da língua grega. Nesse sentido, as categorias propostas por Aristóteles são suficientes para a língua na qual o filósofo pensa, pois, tomando como exemplo o caso de “espaço”, se o filósofo grego o considera uma categoria, visto que tal pensamento se expressa de modo específico na língua grega, não é necessário que o falante da língua *ewe* venha a considerar o espaço como uma categoria diferente da de situação, uma vez que essa língua não apresenta uma distinção entre as formas de situação e localização. Nesse sentido, a tentativa de universalização das categorias aristotélicas é, no mínimo, perigosa, pois não se tratam de categorias de linguagem, mas de categorias da língua grega em específico.

---

<sup>58</sup> BENVENISTE, Émile. Comunicação animal e linguagem humana. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995, p. 78.



Em relação ao *emprego*, como a reflexão de Benveniste está pautada nas categorias de Aristóteles, o sentido da palavra em relevo está relacionado à categoria linguística de espaço. Como vimos, também, no texto anterior, há a ocorrência da proximidade entre as palavras “espacial” e “temporal”. É importante pontuar tal fato, pois atualmente há autores que consideram o tratamento dado por Benveniste ao tempo e ao espaço como feito do mesmo modo, ou seja, que não há diferenciação entre um e outro. No entanto, não trataremos de tal relação neste item; a relação tempo-espaço será abordada no subtítulo 3.2.

### 3.1.3 A natureza dos pronomes

#### Excerto 6<sup>59</sup>

Essa referência constante e necessária à instância de discurso constitui o traço que une *eu/tu* uma série de “indicadores” que pertencem, pela sua forma e pelas aptidões combinatórias a classes diferentes – uns pronomes, outros advérbios, outros ainda locuções adverbiais.

São, em primeiro lugar, os **demonstrativos**: este, etc. na medida em que se organizam correlativamente com os indicadores de pessoa, como no lat. *hic/iste*. Há aqui um traço novo e distintivo dessa série: é a identificação do objeto por um indicador de ostensão concomitante com a instância de discurso que contém o indicador de pessoa: esse será o objeto designado por ostensão simultânea à presente instância de discurso, a referência implícita na forma (por exemplo, *hic* oposto a *iste*) associando-o a *eu*, a *tu*. Fora dessa classe, mas no mesmo plano e associados à mesma referência, encontramos os advérbios *aqui* e *agora*. Poremos em evidência a sua relação com *eu* definindo-os: ***aqui*** e ***agora*** delimitam a instância **espacial** e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém *eu*. Essa série não se limita a ***aqui*** e ***agora***; é acrescida de grande número de termos simples ou complexos que procedem da mesma relação: *hoje*, *ontem*, *amanhã*, *em três dias*, etc. Não adianta nada definir esses termos e

<sup>59</sup> BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995, p. 279.

os demonstrativos em geral pela *deíxis*, como se costuma fazer se não se acrescenta que a *deíxis* é contemporânea da instância de discurso que contém o indicador de pessoa; dessa referência o demonstrativo tira o seu caráter cada vez único e particular que é a unidade de instância de discurso à qual se refere.

O essencial é, portanto, a relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, **de lugar**, de objeto mostrado, etc.) e a *presente* instância de discurso. De fato, desde que não se visa mais, pela própria expressão, essa relação do indicador à instância única que o manifesta, a língua recorre a uma série de termos distintos que correspondem um a um aos primeiros, e que se referem não mais à instância de discurso mas aos objetos “reais”, aos tempos e lugares “históricos”. Daí as correlações como *eu:ele* – **aqui: lá** – *agora: então* – *hoje: no mesmo dia* - *ontem: na véspera* – *amanhã: no dia seguinte* – *na próxima semana: na semana seguinte* – *há três dias: três dias antes*, etc. A própria língua revela a diferença profunda entre esses dois planos.

Tratamos muito levemente e como incontestável a referência ao “sujeito que fala” implícita em todo esse grupo de expressões. Despoja-se da sua significação própria essa referência se não se despoja dos outros signos linguísticos.

Assim, pois, é ao mesmo tempo original e fundamental o fato de que essas formas “pronominais” não remetam à “realidade” nem a posições “objetivas” no **espaço** ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e reflitam assim o seu próprio emprego.

No que concerne à *ideia*, Benveniste apresenta a série de “indicadores” que fazem referência à “instância de discurso”. Dentre eles, aparecem os advérbios **aqui** e “agora”, por meio dos quais o autor explicita seu ponto de vista sobre a relação de tais indicadores com a instância de discurso. Outra vez, o semanticista destaca a falta de necessidade de relação com o mundo dos objetos para a construção da referência no discurso, uma vez que a referência é sempre à enunciação.

Já no que diz respeito ao *emprego*, **aqui**, no primeiro contexto de uso, possui, segundo nossa leitura, o sentido de “espaço em que o sujeito se enuncia”, ou seja, trata-se da marca formal que se refere ao espaço discursivo a partir do qual o locutor fala. Dito de outro modo, o emprego de **aqui** pode ser entendido como “espaço em que ‘eu’ se situa na enunciação”.

Com relação também ao *emprego*, a segunda ocorrência de **aqui** também está situada em relação à enunciação, porém Benveniste chama a atenção para o fato de que, além de *aqui e agora*, há outros termos simples e complexos que procedem da mesma relação, qual seja: relacionam-se à instância de discurso de *eu/tu*. Nesse caso, o autor alerta que **aqui** parece ser uma forma mais aparente para marcar o espaço em que o sujeito se enuncia, mas que pode ser “acrescida de outras”, como os demonstrativos. O interessante é que a atualização dessa segunda forma de **aqui** condensa duas acepções de *déixis*: 1) uma relacionada ao que “se costuma fazer”, que é vincular esses termos ligados a **aqui** ao universo extralinguístico e a “posições objetivas” ou “à realidade”, acepção da qual Benveniste se distancia quando afirma que “de nada adianta definir esses termos e os demonstrativos em geral pela *deíxis*, como se costuma fazer”; 2) e outra relacionada à acepção que o mestre defende: é preciso acrescentar que a *déixis* é “contemporânea à instância de discurso”.

Nesse trecho, Benveniste traz ainda a *ideia* de que a própria língua comporta duas naturezas: de um lado, é repertório de signos com suas possibilidades de atualização, de outro, atividade manifestada nas instâncias de discurso por índices próprios. Dessa relação que estabelece entre língua e instância de discurso surge a correlação *eu: ele – aqui: lá – agora: então – hoje: no mesmo dia*, a que o autor chama atenção para a dupla natureza da língua (ideia global do excerto).

Nesse sentido, Benveniste vale-se de empregos de termos ligados a espaço (*aqui e lá*) por meio dos quais indica que há termos distintos para referir a objetos “reais” e lugares “históricos”, e outros que necessariamente vinculam-se à instância de discurso (os indicadores de pessoa, tempo e lugar). Vemos, nesse caso, que o emprego de “lugares” está relacionado a uma significação geral como remetendo à realidade extralinguística.

Outro emprego que aparece e que nos interessa é **espaço**, o qual surge justamente para que o autor trate da relação entre posição objetiva como remissão à realidade e posição vinculada à instância de emprego da língua. Por isso, destaca o fato de que as formas pronominais não podem ser consideradas como remetendo à “realidade” nem a posições “objetivas” no espaço ou no tempo, mas à enunciação cada vez única que as contém. Nesse sentido, elas estão ligadas ao espaço e ao tempo refletindo seu próprio emprego e fazendo “referência ao sujeito que fala”.

### 3.1.4 Da subjetividade na linguagem

#### Excerto 7<sup>60</sup>

A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda designando-se como *eu*.

Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem. Desses pronomes dependem por sua vez outras classes de pronomes, que participam do mesmo status. São os indicadores da *dêixis*, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações **espaciais** e temporais em torno do “sujeito” tomado como ponto de referência: “isto, agora” e as suas numerosas correlações “isso, ontem, no ano passado, amanhã”, etc. Têm em comum o traço de se definirem somente com relação à instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do *eu* que aí se enuncia.

Em *Da subjetividade na linguagem*, de modo semelhante ao texto anterior, Benveniste apresenta os “pontos de apoio” para a revelação da subjetividade na linguagem e, por isso, elenca os indicadores da *dêixis* (demonstrativos, advérbios, adjetivos etc.) como organizadores das relações espaciais e temporais na enunciação. Além da ancoragem espacial, o autor também apresenta a expressão da temporalidade, categoria a que dedica mais estudo no texto.

<sup>60</sup> BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995, p. 288.

No trecho em que há a ocorrência da palavra **espaciais**, o sentido parece estar relacionado ao espaço da enunciação, ao contexto de enunciação, ou seja, trata-se dos indicadores de espaço, somente definidos quando da emergência do sujeito na/pela enunciação.

### 3.1.5 A linguagem e a experiência humana

#### Excerto 8<sup>61</sup>

Uma dialética singular é a mola desta subjetividade. A língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira. Mas, fora do discurso efetivo, o pronome não é senão uma forma vazia, que não pode ser ligada nem a um objeto nem a um conceito. Ele recebe sua realidade e sua substância somente do discurso.

O pronome pessoal não é a única forma desta natureza. Alguns outros indicadores partilham a mesma situação, notadamente a série dos dêiticos. Indicando os objetos, os demonstrativos organizam o **espaço** a partir de um ponto central, que é Ego, segundo categorias variáveis: o objeto está perto ou longe de mim ou de ti, ele é também orientado (defrente ou detrás de mim, no alto ou em baixo), visível ou invisível, conhecido ou desconhecido, etc. O sistema das coordenadas **espaciais** se presta também para localizar todo objeto em qualquer campo que seja, uma vez que aquele que o organiza está ele-próprio designado como centro e ponto de referência.

Embora Benveniste se proponha abordar as categorias de pessoa e de tempo em *A linguagem e a experiência humana*, ele desenvolve uma breve reflexão acerca da categoria de espaço. Uma vez que todos os falantes de uma mesma língua

<sup>61</sup> BENVENISTE, Émile.(1965) A linguagem e a experiência humana. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 2006, p. 69-70.

dispõem do mesmo sistema de referências pessoais, o modo como cada locutor seleciona e organiza sua língua é capaz de testemunhar as mais diversas possibilidades de construção do real. A ideia de que quando enunciamos não estamos “refletindo”, mas apresentando construções, (re)produções do real deve estar clara para que se desfaçam os equívocos que porventura possam aparecer em relação a que realidade se refere Benveniste quando fala de “objetos”.

No que se refere ao *emprego*, na primeira palavra destacada, o sentido parece-nos ser o de **espaço** como “disposição do ‘ele’ na cena do discurso em relação ao ‘eu’”, pois os demonstrativos indicam seres/objetos que fazem parte do não-eu e não-tu (não-pessoa) e, por isso, podem ser chamados de “ele”. Na segunda ocorrência, por sua vez, **espaciais** define o tipo de coordenadas a que Benveniste se refere no excerto em questão, de modo que podemos compreender “espaciais” em coordenadas espaciais como “sistema de referências discursivas que organiza a dimensão espacial do discurso”.

### 3.1.6 O aparelho formal da enunciação

#### Excerto 9<sup>62</sup>

Esta descrição um pouco abstrata se aplica a um fenômeno linguístico familiar no uso, mas cuja análise teórica está apenas começando. É primeiramente a emergência dos índices de pessoa (a relação *eu-tu*) que não se produz senão na e pela enunciação: o termo *eu* denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o termo *tu*, o indivíduo que aí está presente como alocutário.

Da mesma natureza e se relacionando à mesma estrutura de enunciação são os numerosos índices de ostensão (tipo *este*, *aquí*, etc.), termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo em que é pronunciada a instância do termo.

As formas denominadas tradicionalmente “pronomes pessoais”,

<sup>62</sup> BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 2006, p. 84-85.

“demonstrativos”, aparecem agora como uma classe de “indivíduos linguísticos”, de formas que enviam sempre e somente a “indivíduos”, quer se trate de pessoas, de momentos, de **lugares**, por oposição aos termos nominais, que enviam sempre e somente a conceitos. Ora, o estatuto destes “indivíduos linguísticos” se deve ao fato de que eles nascem de uma enunciação, de que são produzidos por este acontecimento individual e, se se pode dizer, “*semel-natif*”. Eles são engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo.

No texto *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste traça uma distinção entre índices específicos e procedimentos acessórios, através dos quais o locutor enuncia. Fazendo parte dos índices específicos, a série dos índices de ostensão (os demonstrativos, por exemplo) integra o que o autor chama de “indivíduos linguísticos”. Uma leitura desatenta poderia entender que “indivíduos” no sintagma “indivíduos linguísticos” remeteria ao ontológico, ao mundo dos objetos; no entanto, “linguísticos” determina “indivíduos”, o que significa que não é de todo e qualquer indivíduo de que se trata, mas de indivíduos pertencentes somente à evanescência da enunciação. Desse modo, “indivíduo” passa a ter sentido de “singular/unidade”.

Em relação à palavra **lugares**, através da qual almejamos explicitar o *emprego*, essa parece ter o sentido de “espaço discursivo em que ocorreu a enunciação”, espaço esse marcado justamente por uma classe de indivíduos linguísticos, que assinalam o acontecimento individual e novo engendrado a cada enunciação.

### 3.1.7 Estrutura da língua e estrutura da sociedade

#### Excerto 10<sup>63</sup>

Em terceiro lugar, para passar a uma consideração um pouco diferente, mas sobre a qual há **espaço** para insistir mais particularmente hoje, cada um

<sup>63</sup> BENVENISTE, Émile. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 2006, p. 101.

fala a partir de si. Para cada falante o falar emana dele e retoma a ele, cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou a outros. Entretanto, e talvez por causa disto, a língua que é assim a emanção irreduzível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supra-individual e coextensiva à toda a coletividade. E esta coincidência entre a língua como realidade objetivável, supra-individual, e a produção individual do falar que fundamenta a situação paradoxal da língua com respeito à sociedade. Com efeito, a língua fornece ao falante a estrutura formal de base, que permite o exercício da fala. Ela fornece o instrumento linguístico que assegura o duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso: é a distinção indispensável, sempre presente em não importa qual língua, em não importa qual sociedade ou época, entre o eu e o não-eu, operada por índices especiais que são constantes na língua e que só servem a este uso, as formas chamadas em gramática de pronomes, que realizam uma dupla oposição, a oposição do “eu” ao “tu” e a oposição do sistema “eu/tu” a “ele”.

A primeira, a oposição “eu-tu”, é uma estrutura de alocação pessoal que é exclusivamente inter-humana. Somente um código pessoal, religioso ou poético, autorizaria empregar esta oposição fora do meio humano.

A segunda oposição, a do “eu-tu”/“ele”, opondo a pessoa à não-pessoa, efetua a operação da referência e fundamenta a possibilidade do discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é a alocação. Temos aí o fundamento sobre o qual repousa o duplo sistema relacional da língua.

Aqui aparece uma nova configuração da língua que se acrescenta às outras duas que eu sumariamente analisei: é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações **espaço**-temporais que determinam os modos de enunciação.

Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, o linguista desenvolve seu ponto de vista acerca da diferenciação através da língua entre “eu” e “não-eu” e acerca das relações próprias à distinção “subjetivo/objetivo” na língua. Benveniste



traça algumas oposições como “eu-tu” e “eu-tu/ele” para demonstrar o fato de que a língua é, ao mesmo tempo e sempre, de todos e de cada falante, o que significa que tais formas só adquirem sentido quando em uso.

Em relação às palavras destacadas, a primeira ocorrência de **espaço** parece estar ligada ao sentido de “oportunidade” para deter-se no tópico desenvolvido pelo mestre. Por seu turno, a segunda ocorrência de espaço refere-se mais propriamente ao que, mais acima, no excerto, Benveniste chama de “índices pessoais”. Nesse caso, parece-nos que a palavra **espaço** está mais relacionada às questões que dizem respeito ao fenômeno da enunciação. É interessante notar que a nova configuração da língua integra a oposição referencial e pessoal e inclui a subjetividade que, por sua vez, desdobra-se em uma “rede complexa de relações *espaço-temporais*”, questão que discutiremos mais detalhadamente na continuidade desta pesquisa.

### 3.1.8 A forma e o sentido na linguagem

#### Excerto 11<sup>64</sup>

O sentido da frase é de fato a ideia que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras. Tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada. Uma frase participa sempre do “**aqui** e agora”; algumas unidades de discurso são aí unidas para traduzir uma certa ideia interessante, um certo presente de um certo locutor. Toda forma verbal, sem exceção, em qualquer idioma que seja, está sempre ligada a um certo presente, portanto a um conjunto cada vez único de circunstâncias, que a língua enuncia numa morfologia específica. Que a ideia só encontre forma num agenciamento sintagmático, esta é uma condição primeira, inerente à linguagem. O linguista encontra-se aqui diante de um problema que lhe escapa; ele pode somente

<sup>64</sup> BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 2006, p. 230.

conjecturar que esta condição sempre necessária reflita uma necessidade de nossa organização cerebral. A mesma relação entre mensagem e unidades prováveis do código encontra-se nos modelos construídos pela teoria da informação.

Nesse excerto, Benveniste procura distinguir o sentido da frase do sentido das palavras que a compõem. Ao abordar o sentido da frase, inclui o fato de que ela (que pode também ser entendida, nesse caso, como enunciado) “participa sempre do ‘aqui e agora’”. Isso significa que o sentido da frase, entendido como “a ideia que ela exprime” está relacionado à referência à situação de enunciação. Nesse sentido, **aqui** está sendo empregado, do nosso ponto de vista, como “espaço criado e marcado na enunciação” (tanto nas já enunciadas como nas que o serão).

### Excerto 12<sup>65</sup>

É necessário naturalmente distinguir, como o faz meu interlocutor, duas possibilidades na utilização de uma frase, e é este o fato que ele ilustrou pela distinção de “*sentence*” e de “*statement*”.

Minha resposta é que, na dicotomia que propus, qualquer forma de frase não tem **espaço** no domínio semiótico. Tudo é da ordem da semântica a partir do momento em que nós deixamos o domínio do signo tal como o circunscrevi aqui. Aquele que fala tem certamente a possibilidade de tomar ou não em sua conta um certo enunciado que ele articula, isto é, ou bem apresenta um enunciado de opinião, situado num “**aqui e agora**”, ou bem procede por citação.

<sup>65</sup> BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 2006, p. 235.

A *ideia* deste excerto é a de tratar dos domínios semiótico (do signo) e semântico (da frase/do enunciado), com especial atenção ao semântico como domínio que comporta o “aqui” e “agora”.

Quanto ao *emprego*, entendemos que **espaço**, nesse caso, parece ser utilizado no sentido de “pertinência”. Ou seja, Benveniste, em resposta a Gochet sobre a relevância da frase no campo do semiótico, afirma que seu estudo não é pertinente. Nesse contexto, o semanticista emprega **espaço** sem que, no entanto, a palavra possua diretamente relação com o construto enunciativo.

Na segunda ocorrência que nos interessa no excerto, o mestre se vale novamente de **aqui** – em “aqui e agora” – para diferenciar o que entende por “emprego” da frase, em que o locutor enuncia situado em um “aqui-agora”, do que entende por “citação” ou “frase feita”, sem que “ela possa ser considerada como um elemento d[o] [...] próprio discurso, senão na qualidade justamente de elemento citado” (BENVENISTE, 2006, p. 236).

### Excerto 13<sup>66</sup>

Não penso que a frase possa encontrar **espaço** na semiótica. O problema da frase não se coloca senão no interior do semântico, e é bem a região da língua sobre a qual incide a questão de Ricoeur. Nós constatamos que há, de um lado, empiricamente, frases e possibilidades de frases indefinidas, de outro lado algumas condições que comandam a geração de frases.

Ainda em *A forma e o sentido na linguagem*, Benveniste se vale mais uma vez da palavra **espaço** com o sentido de “relevância/pertinência”. Ao responder à pergunta de Ricoeur a respeito do prolongamento do semântico e do semiótico “até a ordem sintagmática”, o sírio afirma que não há lugar para a frase no âmbito no semiótico, uma vez que ela é já o resultado da língua em uso, não podendo senão

<sup>66</sup> BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 2006, p. 241.

pertencer à semântica. Como é possível constatar, o emprego de **espaço**, neste caso, faz parte do grupo dos usos que não abordam a temática que nos é pertinente.

### 3.1.9 Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana

#### Excerto 14<sup>67</sup>

A dupla significação que se atribui ao latim **altus**, como “alto” e “profundo”, se deve à ilusão que nos faz tomar as categorias da nossa própria língua como necessárias e universais. Em francês mesmo, fala-se da “profundidade” do céu ou da “profundidade” do mar. Mais precisamente, a noção de **altus** avalia-se em latim como a direção de baixo para cima, quer dizer subindo do fundo do poço ou subindo do pé da árvore, sem consideração da posição do observador, enquanto, em francês, profundo se define em direções opostas a partir do observador em direção ao fundo, quer seja o fundo do poço ou o fundo do céu. Não há nada de “original” nessas maneiras variadas de construir linguisticamente as nossas representações. Não é mais “nas origens da linguagem” que se deve procurar a explicação do inglês *with-out*, porém, modestamente, nos inícios do inglês. Contrariamente ao que pensou Abel e alguns ainda pensam, *with-out* não encerra as expressões contraditórias “com sem”; o sentido próprio de *with* é aqui “contra” (cf. *with-stand*) e marca impulso ou esforço numa direção qualquer. Daí *with-in* “na direção do interior”, e *with-out*, “na direção do exterior”, donde “fora, sem”. Para compreender que o alemão *wider* significa “contra” e *wieder* (com uma simples variação de grafia) significa “em troca”, basta pensar no mesmo contraste aparente de re- em francês, entre *re-pousser*, “repelir”, e *re-venir*, “voltar”. Não há nenhum mistério em tudo isso e a aplicação de regras elementares dissipa essas miragens.

<sup>67</sup> BENVENISTE, Émile. Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana In: \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1995, p. 87-88.

No excerto de *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*, Benveniste organiza seu estudo para se opor à ideia de Freud – cujo teor principal incidia em afirmar que haveria “homologia entre as operações do sonho e os processos das ‘línguas primitivas’” (BENVENISTE, 1995, p. 88). Freud ancorava sua tese nos estudos de Karl Abel e, com base neles, sentiu-se seguro para afirmar que as palavras encerrariam dois sentidos contraditórios em sua forma. Benveniste, no entanto, compreende que tal relação não é feliz, uma vez que ela era feita tomando categorias da língua francesa como universais e, por isso, aplicáveis a todas as outras línguas. O *emprego* da palavra destacada encontra-se no contexto em que o autor apresenta exemplos de palavras que, apesar da crença de que comportariam a antinomia em seu interior, necessitavam de estudos mais aprofundados nas línguas em que faziam sentido. O termo **altus**, na primeira ocorrência, está ligado ao contexto do que então se cria em termos de etimologia: que “altus” estaria ligado tanto a alto quanto a profundo; por sua vez, a segunda ocorrência remete-nos ao sentido de “direção”, como indicado pelo próprio texto, o que implica, nas diferentes línguas, relações específicas (baixo para cima, fundo etc.). Nas ocorrências apresentadas, não aparece referência a “espaço” como uso comum ou como acepção ligada ao constructo teórico enunciativo.

### 3.2 REFLETINDO A PRESENÇA DO ESPAÇO

Após a análise empreendida em 3.1, consideramos pertinente tecer alguns comentários sobre o emprego das palavras encontradas e o modo de distinguir umas das outras, além de tentar classificá-las de alguma maneira.

Ancorados na seção anterior, vimos que há diversos usos para as palavras selecionadas, alguns deles são coincidentes, outros não. Muitos desses *empregos* interessam ao nosso estudo, outros nem tanto. Aqueles que despertam nossa atenção abordam, de diversas maneiras, a noção de *espaço* a que almejamos

encontrar na obra de Benveniste. Por sua vez, o emprego de palavras que nos despertam menos interesse está relacionado a um uso mais “corriqueiro”<sup>68</sup>.

Observamos, também, que as mesmas palavras possuem *empregos* diversos de acordo com cada situação de uso. Tomemos como exemplo a palavra **espaço** em dois diferentes excertos. No **excerto 3**, compreendemos que a palavra em questão possuía sentido de “campo de alcance indefinido”, uma vez que referia-se à capacidade de a linguagem ser um substituto do “referente” ontológico e de poder se renovar infinitamente a cada vez que é utilizada. Por seu turno, o sentido de **espaço** depreendido do **excerto 8** está relacionado com a “disposição do ‘ele’ na cena do discurso em relação ao ‘eu’”, pois os demonstrativos indicam seres/objetos que fazem parte do não-eu e não-tu (não-pessoa) e, por isso, podem ser chamados de “ele”. O espaço, neste caso, é bastante definido, é o espaço criado pelo discurso, uma vez que tratamos de enunciação.

Com esses breves exemplos, é possível verificar que não há o que se possa chamar de regularidade/repetibilidade no emprego das palavras. Seguramente, há mais instabilidades/heterogeneidades nos usos das palavras em destaque, e apenas apresentamos o caso de duas ocorrências da palavra **espaço** à guisa de exemplo. De fato, isso não deve nos assustar, pois, uma vez que lidamos com língua – e, obrigatoriamente, com locutores e sujeitos –, devemos nos acostumar com o fato de o sentido das palavras não coincidirem entre si, seja em textos diferentes, seja no mesmo texto. Ora, é próprio da língua que o seu emprego seja diverso, uma vez que os sentidos não estão dados de antemão; eles são construídos a cada enunciação<sup>69</sup>. Sob esse ponto de vista, Benveniste afirma que

a língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira. (2006, p. 69)

<sup>68</sup> Sabemos da impossibilidade de que um uso seja corriqueiro no sentido de “banal” ou de linguagem ordinária. No entanto, na falta de palavras que por ora expressem o que queremos significar, contentamo-nos com essa até encontrar outra que seja mais razoável.

<sup>69</sup> Sob hipótese alguma, afirmamos, com isso, que nenhum sentido comporta a repetibilidade da língua. Queremos apenas explicitar o fato de que o sentido pode ou não coincidir, “ser o mesmo” não havendo obrigatoriedade nisso.

Dito de outro modo, podemos entender que **o discurso comporta a repetibilidade da língua na irrepetibilidade da enunciação.**

Além de constatarmos uma diferença no que diz respeito ao sentido das palavras que possuem a mesma forma, verificamos que há também certa diferença de modo de uso entre todas as palavras significativas. Apesar de tê-la notado, não nos sentíamos aptos a evidenciar de que ordem poderiam ser essas diferenças. Em razão disso, recorreremos às linguistas Normand (1996) e Ono (2007) para ancorar nossa tentativa de evidenciação das diferenças de empregos.

Muito antes de nossa modesta leitura, Normand, em *Os termos da enunciação em Benveniste*, constatou que há, de fato, diferentes *empregos*<sup>70</sup> das mesmas palavras na obra do sírio. A leitora do mestre apresenta um estudo somente sobre a palavra *sujeito*, pois está em busca do sintagma *sujeito da enunciação*, cujo emprego não encontra em sua investigação da obra benvenistiana. Para a autora, a noção de sujeito possui empregos de três ordens, a saber: “termos da tradição gramatical, psicológica, sem referência estrita ‘ao *sujeito* do verbo’ [...]”; termos não teóricos, em relação com o discurso comum, mais ou menos descritivos e metafóricos; e termos teóricos em graus diversos” (NORMAND, 1996, p. 145).

Embora empregue “termo teórico” e “termo não teórico”, Normand não define, no texto em discussão, o que entende por essas expressões. Por isso, consideramos pertinente dirigimo-nos à reflexão de Ono, *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*, especificamente no trecho em que a autora esclarece que sentido atribui a “termo teórico” e “termo não teórico”.

A autora observa que há mais de um tipo de utilização da palavra *enunciação*; para ela, há exatamente dois empregos distintos. Um deles é chamado de “uma utilização descritiva da palavra”, que se refere ao uso de *enunciação* como descrição de um rito<sup>71</sup>; o outro, chamado de “emprego teórico da palavra”, refere-se a um uso, de fato, conceitual da palavra *enunciação*. Muitas vezes, ambos os empregos podem ser encontrados nos mesmos textos, de modo que o deslocamento de um

<sup>70</sup> Embora Normand não se tenha valido do termo *emprego*, consideramos adequado utilizá-lo nesse sentido, uma vez que ele dá conta do significado que queremos atribuir, qual seja, o uso de determinadas palavras em diferentes contextos.

<sup>71</sup> Encontraremos esse tipo de emprego proposto por Ono (2007) em textos como *A frase nominal, Tendências recentes em linguística geral, Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, dentre outros, referentes aos volumes de *Problemas de Linguística Geral*.

emprego para outro não está dado em uma relação cronológica, mas lógica, ou seja, Benveniste lança mão do uso teórico de *enunciação* de acordo com o problema em que está inserida a palavra. Isso significa que *enunciação* pode aparecer diversas vezes em um texto e possuir o mesmo emprego, e, em outros, possuir empregos diferentes.

No que diz respeito à definição de “termo teórico” e “não teórico”, Ono a vincula à “terminologia do neopositivismo” em que, segundo suas próprias palavras, “um termo é teórico quando sua referência não é observável e é, ao contrário, não teórico, quando sua referência é observável” (ONO, 2007, p. 42). Apesar de a autora não apresentar uma definição explícita do que considera teórico e não teórico, depreendemos, a partir de nossa leitura, que o emprego teórico é o uso atrelado ao emprego conceitual, ao construto metalinguístico da palavra; e o emprego não teórico está relacionado ao uso ordinário que se faz da mesma palavra que, em outro contexto, poderia se tornar termo teórico.

Diante dessa definição, que pode contribuir para nossa reflexão, consideramos mais adequado fazer um breve deslocamento: em vez de utilizarmos as locuções “termo teórico” e “termo não teórico” para fazer referência aos empregos das palavras selecionadas em 2.1 e estudadas em 3.1, substituímos a palavra “termo” por “emprego”, pois assim conseguimos manter a coerência de nossa pesquisa.

Desse modo, consideramos o *emprego* da palavra “espaço” e das palavras relacionadas a ela como *emprego teórico* quando tais palavras estiverem vinculadas ao construto enunciativo benvenistiano; e consideramos como *emprego não teórico* quando as palavras encontradas não estiverem relacionadas ao construto a que nos dedicamos estudar nesta investigação.

Ao observar todas as *palavras* destacadas nos excertos em 3.1, verificamos que, em sua maioria, elas são utilizadas com “emprego não teórico”, o que anteriormente havíamos definido, na falta de melhor palavra, como “corriqueiro”. Se verificarmos atentamente o uso feito de cada uma das *palavras* em estudo, será possível compreender que seu emprego é, de fato, “não teórico”, pois refere-se, em grande parte das vezes, a questões que não dizem respeito ao estudo do espaço da enunciação. *Palavras* como **lugar** (excerto 1), **demonstrativos** (excerto 6) etc. são



empregadas no sentido não teórico, no sentido “comum” que se costuma atribuir a elas. Por seu turno, palavras como **espacial** (excertos 5 e 6), **aqui** (excerto 6), **espaciais** (excertos 7 e 8) e **espaço** (excerto 10) possuem, a que nos parece, “emprego teórico”, uma vez que apresentam certa noção a respeito do *espaço* em Enunciação.

Além da diferença entre *empregos* teóricos e não teóricos das *palavras* selecionadas para estudo, há outro fator que merece ser comentado: a proximidade bastante frequente entre palavras “espaço” e “tempo” e palavras relacionadas (como “aqui” e “agora”). Em função de que daremos seguimento a essa temática em momento oportuno<sup>72</sup>, apresentamos apenas um exemplo, extremamente significativo, de tal proximidade. No excerto 10, retirado do texto *Estrutura da Língua e estrutura da sociedade*, destacamos a seguinte expressão: “é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações **espaço-temporais** que determinam os modos de enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 101).

Para encerrarmos a discussão e introduzirmos a seção seguinte, questionamo-nos sobre o sentido do hífen entre as palavras “espaço” e “temporais”. O que tem essa expressão a nos dizer sobre a relação entre *tempo* e *espaço*? Há uma relação, na teoria enunciativa de Benveniste, entre essas duas noções? Se sim, qual é sua natureza? De que modo ela se dá? Há semelhanças, diferenças, hierarquizações? Para conseguirmos responder, a nosso modo, a todas essas questões, dirigimo-nos de imediato à próxima seção, em que abordaremos, dentre outros tópicos, o que por ora deixamos em aberto.

### 3.3. DO ESPAÇO A NOVOS ESPAÇOS: O QUE A LEITURA DE BENVENISTE NOS PERMITE CONSTRUIR EM RELAÇÃO AO ESPAÇO?

Esta seção está dedicada a apresentar nossa leitura da noção de *espaço* a partir das proposições de Benveniste a respeito do *espaço* e a ensaiar um breve

---

<sup>72</sup> Este tópico será discutido mais oportunamente em 3.3.1.

deslocamento, baseado em tal leitura, para a proposta de diferentes organizações e possibilidades de estudo da noção em Enunciação.

Sem mais explicações, passamos de imediato às leituras e aos deslocamentos.

### *3.3.1. Separados ou unidos por um hífen? As relações entre espaço e tempo e seus possíveis deslocamentos*

Para iniciar nossa reflexão sobre as relações de espaço e de tempo, justifiquemo-la. Ao longo de nossa trajetória de leitura dos *PLG I* e *II*, deparamo-nos com um emprego de “espaço” bastante singular, uma vez que tínhamos como uma das hipóteses iniciais o fato de que tempo e espaço seriam entidades linguísticas totalmente distintas, de modo que o estudo de um prescindiria o estudo de outro. Trata-se da ocorrência da expressão “espaço-temporais” em dois textos distintos do *PLG I*, fato que nos surpreendeu significativamente. Esse registro encontra-se nos seguintes trechos dos seguintes textos:

Específico, o tempo linguístico o é ainda de uma outra maneira. Ele comporta suas próprias divisões em sua própria ordem, esta e aquelas independentes das do tempo crônico. Aquele que diz “agora, hoje neste momento” localiza um acontecimento como simultâneo a seu discurso: seu “hoje” pronunciado é necessário e suficiente para que o parceiro o ligue na mesma representação. Mas, separemos “hoje” do discurso que o contém, coloquemo-lo em um texto escrito: “hoje” não é mais então o signo do presente. linguístico pois que ele não é mais falado e percebido, e ele não pode mais enviar o leitor a algum dia do tempo crônico, pois que não se identifica com nenhuma data; ele pode ter sido proferido em qualquer dia do calendário e se aplicará indiferentemente a todo dia. O único meio de empregá-lo e de torná-lo inteligível fora do presente linguístico é o de fazê-lo acompanhar de uma correspondência explícita com uma divisão do tempo crônico: “hoje, 12 de junho de 1924”. O mesmo ocorre com um eu subtraído ao discurso que o introduz e que, adequado então a todo locutor possível, não designa seu locutor real: é necessário atualizá-lo acrescentando o nome próprio deste locutor: “eu, X...”. Donde resulta que as coisas designadas e organizadas pelo discurso (o locutor, sua posição, seu tempo) não podem ser identifica das senão pelos parceiros da comunicação linguística. Do contrário, para tornar inteligíveis estas referências intradiscursivas, deve-se ligar cada uma delas a um ponto determinado em um conjunto de coordenadas **espaço-temporais**. A junção se faz assim entre o tempo linguístico e o tempo crônico. (BENVENISTE, 2006, p. 78-79, grifo nosso)

A primeira, a oposição “eu-tu”, é uma estrutura de alocação pessoal que é exclusivamente inter-humana. Somente um código pessoal, religioso ou poético, autorizaria empregar esta oposição fora do meio humano.

A segunda oposição, a do “eu-tu”/“ele”, opondo a pessoa à não-pessoa, efetua a operação da referência e fundamenta a possibilidade do discurso sobre alguma coisa, sobre o mundo, sobre o que não é a alocação. Temos aí o fundamento sobre o qual repousa o duplo sistema relacional da língua.

Aqui aparece uma nova configuração da língua que se acrescenta às outras duas que eu sumariamente analisei: é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações **espaço-temporais** que determinam os modos de enunciação. (BENVENISTE, 2006, p. 101, grifo nosso)

Até então havíamos observado – sem rigor científico – a *proximidade* no texto entre algumas palavras relacionadas a tempo e a espaço, mas esse modo de empregá-las através de um hífen parecera-nos, no mínimo, intrigante. O que poderia significar o hífen entre as palavras “espaço” e “temporais”? Serviria para dividi-las, para uni-las? A fim de chegar a algum ponto em que nos sentíssemos autorizados a propor qualquer leitura sobre a presença do hífen, compreendemos que necessitávamos ir à busca de mais elementos que nos respaldassem nessa percepção.

Diante dessa necessidade, certificamo-nos, através do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de que o único modo em que o hífen significa *separação* é quando este divide palavras não terminadas na mesma linha. Em todos os outros casos previstos pelo dicionário, inexistente a ocorrência de outros usos em que signifique separação ou distanciamento. Diz o *Dicionário*:

**Hífen** s.m.(1576) EDIT GRAM sinal em forma de um pequeno traço horizontal (-), us. Para unir os elementos de palavras compostas, separar sílabas em final de linha e marcar ligações enclíticas e mesoclíticas (p.ex., em *guarda-chuva*, *aboli-/cão*, *telefonaram-lhe*, *fá-lo-ei*); risca de união, traço de união, tirete. GRAM pl.: *hífenes* e (B) *hífens*. ETIM gr. *Huphén* adv. ‘juntamente’, pelo lat. tar. *hyphen*. (HOUAISS, 2008, p. 1021)

Como é possível observar a partir da definição do termo *hífen*, sua origem já indica a relação de união ou de aproximação. Mesmo quando marca uniões mesoclíticas e enclíticas, o hífen funciona como uma “ponte” entre um elemento e outro. Fundamentados na definição do dicionário, poderíamos prescindir da busca de quaisquer outros elementos na obra de Benveniste que corroborassem o ponto de vista de que o hífen ligando “espaço” a “temporal” está os unindo e, por isso, haveria uma relação posta entre eles, ainda que não estudada. Contudo,

entendemos que as informações constantes nos textos de Benveniste possuem grande relevância para sinalizar em nossa pesquisa o fato de haver ou não uma relação entre espaço e tempo.

Conforme salientamos anteriormente, nossa observação sobre a proximidade entre palavras relacionadas a tempo e a espaço foi bastante descomprometida com qualquer rigor científico-metodológico, pois, até então, tal proximidade não nos informava sobre a relação entre as duas noções e não nos apontava para nenhuma possibilidade de reflexão sobre nosso objeto de estudo. Diante de tamanho equívoco de nossa parte – como seria possível desconsiderar a proximidade entre palavras que insistem em permanecer próximas? –, consideramos necessário retornar aos excertos selecionados, explicitados e analisados em 3.1, para observar *com mais vagar* a possível relação entre tais palavras. A observação de sua posição poderia nos dizer algo a respeito do uso do hífen em “espaço-temporais” nos dois trechos acima transcritos. Ao retornar à leitura dos excertos, foi possível verificar que, dentre os 14 trechos selecionados para análise, de acordo com os critérios previamente estabelecidos<sup>73</sup>, oito apresentam a presença de palavras relacionadas ao tempo e, em todos estes, as palavras relacionadas a essa noção estão bastante próximas das palavras relacionadas a espaço, muitas das quais foram consideradas **palavras significativas**, porque teoricamente vinculadas ao constructo enunciativo.

Por considerarmos mais elucidativa a apresentação das ocorrências em formato de tabela, organizamos as informações coletadas sobre a proximidade entre “espaço” e “tempo” e palavras associadas.

**Quadro 8** – Excertos e trechos de palavras significativas

NÚMERO DO EXCERTO <sup>74</sup>	TRECHO
03 <sup>75</sup>	Ora, o caráter da linguagem é o de propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no <b>tempo</b> e no <b>espaço</b> , o que é o típico do nosso simbolismo e o fundamento da tradição linguística.
04 <sup>76</sup>	Quanto a xxxx, “ <b>onde</b> ”, e xxxx, “ <b>quando</b> ”,

<sup>73</sup> Os critérios foram devidamente explicitados no Capítulo 2.

<sup>74</sup> A cada número do excerto explicitado, apresentaremos, em nota, a que texto se refere.

<sup>75</sup> Texto: *Comunicação animal e linguagem humana*.

	implicam respectivamente as classes das denominações <b>espaciais</b> e <b>temporais</b> , e ainda aqui os conceitos são modelados sobre caracteres dessas denominações em grego.
05 <sup>77</sup>	Toda determinação <b>espacial</b> e temporal exprime-se assim por <i>le</i> .
06 <sup>78</sup>	<b>aqui</b> e <b>agora</b> delimitam a <u>instância espacial</u> e <b>temporal</b> coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém eu. [...] Essas formas “pronominais” não remetem à “realidade” nem a posições “objetivas” no <b>espaço</b> ou no <b>tempo</b> , mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e refletem assim o seu próprio emprego.
07 <sup>79</sup>	São os indicadores da dêixis, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações <b>espaciais</b> e <b>temporais</b> em torno do “sujeito” tomado como ponto de referência: “isto, agora” e as suas numerosas correlações “isso, ontem, no ano passado, amanhã”, etc.
10 <sup>80</sup>	Aqui aparece uma nova configuração da língua que se acrescenta às outras duas que eu sumariamente analisei: é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma <u>rede complexa de relações espaço-temporais</u> que determinam os modos de enunciação.
11 <sup>81</sup>	Tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada. Uma frase participa sempre do “ <b>aqui e agora</b> ”; algumas unidades de discurso são aí unidas para traduzir uma certa ideia interessante, um certo presente de um certo locutor.
12 <sup>82</sup>	Aquele que fala tem certamente a possibilidade de tomar ou não em sua conta um certo enunciado que ele articula, isto é, ou bem apresenta um enunciado de opinião, situado num “ <b>aqui e agora</b> ”, ou bem procede por citação.

<sup>76</sup> Texto: *Categorias de pensamento e categorias de língua.*

<sup>77</sup> Texto: *Categorias de pensamento e categorias de língua.*

<sup>78</sup> Texto: *A natureza dos pronomes.*

<sup>79</sup> Texto: *Da subjetividade na linguagem.*

<sup>80</sup> Texto: *Estrutura da língua e estrutura da sociedade.*

<sup>81</sup> Texto: *A forma e o sentido na linguagem.*

<sup>82</sup> Texto: *A forma e o sentido na linguagem.*

Baseados na leitura das informações dispostas na tabela, somos capazes de afirmar que a proximidade entre palavras que remetem a espaço e a tempo podem nos orientar a uma reflexão mais aprofundada sobre a natureza de sua relação e a diferenciação de cada uma das noções. Apesar de reconhecer o potencial de pesquisa da relação entre espaço e tempo na obra de Benveniste – que pode, inclusive, ser tema de teses doutorais –, limitamo-nos a sinalizar tal relação na medida em que ela nos é pertinente. Não estamos, de modo algum, eximindo-nos da tarefa de pesquisar e descrever as características da noção de tempo em Benveniste, além disso, compreendemos a importância de seu estudo para a qualificação dos estudos em Enunciação no Brasil; entretanto, compreendemos as limitações de uma dissertação e, por isso, deixamos tal reflexão, que merece um estudo profundamente detalhado, em suspenso, para, oportunamente, pautá-la ainda que de forma sumária.

Nos trechos destacados, chamaram-nos a atenção as palavras relacionadas a “tempo” e a “espaço”, que estão devidamente sublinhadas: no excerto 6, ocorre a palavra “instância”; no excerto 7, comparece a palavra “relações”; no 10, “rede complexa de relações”. Juntamente a essas palavras, na citação que abre este item, Benveniste trata espaço e tempo como ligados a “um conjunto de coordenadas **espaço-temporais**”, sendo que a expressão “coordenadas” comparece também no excerto 6, ligada a “espaço” e encadeada com a reflexão que o autor promove sobre tempo:

O sistema das coordenadas **espaciais** se presta também para localizar todo objeto em qualquer campo que seja, uma vez que aquele que o organiza está ele-próprio designado como centro e ponto de referência. (BENVENISTE, 1995, p. 69-70, grifo nosso)

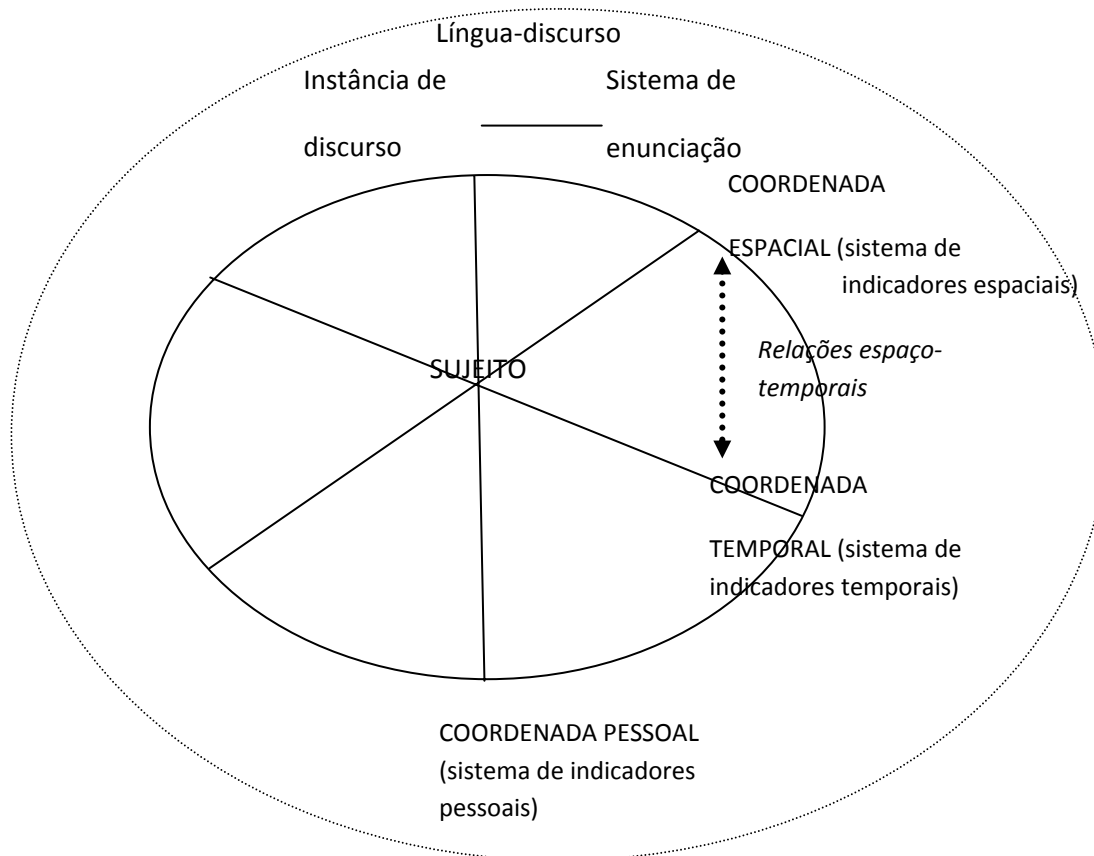
Nesse sentido, vemos as palavras “coordenadas”, “relações” e “sistema” como termos teóricos correlatos para a abordagem de *espaço* e *tempo*. E aqui, precisamente, vemos a importância de se pensar essas palavras associadas aos empregos de *espaço* e *tempo* (unidos por hífen ou pelo “e conjuntivo”) como fundamentais para a nossa teorização sobre a noção de espaço no constructo enunciativo benvenistiano.

Conceber as palavras acima destacadas como fundamentais na relação entre *espaço* e *tempo* não significa que elas sejam sinônimas, tampouco que recubram o mesmo campo conceitual no interior da reflexão. Desde nosso ponto de vista, todas estão inter-relacionadas, mas de modos diferentes. As “relações espaço-temporais” dizem respeito ao modo como espaço e tempo se comportam, se determinam e se relacionam entre si, ou seja, trata-se do fato de, muitas vezes, por exemplo, as mudanças ocorridas no espaço modificarem as coordenadas de tempo, ou vice-versa. Por sua vez, as “coordenadas” referem-se tanto a espaço e a tempo conjuntamente, quanto separadamente.

A palavra “coordenadas” possui, dentre outros, o sentido de “cada um dos elementos que permitem localizar um objeto em um ponto, informação” (HOUAISS, 2007, s/p); isso significa que “coordenadas espaço-temporais” fazem parte de um “conjunto de coordenadas” que compõe a instância de discurso, conforme afirma Benveniste: “a instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito” (BENVENISTE, 1995, p. 289). Dito de outro modo, “coordenadas espaço-temporais” pertencem a um conjunto maior de coordenadas que definem o sujeito, dentro do sistema de enunciação, as quais podem também, no interior de cada coordenada, possuir seu próprio sistema, como vemos no excerto 8, quando Benveniste menciona “sistema de referências pessoais” e “sistema das coordenadas espaciais” e, no excerto 10, quando trata da “oposição do sistema eu/tu a ele”.

A instância de discurso, por sua vez, compõe o conjunto de coordenadas, ou seja, todas as coordenadas (tempo, espaço e pessoa) que estão relacionadas ao sujeito, compondo o sistema da enunciação.

Procuramos ilustrar a reflexão que estamos propondo no diagrama a seguir:



**Figura 2 – Diagrama:** Coordenadas e relações espaço-temporais.

Além da comprovada relação entre espaço e tempo que encontramos nos excertos citados, há, atualmente, em outras áreas do conhecimento, a tendência a



uni-los, de modo que temos alguns exemplos bastante célebres em outras áreas<sup>83</sup>. A Teoria da Relatividade Especial, finalizada por Albert Einstein em 1905, propõe a substituição da independência dos conceitos “tempo” e “espaço” pela ideia de “espaço-tempo” como uma entidade unificada, quadridimensional. Temos, também, uma das consequências da relatividade restrita, conhecida como o *paradoxo dos gêmeos*, que, grosso modo, aborda a relatividade da passagem do tempo para dois irmãos gêmeos localizados em diferentes espaços (um na Terra e outro em uma espaçonave). Além disso, na Física, para determinar a distância de um ponto a outro, a fórmula utilizada requer que utilizemos a variável de tempo aliada à variável de velocidade, que, por sua vez, possui uma fórmula relacionada ao espaço.

No campo da filosofia, Maurice Merleau-Ponty também aborda a temática do espaço-tempo em *Fenomenologia da percepção*, e compreende que a amálgama proposta por Einstein para o espaço e o tempo já era pensada no campo da percepção, foco de estudos do livro do filósofo. Para o autor, “espaço e tempo não são nem ‘separáveis’ por uma análise ideal, nem reunidos em sistema por aquilo que Eddington chamou ‘instantes vastos como o mundo’, ou seja, uma sucessão perfeitamente nítida de instantes” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 184); espaço e tempo estão relacionados, para ele, de modo mais complexo do que supunham autores como Eddington e Bergson.

Já no âmbito da geografia e da história, temos autores como Yu-Fi Tuan e Michel de Certeau, cuja concepção de espaço compreende, além da relação com o tempo, a experiência do homem em relação ao seu “meio”. Para Certeau, o espaço é estabelecido toda vez que se consideram “vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo [...] Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente” (CERTEAU, 1994, p. 201). Vemos aí uma nítida relação entre o espaço e o tempo proposta, também, na área de ciências humanas.

No campo de estudos linguísticos, Henri Meschonnic, autor cuja teoria sobre o ritmo é tributária da reflexão proposta por Benveniste no texto *A noção de “ritmo”*

---

<sup>83</sup> As áreas e os estudos que aqui citamos, na maioria das vezes, abordam a relação entre tempo e espaço ontologicamente. Ainda que não consideremos em primeiro plano o nível ontológico, consideramos pertinente trazer à tona os pontos de vista acima relatados, pois, parece-nos, eles nos ajudam a compreender a necessidade de pensar espaço e tempo em relação.

na sua expressão linguística, também propõe uma reflexão, ainda que breve, a respeito da relação entre tempo e espaço. Meschonnic, além de linguista, tributa sua pesquisa sobre o ritmo a Benveniste. Afirma o autor em relação à importância de Benveniste em seus estudos do ritmo que

É pelo discurso e pelo ritmo que a totalidade e a unidade regem a linguística, a semiótica, antropologia histórica da linguagem. De Saussure e de Benveniste parte uma antropologia histórica da linguagem. Saussure, sobretudo sem a prisão estruturalista que o cobre, cujas pesquisas historicistas não conseguem preservar. Benveniste, porque dele parte não somente o estudo da enunciação e do discurso, mas porque ele mantém exemplarmente juntas a filologia e a linguística, em que a separação produziu os formalismos abstratos que se fizeram passar por teoria. É simbólico, aqui, que Benveniste, por sua crítica da etimologia da palavra *ritmo*, tenha tornado possível uma nova relação entre sentido e sujeito, que ele elaboraria alhures em sistema de enunciação. O que empreendo aqui é possível somente através de Benveniste, e visa a continuá-lo.<sup>84</sup> (MESCHONNIC, 2009, p. 45)

Em *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*, Meschonnic se coloca diante de um objeto considerado até então pelos linguistas como acessório no que diz respeito ao estudo da língua. Ao estudar o ritmo no discurso, o autor compreende que uma vez que tudo que é humano concerne, de algum modo, ao antropológico e ao linguístico, a reflexão sobre ritmo não poderia distar disso, ou seja, não se poderia ignorar a relação entre antropologia e linguagem em seu objeto de estudo. No livro, o autor dedica-se, dentre outras questões, a problematizar a relação entre o espaço e o ritmo no discurso. Sua preocupação com essa relação é relativamente grande, já que o autor dedica um capítulo inteiro da obra para desenvolver melhor a questão.

Dentre os tópicos abordados no capítulo, chama-nos a atenção o fato de Meschonnic compreender que, na poesia, não há separação entre tempo e espaço. Expliquemo-nos com um exemplo. Ao trazer à tona sua reflexão sobre o espaço e sua relação com o ritmo, o autor apresenta questões concernentes à disposição do

<sup>84</sup> Tradução nossa de: «C'est par le discours et le rythme que la totalité et l'unité, qui régissent cette linguistique, cette sémiotique, anthropologie historique du langage. De Saussure et de Benveniste, part une anthropologie historique du langage. Saussure, mais sans la grille structuraliste qui le recouvre, dont des recherches historicistes ne suffisent pas à le préserver Benveniste, parce que de lui part non seulement l'étude de l'énonciation et du discours, mais parce qu'il tient exemplairement ensemble la philologie et la linguistique, dont la séparation a produit les formalismes abstraits qui se sont fait passer pour théorie. Il est symbolique, ici, que Benveniste, par sa critique de l'étymologie du mot *rythme*, ait rendu possible une relation nouvelle entre le sens et le sujet qu'il élaborait ailleurs en système de l'énonciation Ce que j'entreprends icic n'est possible que par Benveniste, et ne vise qu'à le continuer » (MESCHONNIC, 2009, p.45).

texto na folha impressa. Isso significa que ele problematiza o espaço do texto na folha, os brancos nela contidos etc. Com base nisso, inclina-se a compreender que, por ocupar mais espaço (aqui, medido em linhas, páginas etc.), o texto ocupa também mais tempo de leitura e de escrita. Dito de outro modo, a reflexão sobre espaço (tipográfico) em Meschonnic é também uma reflexão sobre tempo, dado que o autor entende como tempo o período gasto lendo, declamando ou produzindo determinado texto<sup>85</sup>. A preocupação a respeito do espaço é de ordem *tipográfica*:

Não há, de um lado, a audição, sentido do tempo, e, de outro, a visão, sentido do espaço. O ritmo coloca a visão na audição, continuando as categorias uma na outra, na sua atividade subjetiva, transubjetiva. O visual é inseparável de seu conflito com o oral. A página escrita impressa põe em jogo, como toda prática da linguagem, uma teoria da linguagem e uma historicidade do discurso da qual a prática é a realização e o desconhecimento/a ignorância/a incompreensão. Este é o problema da tipografia.<sup>86</sup> (MESCHONNIC, 2009, p. 299)

Ainda que não nos tenhamos aprofundado a respeito da natureza da relação entre as noções de espaço e de tempo, é notório que há algo que as une e que está para além do hífen. A marcação com o sinal gráfico parece-nos ser apenas um flagrante da existência de tal relação, além de ser um indicativo de que há muito a ser estudado sobre isso. Ademais dos elementos encontrados em Benveniste, apoiamo-nos em Meschonnic para corroborar a hipótese de que há uma relação entre espaço e tempo.

Diante de tais evidências da relação entre as referidas noções, entendemos que talvez seja possível realizar algumas reflexões a respeito de espaço a partir do texto *A linguagem e a experiência humana*, em que Benveniste apresenta sua reflexão sobre como a experiência humana se faz linguagem através da categoria de tempo. Certamente, o que almejamos fazer não é meramente uma transposição das

---

<sup>85</sup> Abstemo-nos da discussão acerca da noção de tempo e suas formas. Tempo, no caso acima, está bem definido e deve ser entendido segundo sua definição para que não provoque desentendimentos terminológicos.

<sup>86</sup> Tradução nossa de: «*Il n'y a pas d'un cote, l'audition, sens du temps, d'un autre, la vision, sens de l'espace. Le rythme met de la vision dans l'audition, continuant les categories l'une dans l'autre dans son activité subjective, transsubjective. Le visuel est inséparable de son conflit avec l'oral. La Page écrite imprimée, met en jeu, comme toute pratique du langage, une théorie du langage et une historicité du discours, dont la pratique est l'accomplissement, et la méconnaissance. C'est l'enjeu de la typographie*» (MESCHONNIC, 2009, p. 299).

diferenciações feitas com o tempo para o espaço – o que seria uma impossibilidade teórico-metodológica devido à diferença da natureza de cada noção –, mas compreendemos que parte da reflexão sobre o tempo apresentada pelo sírio pode ser relativizada e pode, também, orientar-nos, em alguma medida, na reflexão sobre o espaço.

Em *A linguagem e a experiência humana*, Benveniste disserta acerca da experiência humana ou subjetiva e suas formas de expressão na língua. Para o mestre, ainda que a forma seja a mesma – caso contrário, seria impossível a mínima compreensão humana –, a experiência humana “não é descrita, ela está lá, inerente à forma que a transmite, constituindo a pessoa no discurso e conseqüentemente toda pessoa desde que ela fale” (BENVENISTE, 2006, p 69). A experiência do homem, que se dá na e através da linguagem, como afirma o linguista, não pode ser descrita, só pode ser enunciada. Arriscamo-nos a afirmar que a relação entre a experiência humana e a linguagem é de tal modo inseparável que toda e qualquer enunciação é um testemunho da experiência do homem entendida como subjetividade.

Para Benveniste, no texto em questão, há certas categorias nas quais a experiência subjetiva é relativamente mais visível, pois está claramente marcada no enunciado. Tais categorias são os pronomes pessoais, as formas linguísticas que exprimem o *espaço* e o *tempo*. Afirma o autor que

a língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira. (ibid., p. 69)

Dentre as formas destacadas que “revelam” a experiência subjetiva, para o semanticista, nenhuma é tão rica quanto a que se refere ao *tempo*. Por considerá-la bastante produtiva para sua reflexão sobre a experiência humana, Benveniste dedica-se a desestabilizar o que até então se entendia por expressão de tempo na língua. Melhor dito, o autor vai além e introduz uma reflexão de cunho filosófico sobre a categoria de *tempo* e se vale dessa reflexão, obviamente, na medida em que ela colabora nas investigações linguísticas.

O mestre inicia sua exposição afirmando que o verbo não é a única categoria que pode exprimir o *tempo*, pois há línguas em que os verbos inexistem e a expressão de tempo assume outras formas. Com base nisso, é possível verificar que a expressão do tempo é própria às línguas (ou seja, é um problema de linguagem); o modo como o *tempo* será expresso em cada uma delas diz respeito à particularidade de cada língua. Esse esclarecimento se faz importante para que tomemos o cuidado de não efetuar uma transferência direta das categorias gramaticais para as categorias linguísticas pensadas por Benveniste. As proposições benvenistianas vão além do que as categorias gramaticais são capazes de abarcar, por isso, não se pode simplesmente utilizar uma e outra como equivalentes totais.

Sobre o *tempo*, Benveniste estabelece uma distinção entre *tempo físico*, *tempo crônico* e *tempo linguístico* ou *do discurso*. O primeiro, sobre o qual o semanticista pouco se detém por considerá-lo pouco importante para seu estudo, diz respeito ao tempo “do mundo”, definido pelo mestre como “um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade. Ele tem por correlato no homem uma duração infinitamente variável que cada indivíduo mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior” (BENVENISTE, 2006, p. 71).

O *tempo crônico*, por sua vez, é entendido como “tempo que engloba nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos. Em nossa visão do mundo, assim como em nossa existência pessoal, não há senão um tempo, que é este” (ibid., p. 71). Para Benveniste, o tempo crônico, diferentemente da vida vivida, é bidirecional, uma vez que recorre à memória para rememorar acontecimentos passados sem que o tempo em que se enuncia seja o presente.

O terceiro e último nível do tempo é o *tempo linguístico*. De acordo com o linguista, a experiência humana do tempo só é manifesta a partir da língua, e o que o tempo linguístico “tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala, o fato de se definir e de se organizar como função do discurso” (ibid., p. 74). O centro de referência do tempo linguístico é o *presente*, sempre concomitante à instância de discurso em que é empregado.

Sobre o *presente*, cabe uma explicação sobre algumas nuances que estabelecem diferentes sentidos a cada emprego. Há, para fins deste estudo, pelo menos dois sentidos que podemos atribuir ao *presente*. O primeiro diz respeito ao

“tempo sempre presente”, que faz parte da referência à instância de discurso. Este presente não está marcado formalmente na língua; a própria enunciação é já a prova de existência do presente enunciativo. Não se pode dizer que essa forma de presente seja contemporânea à enunciação porque, nesse caso, ao mesmo tempo em que o presente só existe porque há enunciação, a enunciação *está* no tempo, ou seja, há uma relação em que é impossível considerar a existência de um sem conceber a existência de outro. A existência do presente sem enunciação e vice-versa seria, aqui, uma impossibilidade teórica. Na medida em que é condição para a enunciação e só existe nela, esse presente é inapreensível, só se pode verificar sua existência através do enunciado, mas não se pode nunca atingi-lo.

Por seu turno, há outro sentido de *presente*, em que se pode pensar na marcação com uma forma – não somente os verbos – e a partir do qual se organizam todas as relações temporais marcadas no discurso. O acontecimento pode coincidir com a instância de discurso – fato que dá origem ao *presente* a que nos referimos –, pode ser anterior ou posterior, entretanto, o centro de origem, o ponto zero, a partir do qual se orientam as marcações temporais será sempre o presente. Temos, então, de um lado, um presente que é condição de existência da enunciação – e sem a qual também não existiria –, não marcado linguisticamente, mas comprovado pela existência das enunciações; e, de outro, o presente em que há a marcação na língua, a partir do qual todas as outras organizações temporais se acomodam.

Com base em nossa breve explanação sobre o teor da reflexão de Benveniste a respeito da relação entre a linguagem e a experiência humana através da categoria de tempo, consideramos que seja possível esboçar algumas possibilidades de relações e analogias com o *espaço*.

Ao fazer um deslocamento das divisões sistematizadas por Benveniste a respeito de *tempo*, estamos seguros de que tal movimento não é uma simples substituição da palavra *tempo* pela palavra *espaço*. As palavras não são sinônimas, o que indica que, embora possuam relações – as quais merecem ser estudadas oportunamente –, *tempo* e *espaço* dão conta de diferentes aspectos da experiência humana na/pela linguagem e possuem diferentes modos de expressão. O que

objetivamos é apresentar o potencial reflexivo que a discussão sobre *tempo* nos brinda para efetuar a sistematização do *espaço*.

Diferentemente do que se fez com *tempo*, não é possível estabelecer uma divisão trina com *espaço*. A divisão por nós estabelecida e que, de algum modo, procura também demonstrar a relação da experiência subjetiva e da linguagem através da noção de *espaço*, entende que essa noção pode ser dividida entre *espaço topológico* e *espaço enunciativo*. O que chamamos aqui de espaço topológico diz respeito à organização espacial dos objetos, dos seres, ou seja, trata do espaço como categoria ôntica e ontológica. De modo geral – e por motivos bastante aparentes – essa manifestação do espaço não nos interessa tanto quanto a outra, melhor dito, interessa-nos somente na medida em que diz respeito à enunciação. O *espaço enunciativo*, por seu turno, está relacionado à enunciação. Isso significa que, ao abordarmos-lo, estamos relacionando o espaço àquilo que nos toca como linguistas: a língua.

Obviamente, há a expressão, na língua, do espaço topológico, mas, para que este seja expresso, deve ser enunciado, o que significa que, em termos linguísticos, o espaço topológico está submetido ao espaço enunciativo. Benveniste toma a língua e a sociedade “numa relação semiológica: a relação do interpretante com o interpretado. [...] Em primeiro lugar, a língua é o interpretante da sociedade; em segundo lugar, a língua contém a sociedade” (BENVENISTE, 2006, p. 97). Dado que o sírio compreende que a língua interpreta a sociedade, não poderia ser diferente com a interpretância do espaço topológico pela língua. Denominamos o fato de que o espaço topológico, para que tenha existência, precisa ser linguístico, de *relação de interpretância*. Dito de outro modo, o espaço topológico, na medida em que é enunciado, torna-se espaço enunciativo porque *está na língua-discurso*. De modo semelhante ao tempo linguístico, é possível estabelecer, no interior do espaço enunciativo, diferenciações na conceitualização de *espaço*, pois, quando teorizamos sobre essa noção, há um complexo de relações estabelecidas entre os diferentes modos de pensar o espaço em enunciação e os diversos campos da percepção que tal estudo abrange.

A divisão de *espaço* a que nos referimos não é senão fruto de nossa leitura dos textos de Benveniste. Podemos observar que, quando falamos em *espaço*,

podemos nos referir a, pelo menos, dois pontos de vista diversos (mas não opostos): ora ao enunciado, ora à enunciação. Apesar disso, ambos os espaços, possuem a mesma característica de serem, assim como o tempo, *fundantes e fundamentais da/para* a enunciação. O que essa diferenciação significa?

A inegável relação entre *espaço* e *tempo* nos fez considerar a possibilidade de deslocamento do estudo proposto por Benveniste a esta noção. A partir de nossa releitura, observamos que o estudo do *espaço* poderia ser pensado desde duas perspectivas diversas, mas complementares, pois ambas dão testemunho da experiência humana no espaço.

A primeira delas nos remete ao fato de que *enunciar é ocupar espaço na língua-discurso*<sup>87</sup>. Dito de outro modo, para que se torne sujeito, é condição *sine quae non* que o locutor ocupe/conquiste seu *espaço de enunciação*. Tal espaço está disponível para todo e qualquer falante da língua, e pode haver a concomitância de espaços, diferentemente da concomitância do tempo da fala – que é, em princípio, linear –, uma vez que é totalmente possível que dois interlocutores enunciem ao *mesmo tempo*, o que configura espaços *DE* enunciação diferentes. O que ora denominamos *espaço de enunciação* está na base da constituição da enunciação e do sujeito. Não há, nesse espaço, a necessidade de marcas. A existência da enunciação é a prova de que o espaço de enunciação foi ocupado, de modo que esse espaço prescindir da marcação formal. Esse espaço é o que Dufour (2000) discute tão bem na seguinte passagem de seus *Mistérios da Trindade*:

Se o seu interlocutor procura convencê-lo daquilo que você acaba de lhe dizer, não se choque, você deveria ter reagido antes: estava bem satisfeito quando ele retomou por sua conta a temporalidade e o espaço que informavam o seu discurso. Agora é tarde demais, *ele tenta falar em seu lugar*.

---

<sup>87</sup> Utilizamos a composição de “língua-discurso” para nos distanciarmos da concepção de língua em sua virtualidade e para nos aproximarmos do uso feito por Benveniste no final de “A forma e o sentido na linguagem”. Língua-discurso significa, aqui, língua em uso. Certamente, temos ciência de que a língua não é senão atingível a partir de seu uso, mas consideramos a pertinência de enfatizar o *status* ocupado por essa língua para dirimir quaisquer confusões que possam haver a respeito da concepção de língua e de língua-discurso neste trabalho. Normand (2009, p. 87) define língua tal qual estamos pensando - a língua desde o ponto de vista saussuriano - e seu modo de existência como um “objeto concreto tão abstratamente definido”. Para tentar desfazer qualquer imprecisão conceitual, poderíamos comparar, grosseiramente, a língua com o nível semiótico, ou seja, da ordem do inatingível. Por seu turno, a língua-discurso pertence ao nível semântico, ao âmbito da língua em uso. O semiótico apenas pode ser observado (mas não atingido) através do semântico. No mesmo sentido, pensamos a língua: existe somente no uso que os falantes fazem dela, portanto, da língua-discurso.



“Eu” e “tu”, estes dois signos vazios, não-referenciais com relação à realidade, resolvem de maneira extremamente simples um problema muito complexo, o da comunicação intersubjetiva. Eles estão à disposição de todo mundo e basta que alguém fale para que essas conchas vazias se tornem cheias. [...] Desde que nos situamos neste lugar, o resto da língua vem por si só. (DUFOUR, 2000, p. 74, grifos do autor)

Mais adiante, o autor argumenta que “constituir essa relação não é, assim, apenas uma comodidade da linguagem ou uma metáfora falante, mas um dos elementos-chave de definição do espaço de simbolização” (ibid., p. 78-79). Essa noção está ligada à ocupação de um lugar de enunciação como espaço de simbolização, o que podemos ilustrar com o estudo de Silva (2009), quando discute, na aquisição da linguagem, a operação de preenchimento de lugar enunciativo como condição para a criança se instaurar na língua. Melhor dito, trata-se de um espaço constitutivamente relacionado à presença do sujeito no discurso, ou seja, está relacionado à ocupação de um lugar que se constitui quando o locutor converte a língua em discurso.

Nesse sentido, o *espaço DE enunciação* não se trata de uma categoria “espaço” relacionada aos indicadores de subjetividade – uma vez que estes necessitam estar marcados formalmente para que “indiquem” uma relação com aquele que se apropria da língua –, e, portanto, não consideramos o espaço de enunciação um operador de análise, mas – e é importante ressaltá-lo – como constitutivo, como um *a priori* dela. Essa noção de espaço está vinculada à inserção, pelo locutor, do discurso no mundo, que traz “a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem” (BENVENISTE, 2006, p. 68). Se, conforme Benveniste, “é pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo” (ibid., p. 74), podemos parafraseá-lo afirmando que é pela língua atualizada em discurso que se manifesta a experiência humana do/no espaço.

Certamente, a relação entre *ocupar espaço na língua* e *enunciar* pode ser mais bem observada na escrita, pois o ato mesmo de escrever, de dispor as palavras em determinada ordem, é ocupar espaço na língua-discurso, e tal “ocupação” possui uma materialidade menos efêmera que a enunciação falada, uma vez que fica, de certo modo, registrado o que foi escrito. Há aqui uma peculiaridade. Conforme afirmamos, ao ocupar espaço, é possível a existência de concomitâncias de espaços de enunciação ao mesmo tempo *na fala*; na enunciação escrita, a

natureza desse espaço se dá de modo diferente, mas também pode ocorrer, basta que haja mais de um locutor escrevendo em locais diferentes ao mesmo tempo. No entanto, há uma diferença entre a enunciação falada e a enunciação escrita, a qual diz respeito aos diferentes registros. No caso da escrita, o registro permanece em forma de enunciado em um suporte físico tangível, diferentemente no caso da fala, em que o enunciado pode ser gravado, mas, para que seja observado, estudado, analisado, necessita da escrita.

A segunda divisão que fazemos está relacionada ao espaço que é enunciado, seja ele marcado ou não na enunciação. Insistamos nesse ponto. Toda enunciação possui “eu-aqui-agora”, no entanto, “eu-aqui-agora” não precisam estar marcados formalmente. Obviamente, quando não há a ocorrência da seleção de elementos que remetam à tríade “pessoa-espaço-tempo”, tais elementos não podem ser operadores de análise já que o elemento é vazio. Quando encontramos a marcação formal de elementos que façam referência à situação de enunciação, ou seja, as marcas linguísticas que fazem parte dos indicadores de subjetividade, estamos nos referindo ao *espaço DA enunciação marcado*. É possível, de algum modo, recuperar o contexto da enunciação a partir das marcas deixadas no enunciado.

Nessa divisão, estão inseridos os modos como o homem manifesta sua experiência do espaço na língua, seja através de categorias gramaticais das quais já se “espera” essa manifestação (como demonstrativos, advérbios de lugar etc.), seja através de usos diversos que somente um estudo mais aprofundado poderia dar conta (como os usos dos verbos “levar” e “trazer” e sua total dependência ao contexto de enunciação, como as constantes trocas no uso de formas que costumam remeter a tempo remetendo a espaço, dentre outros exemplos). Dito de outro modo, o que aqui denominamos *espaço da enunciação marcado* está relacionado à marca formal na enunciação através de formas linguísticas específicas que remetam a sentidos relacionados à localização espacial dessa enunciação.

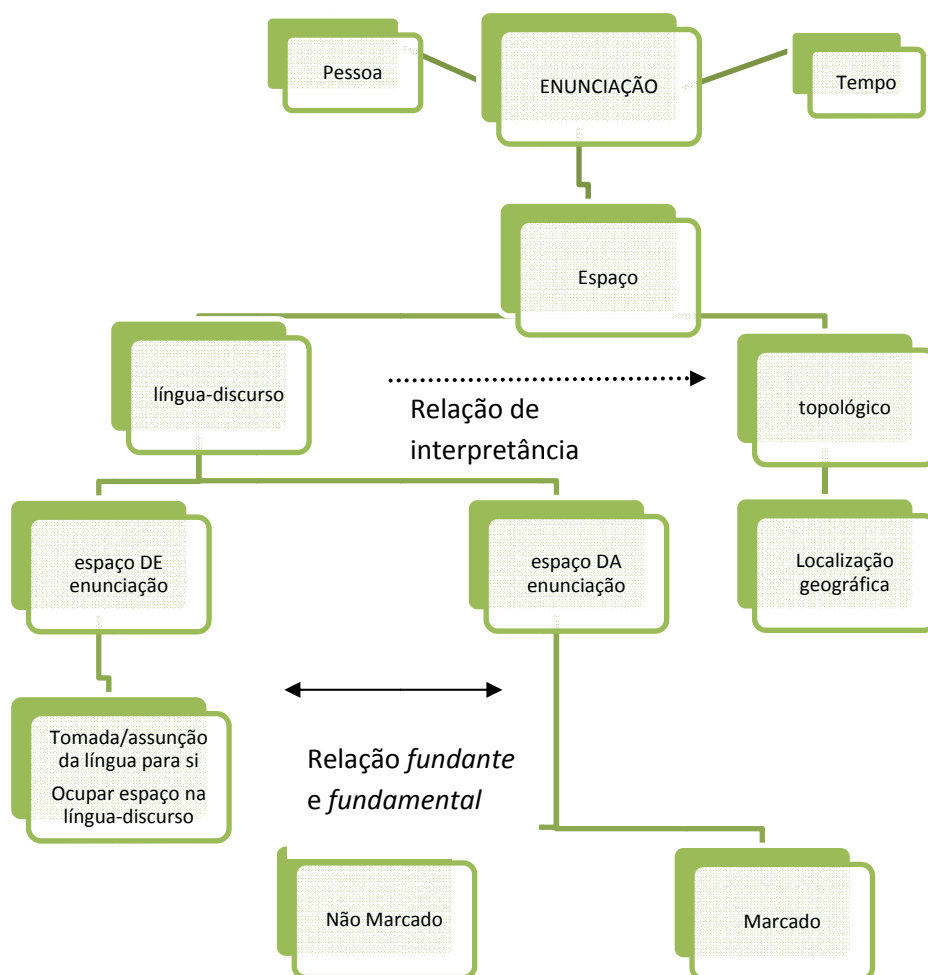
Além disso, o espaço da enunciação será o centro de referência responsável pela disposição (de aproximação/afastamento) dos seres em relação ao “eu” da enunciação, ou seja, toda a organização espacial da enunciação estará ancorada no *aqui*, seja ele enunciado ou não. Para diferenciar o *espaço marcado* do *espaço da enunciação não marcado*, podemos dizer que consideramos aquele um operador da

análise na medida em que sua matéria é apreensível. Quando não o é, referimo-nos ao espaço não marcado, que carrega o “aqui” da tríade enunciativa “eu-tu-aqui- agora” sem ter sido dito, ou seja, sem ter os “indivíduos linguísticos” (advérbios, demonstrativos, etc.) que remetem ao espaço relacionado ao sujeito inscrito no discurso. Podemos dizer que é da ordem do dizível, ainda que não tenha sido dito. No espaço da enunciação, que consideramos não marcado, o sentido de espaço advém da sintagmatização de formas agenciadas pelo locutor na conversão da língua em discurso. É na ação de uma forma sobre outra no discurso que se constitui o sentido de espaço, o qual não está atrelado a uma forma específica, tal como ocorre no que denominamos espaço da enunciação marcado.

Sobre os diferentes modos de marcação do *espaço DA enunciação*, eles podem dar conta de uma série de aspectos, todos, no entanto, relacionais, seja com o sujeito seja com outros pontos de comparação inseridos no discurso. Propriedades/características como dimensões, altura, lateralidade, distância, direção, lugar, volume, localização etc., são algumas das possibilidades de verificação da marcação do *espaço DA enunciação*. Para estudos posteriores, talvez, seja relevante estudar cada uma das manifestações do *espaço DA enunciação* marcadas, uma vez que, dadas as limitações deste trabalho, apresentar tal descrição por ora não seria possível.

Cabe ressaltar que a divisão aqui feita – *espaço DE enunciação* e *espaço DA enunciação* (marcado e não-marcado) – não isola um tipo de espaço do outro; ao contrário: ambos os espaços estão relacionados entre si. Embora não seja uma relação simétrica, uma vez que a existência de cada espaço é verificada de modos diferentes, ambos possuem como características o fato de serem *fundantes* e *fundamentais*. São *fundantes* porque, de um lado, o *espaço DE enunciação* funda a enunciação, e, de outro, o *espaço DA enunciação* é uma das bases que fundam a subjetividade. São, por sua vez, *fundamentais* porque sua existência e presença (mesmo que não marcadas) são condições básicas para a própria existência da enunciação e da (inter)subjetividade.

Na tentativa de nos tornarmos mais claros, sistematizamos nossos deslocamentos a respeito do *espaço* em outro modo de organização:



**Figura 3 – Diagrama:** Sistematização da reflexão sobre espaço.



**Figura 4 – Diagrama:** Relações entre espaço DA enunciação marcado e possibilidades de sentidos.

Como é possível observar nos diagramas acima apresentados, há uma série de relações implicadas a partir da nossa leitura da noção de espaço. As relações *fundantes* e *fundamentais* podem ser consideradas, como seus adjetivos já antecipam, essenciais para nossa proposição a respeito do espaço, uma vez que dão o “pontapé” inicial para as demais relações e subdivisões.

É pertinente, também, reiterar que tal esquematização possui fins unicamente didáticos e com vistas ao auxílio no estudo da noção; quando enunciamos, desconhecemos tais relações e também ignoramos as diferenças existentes entre espaço *DE* e *DA* enunciação. Esse tipo de reflexão não cabe ao usuário da língua-discurso, mas ao linguista.

Convém, ainda, reafirmar que tal leitura – com seus devidos deslocamentos – não se pretende, de nenhum modo, dogmática ou única, mas visa à possibilidade de diálogo criada a partir dessa sistematização – pioneira no que diz respeito ao estudo do espaço no constructo enunciativo benvenistiano. Certamente, poderão surgir respostas a nossa leitura do modo de configuração do espaço na obra do linguista sírio, o que seria, indubitavelmente, profícuo para os estudos enunciativos no Brasil.

Enfim, encaminhamo-nos para o trajeto final de nossa caminhada em que tecemos as considerações de encerramento desta dissertação e onde verificaremos em que medida nossos problemas de pesquisa foram respondidos, que outras questões foram suscitadas a partir deste estudo e como estudos posteriores podem ser pertinentes à pesquisa sobre o *espaço*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CAMINANDO, PREGUNTAMOS

*Cuando es verdadera, cuando nace de la necesidad de decir, a la voz humana no hay quien la pare. Si le niegan la boca, ella habla por las manos, o por los ojos, o por los poros, o por donde sea. Porque todos, toditos, tenemos algo que decir a los demás, alguna cosa que merece ser por los demás celebrada o perdonada.*

Eduardo Galeano

É chegado o momento de, por ora, encerrar nossa trajetória e visualizar algumas “fotografias” do caminho percorrido até aqui para avaliar o modo como ele foi traçado e que pegadas deixamos ao longo da estrada. Avaliar os passos dados e sua qualidade é um movimento necessário, ainda que saibamos da impossibilidade de esgotamento do assunto e da limitação de nossa leitura. Sem a retomada desses passos, dos nossos objetivos ao iniciar a caminhada, das respostas que conseguimos dar a nossas indagações, seria impraticável pensar em implicações decorrentes da jornada empreendida. Ainda que não tenhamos esgotado nossa reflexão, consideramos que algum caminho foi traçado desde o início da travessia. Dedicamo-nos, portanto, neste espaço, a relatar, comunicar, medir, avaliar, comparar, projetar as questões concernentes ao objeto de nosso estudo: o *espaço*.

Por reconhecer a complexidade e a grandiosidade do pensamento de Benveniste, e também por respeitar os grandes leitores do mestre, inserimo-nos como pesquisadora em formação e como leitora atenta no debate do constructo enunciativo benvenistiano com grande cuidado e apreensão e com uma séria preocupação em não distorcer, através de nossa leitura, as reflexões do sírio. Cabe, também, reiterar que o texto apresentado nessas páginas é fruto de nosso ponto de vista a respeito do objeto *espaço* em Émile Benveniste, o que, de modo algum, invalida ou se sobrepõe aos estudos que nos antecederam e aos que nos sucederão.

Como é sabido, para que se possa percorrer uma trajetória até então não desbravada por ninguém, é preciso, antes de iniciar a caminhada, sistematizar o porquê de caminhar, o que se quer/ o que se espera ver ao longo da estrada, de que recursos nos valeremos para seguir andando e chegar ao destino final. Por isso,

antes de iniciarmos o texto que dá forma final desta dissertação, elaboramos perguntas que nos norteariam durante todo o percurso e que serviriam como pontos de parada e de partida na travessia. As questões, por sua vez, foram transformadas – conforme demonstramos nas Considerações Iniciais – em objetivos geral e específicos, os quais passamos a descrever a seguir.

A pergunta crucial que nos fez iniciar o movimento de pesquisa foi **Qual é o espaço do espaço na obra de Émile Benveniste?**. Como já se sabe, esse questionamento surgiu a partir de discussões em uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A partir dela, formulamos nosso objetivo geral, nossos objetivos específicos e passamos ao desenvolvimento, de fato, da investigação.

Por sua vez, as perguntas que orientaram a divisão dos capítulos foram: Como o *espaço* comparece nos estudos linguísticos brasileiros? Há a presença de estudos do *espaço* na obra de Benveniste? Caso haja, o estudo deve ser bastante tímido, se comparado aos estudos de pessoa e tempo. Nesse caso, é possível formular alguma sistematização do modo de configuração do *espaço*? Essas perguntas de pesquisa foram transformadas, por sua vez, em objetivos específicos, aos quais procuramos responder nos capítulos em que se divide nosso texto.

Os objetivos específicos a que visamos atingir são:

1. mostrar e descrever como o *espaço* comparece nos estudos linguísticos brasileiros, principalmente nos estudos gramaticais, com a observação da teoria linguística que sustenta sua reflexão, e nos estudos específicos de linguística da enunciação,
2. verificar em que medida a falta de estudos sobre a noção-categoria de *espaço* é tributária da suposta falta de estudos desenvolvidos na obra de quem é considerado o responsável por delinear as noções de *pessoa-tempo-espaço*, o linguista Émile Benveniste;
3. demonstrar que há a presença de estudos sobre *espaço* na obra do autor;
4. observar e descrever o modo de inserção da reflexão sobre *espaço* em Benveniste;
5. propor nosso modo de leitura da configuração da noção de *espaço*, de modo a desenvolver operadores de leitura e de análise da noção.



Tal qual Sr. Dupin – detetive criado por Edgar Allan Poe nas histórias *Os assassinos da rua Morgue*, *O mistério de Marie Rogêt* e *A carta roubada* –, foi necessário seguir as pistas deixadas sobre a existência de estudos de *espaço* em Benveniste e utilizarmos da observação e análise dos textos para chegar a alguma resposta. Por isso, dividimos nossa investigação – que não é policial, mas científica – em três capítulos, que visam a atingir os objetivos explicitados acima.

No primeiro capítulo, em que procuramos dar conta dos objetivos 1 e 2, definimos nossa trajetória de pesquisa a partir da investigação da presença do *espaço* em gramáticas brasileiras para verificar seu modo de abordagem e a presença de uma teoria linguística subjacente ao estudo. Em função de que dar conta da totalidade de gramáticas do português brasileiro é trabalho suficiente para uma dissertação – e já que esse não é nosso objetivo, mas caminho escolhido para chegar a ele –, estabelecemos critérios de seleção das gramáticas, os quais estavam baseados nas gramáticas mais recorrentes nos programas de graduação em Letras em universidades brasileiras. Uma vez que é atribuído a Benveniste o estudo das categorias de pessoa-tempo-espaço, consideramos pertinente observar o modo de inserção do autor nos estudos linguísticos brasileiros, assim como as leituras feitas por linguistas da contemporaneidade. Entendemos que tal retomada pode nos informar algo sobre o estatuto do estudo do *espaço*, tanto nos estudos linguísticos brasileiros em geral quanto nos que se filiam à Linguística da Enunciação.

Terminadas as observações, constatamos que, embora a categoria de *espaço* seja mencionada em alguns textos, ela não é, de fato, descrita/sistematizada/estudada. Encontramos apenas um texto que fazia referência ao estudo da categoria de *espaço* e, assim mesmo, ao lê-lo, não o encontramos. Posto isso, trouxemos algumas reflexões oriundas da observação feita no primeiro capítulo, que apontam para a urgência de estudos que abordem como ponto de vista primeiro a noção de *espaço*. Certamente, é bastante compreensível que não houvesse estudos a esse respeito, uma vez que os estudos enunciativos no Brasil são bastante recentes e, por isso, há diversas questões em aberto, que carecem de estudos científicos. O estudo do *espaço*, mais que pertinente, tornou-se necessário, tendo em vista a consolidação dos estudos enunciativos no Brasil. Diante da

justificativa de nossa investigação baseada na ausência de pesquisas que abordem o *espaço*, dirigimo-nos ao capítulo seguinte.

Após percorrer um caminho mais geral, que dava conta dos estudos do *espaço* exteriores à teoria enunciativa benvenistiana, fez-se necessário observar o modo de comparecimento do *espaço* no interior da obra de Benveniste. Por isso, no Capítulo 2, quisemos averiguar qual era o *espaço* do *espaço* nos textos daquele a quem é atribuído o estudo das categorias de pessoa-espaço-tempo no escopo enunciativo. No entanto, de antemão, tínhamos questões a serem resolvidas, como, por exemplo, o modo de seleção dos textos de Benveniste, uma vez que abordar todos em um uma dissertação seria da ordem do impossível. Para atingir nossos objetivos – 3 e 4 –, dedicamo-nos, nesse capítulo, a descrever os métodos de seleção dos textos de *Problemas de Linguística Geral I e II*.

Criar o próprio método é sempre bastante desafiador, pois, apesar de as leituras de Benveniste que nos antecederam terem contribuído significativamente para ele, era necessário traçar nosso próprio caminho de pesquisa na obra do linguista. Era preciso descer dos ombros do gigante e dar nossos primeiros passos, ainda que pequenos. Nosso modo de seleção, então, incidiu sobre a seleção de *palavras significativas*, e, a partir delas, selecionamos os textos em que elas figuravam. O segundo critério de seleção foi ancorado em Normand (2009), ao escolher, dentre os textos com *palavras significativas*, aqueles pertencentes à reflexão enunciativa do autor. Diante dos critérios, foram selecionados 10 textos, de um universo de 48, que atendiam aos dois critérios de seleção estabelecidos. Com base nessa verificação preliminar do comparecimento do *espaço* em Benveniste, podemos afirmar que *o espaço está presente nos estudos de Benveniste a propósito da Enunciação*. Comprovada o comparecimento do *espaço* em Benveniste, restava-nos buscar compreender o modo de inserção na reflexão, além de propor uma nova sistematização de seu estudo. Para isso, dirigimo-nos ao terceiro e último capítulo de nossa dissertação.

Encontrar palavras que estejam relacionadas ao estudo do *espaço* não é informação suficiente para defender a existência de uma teorização sobre o *espaço* em Benveniste. Por isso, consideramos pertinente, no Capítulo 3 – onde almejamos atingir os objetivos 4 e 5 –, apresentar os contextos de ocorrência das palavras e, a

partir deles, apresentar nossa leitura a respeito do sentido que seu uso adquire em cada contexto. Além disso, sistematizamos nossa proposição a respeito da organização do *espaço*, de modo que seja possível localizar claramente as relações e as diferenças estabelecidas entre noções e conceitos existentes na obra de Benveniste.

Para dar conta de demonstrar nosso ponto de vista, desenvolvemos operadores de leitura, *ideia* e *emprego*, cuja definição se encontra em Benveniste e da qual somente nos valemos para dar consistência à investigação. Além disso, apontamos para a relação entre espaço e tempo, marcada pelo hífen e pela letra e conjuntiva, e desenvolvemos uma divisão na noção de espaço, que, de algum modo, tematiza os pontos abordados no capítulo.

Por fim, propusemos uma distinção entre *espaço DE enunciação* e *espaço DA enunciação* (marcado e não marcado), que consideramos *fundantes* e *fundamentais*. O *espaço DE enunciação* é fundante porque é condição para o homem simbolizar por meio da linguagem ao ocupar um lugar onde se apropria da língua para, enquanto locutor, convertê-la em discurso. Ao inserir seu discurso no mundo, assinala seu espaço de enunciação. Já o *espaço DA enunciação* (marcado e não marcado) é fundamental por constituir a intersubjetividade vinculada ao espaço linguístico inscrito no discurso que resulta do ato de enunciação, por meio da qual estabelece uma rede de referências relacionadas ao *aqui* de quem se enuncia e que, através dessas relações espaciais, implanta o outro diante de si.

Após retomar a trajetória, cabe-nos avaliar em que medida atingimos nossos objetivos e que outras questões surgiram ao longo do caminho que possibilitarão estudos posteriores, tanto nossos quanto de outros pesquisadores. Avaliamos positivamente a feitura desta investigação, uma vez que esta parecia ser a única sobre a qual não havia pesquisas. De fato, como já comprovamos, os estudos que tematizavam o espaço são escassos, e isso nos encorajou a permanecer no caminho em busca do espaço perdido.

Além disso, consideramos que o trajeto até aqui percorrido, embora não tenha conseguido dar conta de todos os pontos inicialmente almejados, aponta para algumas reflexões na área da Linguística da Enunciação – principalmente para os que estudam *com* Benveniste – e traz contribuições significativas para o campo, na

medida em que é um estudo pioneiro no Brasil. Apesar de Benveniste não dar a mesma importância a *espaço* que dá a *pessoa* e ao *tempo*, a noção é abordada; caso contrário, não teria sido possível elaborar nossa pesquisa. Se cada noção aborda diferentes aspectos, não podemos, como linguistas, colocar em uma disposição igualitária o estudo de cada um. Entretanto, como saber qual o lugar do *espaço* na obra de Benveniste sem empreender esta pesquisa? Como deixar de usá-la inadvertidamente se não através de um estudo científico?

Indubitavelmente, faltou-nos *espaço de tempo* para desenvolver mais questões pertinentes ao estudo, que poderiam lhe conferir mais consistência, rigor e vigor. Se colocamos “*espaço de tempo*” lado a lado ou utilizamos “*espaço-tempo*” separados por um hífen é porque há, certamente, relação entre cada noção. Isso é inegável e é atestado em nossa leitura feita no Capítulo 3, quando abordamos palavras como “coordenadas, relações, sistema”. Entretanto, como esse não era o objetivo de nosso estudo, apontamo-lo como uma possibilidade de estudo posterior, em que prevaleça o estudo das relações e das diferenciações entre *espaço* e *tempo*. Trata-se, melhor dito, dos movimentos de aproximação e de afastamento entre as duas noções. Certamente, seria uma pesquisa de grande valia para a área, pois essa ligação é demarcada por Benveniste, sem que, no entanto, tenhamos nos debruçado detidamente sobre ela. Eis um ponto a ser investigado.

Além de aprofundar as relações entre *espaço* e *tempo*, seria produtivo verificar como a sistematização do *espaço* apresentada nesta dissertação serviria para estudos de análise de fatos enunciativos. Dispomos de coletas de fatos ricos para esta pesquisa e para a reflexão sobre a relação entre *espaço* e *tempo*, a substituição de um uso por outro, a dependência do *espaço* DE e DA enunciação para a enunciação etc. Certamente, em momento oportuno, esse estudo será desenvolvido e seus resultados, divulgados.

Em síntese, consideramos que há algumas implicações decorrentes de nossa pesquisa: as implicações teóricas são, antes de tudo, implicações epistemológicas, pois buscam o próprio cerne, o próprio fundamento da questão e, ainda, procuram verificar a natureza das concepções, questioná-las, tirá-las de sua estabilidade. Há também as implicações para o campo da Linguística da Enunciação, já que, até

então, de acordo com nossa varredura, não havia estudos a respeito do *espaço* em Benveniste.

Certamente, a leitura a que nos propusemos fazer sobre a noção de espaço não será a verdade última e absoluta no que toca à questão, tampouco teve essa pretensão. Cabe salientar que o caminho até aqui percorrido é o que nossa prática de caminhadas e nossa bagagem nos permitiu fazer. Ainda assim, esperamos ter contribuído para as pesquisas no campo disciplinar da Linguística da Enunciação, principalmente quanto à Teoria da Enunciação de Émile Benveniste.

Criar este espaço de interlocução, demarcar, à nossa maneira, os caminhos que seguimos e que deixamos em aberto – para que, talvez, outros o trilhem – é de importância capital para a constituição e a sedimentação deste estudo. Esperamos que, de algum modo, este trabalho seja lido e visto como uma tentativa de contribuição (ainda que bastante singela) para os estudos na área e encontre espaço e escuta entre seus leitores.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M.B.; RODRIGUES, A.C.S. *Gramática do português falado*. Volume VII: novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023: Informação e documentação – Referências – Elaboração*. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

\_\_\_\_\_. *NBR 10520: Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

\_\_\_\_\_. *NBR 6027: Informação e documentação – Sumário – Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

\_\_\_\_\_. *NBR 6028: Informação e documentação – Resumo – Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

\_\_\_\_\_. *NBR 14724: Informação e documentação – Trabalhos Acadêmicos – Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BENVENISTE, Émile. *Origine de la formation des noms en indo-européen*. Paris: Maisonneuve, 1935.

\_\_\_\_\_. *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen*. Paris: Maisonneuve, 1948.

\_\_\_\_\_. *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*. Paris: Minuit, 1969.

\_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BRAIT, 1994/1995. La réception d'Émile Benveniste au Brésil: quelques aspects. *Língua e literatura*, São Paulo, n.21, p.199-215, 1994,1995.

CERTEAU. Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: F. Indursky e M. C. L. Ferreira (Orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre, Editora SagraLuzzatto, 1999.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis FelipeL. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CREMONESE, Lia Emília. *Bases epistemológicas para a elaboração de um dicionário de Linguística da Enunciação*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras. Orientação: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores; Co-orientação: Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto. Porto Alegre, 2007.

DOSSE, François. *História do estruturalismo: o campo do signo*. v. 2. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

FILINICH, María Isabel. *Enunciación*. Argentina: EUDEBA, 1998.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.

\_\_\_\_\_. Pragmática. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à Linguística: princípios de análise*. v. 2. São Paulo: Contexto, 2003.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Notas para uma (re)leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. *O sentido na linguagem: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene (Orgs.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento; SILVA, Silvana; LICHTENBERG, Sônia; WEIGERT, Thaís. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. Linguística da Enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. In.: *ReVEL*, v.9, n.16, 2011. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

FONTANILLE, Jacques. *Les espaces subjectives: Introduction à la sémiotique de l'observateur*. Paris: Hachette, 1989.

FREITAS, Ernani Cesar. A enunciação em texto jornalístico: o uso das categorias de tempo, espaço e pessoa. *ReVEL*, v.9, n.16, p.1-25, mar, 2011.

GIACOMELLI, Karina. *Ciência, disciplina e manual: É. Benveniste e a Linguística da Enunciação*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-graduação em Letras. Orientação: Profa. Dra. Vera Lúcia Pires. Santa Maria, RS, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. História, Sujeito, Enunciação. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, SP, 35, 109-116, jul/dez, 1998.

HOUAISS, Instituto Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 2.0a [CD-ROM]. 2007.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado*. Volume II: níveis de análise linguística. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.



ILARI, Rodolfo et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *Gramática do português falado: a ordem*. v.1. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1990.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LACEY, Hugh. *A linguagem do espaço e do tempo*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

MELLO, Vera Helena Dentee de. *A sintagmatização-semantização: uma proposta de análise do texto*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em letras. Orientação: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: 2012.

MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Éditions Verdier, Lagrasse, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Reginaldo di Piero. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

NEVES, Maria Helena de. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NORMAND, Claudine. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009a.

\_\_\_\_\_. Leituras de Émile Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. *Letras de hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v. 44, p. 12-19, jan/mar. 2009b.

\_\_\_\_\_. Os termos da enunciação em Émile Benveniste. In: OLIVEIRA, S.L.; PARLATTO, F. *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996.

ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert Lucas, 2007.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

PARRET, Hermann. *Enunciação e pragmática*. Campinas, SP: UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.) *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

POSSENTI, Sírio. O que significa "o sentido depende da enunciação"?. In: Brait, Elizabeth (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes-Fapesp, 2001.

PROJETO BENVENISTE ON-LINE. Disponível em <http://www6.ufrgs.br/letras/benvenisteonline/>. Acesso em: 12 de julho de 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, Carmem Luci da. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

TEIXEIRA, Marlene. 1º Colóquio Leituras de Émile Benveniste – sessão de abertura. *Letras de Hoje: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 39, n.138, p.7-8, dez 2004.

VANDELOISE, Claude. *L'espace en français*. Paris: Seuil, 1986.